

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**PATRIMÔNIO E COMUNIDADE: RUÍNAS ROMANAS DE
MILREU, ESTOI (FARO)**

FERNANDO RODRIGUES DE JÁCOMO

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professor Doutor João Pedro Bernardes

2024

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**PATRIMÔNIO E COMUNIDADE: RUÍNAS ROMANAS DE
MILREU, ESTOI (FARO)**

FERNANDO RODRIGUES DE JÁCOMO

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia

**Trabalho efetuado sob a orientação de
Professor Doutor João Pedro Bernardes**

2024

PATRIMÔNIO E COMUNIDADE: RUÍNAS ROMANAS DE MILREU, ESTOI (FARO)

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Fernando Rodrigues de Jácomo

.....

Direitos de cópia ou Copyright

© Copyright: Fernando Rodrigues de Jácomo

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Resumo

Milreu é um importante sítio arqueológico localizado a 7 km de Faro, na aldeia de Estoi, Portugal. Inclui uma variedade de estruturas romanas que reconta um período ocupacional milenar. No entanto, tamanha relevância não impediu que houvesse um distanciamento com sua comunidade local que se coloca pouco engajada com relação ao espaço apesar desta estar inserida em uma aldeia com elementos históricos e culturais ricos. Este projeto visou analisar a relação atual entre Milreu e a comunidade de Estoi e compreender as razões para esse distanciamento. Por meio da aplicação de inquéritos *online* e entrevistas individuais, foi proposta uma discussão pautada nas diretrizes da arqueologia comunitária para compreender as principais divergências e expectativas entre população e agentes responsáveis pelo sítio. Nesse sentido compreender as competências necessárias para um plano de reversão e estabelecer bases para a aplicação de ações concretas corretivas.

Palavras-chave: Arqueologia Comunitária, Romano, Arqueologia Portuguesa

Abstract

Milreu is an important archaeological site located 7 km from Faro, in the village of Estoi, Portugal. It includes a variety of Roman structures that recount a millennial period of occupation. However, despite its significance, there is a notable disengagement between the site and the local community even being part of a village with rich historical and cultural elements. This project aimed to analyze the current relationship between Milreu and the community of Estoi and to understand the reasons for this disconnection. Through online surveys and individual interviews, a discussion was proposed based on the guidelines of Community Archaeology to understand the main divergences and expectations between the local population and the site's responsible agents. In this context, the goal was to identify the necessary competencies for a reversal plan and to establish foundations for the implementation of concrete corrective initiatives

Keywords: Community Archaeology, Roman, Portuguese Archaeology

Índice Geral

Índice de Figuras	9
Índice de Tabelas	11
1. Introdução	12
2. Contextualização	13
2.1 O sítio de Milreu	13
2.1.1 Visão Geral	13
2.1.2 Cronologia	14
2.1.3 Patrimônio Cultural I.P.	19
2.2 A Aldeia de Estoi	20
2.2.1 Paisagem	20
2.2.2 Enquadramento Histórico e Administrativo	22
2.2.3 Enquadramento Económico	24
2.2.4 Aspectos Culturais	25
2.2.5 Valor Patrimonial de Estoi	28
3. A comunidade de Estoi e o património arqueológico de Milreu	29
3.1 Arqueologia e Comunidade	29
3.1.1 Casos de análise e ponderações para a extrapolação do método da arqueologia comunitária	31
3.2 Envolvimento comunitário na arqueologia portuguesa	34
3.3 Património de Milreu e Estoi	37
3.4 Trabalhos arqueológicos em Milreu envolvendo a comunidade de Estoi	38
4. Estruturação da análise da relação de Estoi e património de Milreu na atualidade	44
4.1 Objetivos	44
4.2 Metodologia	44
4.2.1 Visão Geral	44
4.2.2 Inquérito Online	45
4.2.2.1 Amostra e divulgação	45
4.2.2.2 Composição do Questionário	46
4.2.2.3 Sanitização e apresentação dos dados	46
4.2.3 Entrevistas Presenciais	47
4.2.4 Apresentação dos dados	48
4.2.5 Revisão bibliográfica e discussão	49
5. Resultados	49
5.1 Inquéritos Online	49
5.1.1 Avaliação do inquérito	49
5.1.1.1 Validação da amostra com base nos dados demográficos	50
5.1.1.2 Receptividade dos inquéritos	52

5.1.2 Resultados dos inquéritos	54
5.1.2.1 Perfil social e comportamental da amostra	54
5.1.2.1.1 Nacionalidade e residência	54
5.1.2.1.2 Horas vagas	55
5.1.2.1.3 Aspectos sócio-econômicos	57
5.1.2.1.4 Relação com o patrimônio material e imaterial	61
5.1.2.2 Percepção sobre Milreu	62
5.1.2.2.1 Informações sobre visitação	62
5.1.2.2.2 Análise de satisfação e propostas de melhorias	64
5.1.2.2.3 Eventos Culturais	68
5.1.2.2.4 O papel da Arqueologia na vida das pessoas	71
5.1.3 Conclusões parciais	73
5.2 Entrevistas Individuais	74
5.2.1 Perfil dos respondentes	74
5.2.2 Percepções gerais sobre Estoi	75
5.2.3 Percepções sobre Milreu	76
5.2.4 O papel da Arqueologia na vida das pessoas	77
5.2.5 Melhorias esperadas	78
5.2.6 Convergências	78
5.2.6.1 Comunidade Geral	78
5.2.6.2 Profissionais de Milreu e Comunidade	78
5.2.7 Divergências	79
5.2.7.1 Divergências dentro da comunidade	79
5.2.7.2 Divergência entre profissionais de Milreu e comunidade	79
6. Consolidação dos resultados	79
6.1 Análise SWOT	79
7. Discussão	81
7.1 Informação e comunicação	81
7.1.1 O problema da falta de informação	82
7.1.2 Avaliação dos cenários	83
7.1.2.1 Informações operacionais	83
7.1.2.1.1 Preços	83
7.1.2.1.2 Placas e Sinalizações	84
7.1.2.1.3 Horários	85
7.1.2.1.4 Informações gerais: sítio, história e informações arqueológicas	85
7.1.2.1.5 Comunicação: eventos, publicidade, merchandising e redes sociais	86
7.1.3 Proposta de trabalho: a arqueologia comunitária como ferramenta na gestão da informação e comunicação	87
7.2 A problemática do Engajamento	89
7.2.1 Participação social	91
7.2.2 Participação pública	91

7.2.4 Ponderação da participação	92
7.3 Impactos imigratórios locais, influência estrangeira e a gestão do patrimônio	93
8. Conclusão	94
9. Bibliografia	97
Anexos	103
ANEXO 1 - Questões relativas ao inquérito online	104
Parte 1 - Perfil	104
Parte 2 - Sobre as Ruínas de Milreu	106
Parte 3 - Opcional - Caso a pessoa não tenha visitado Milreu	107
Parte 4- Relação com Patrimônio e Arqueologia	108
ANEXO 2 - Sumarização das entrevistas individuais	108
Entrevista - Morador de Estoi / Ex-morador	108
Entrevista - Morador de Estoi	111
Entrevista - Morador de Estoi / Ex-morador	113
Entrevista - Trabalhador em Estoi	116
Entrevista - Dr. António Medeiros - Profissional de Milreu e Morador de Estoi	118
Entrevista - Realizou atividade em Milreu	121
Entrevista - Profissional de Milreu	124
Entrevista - Ex-morador de Estoi e Trabalhador em Estoi	126
Entrevista - Morador de Estoi e Trabalhador em Estoi	127
ANEXO 3 - Construção da oralidade entre Milreu e Estoi	128
Método de coleta	128
Oralidades	129
Jogos de Infância	129
Escavações arqueológicas e relação artefatos	129
A relevância e percepção dos problemas de Estoi	130
Festa da Pinha	130
Origens pagãs	130
A Moura Encantada	131
Túneis de Milreu	131
ANEXO 4 - Observações não sistemáticas	132
Avaliação do cenário português para avaliação do patrimônio material e imaterial	132
Observações relativas a comunidade de Estoi	133
Visita à aldeia	133
Visita guiada às Ruínas	137
<i>Insights e correlações</i>	139
Comparação entre as observações	139

Índice de Figuras

Figura 2.1 Edifício de cultos de Milreu na atualidade	15
Figura 2.2 Pormenor das paredes do edifício de cultos construído com tijolos e <i>opus caementicium</i>	15
Figura 2.3 Cópia da planta de Milreu segundo Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga	17
Figura 2.4 Igreja Matriz de São Martinho	22
Figura 2.5 Fonte central localizada no nível mais baixo dos Jardins do Palácio de Estoi	24
Figura 2.6 Cortejo em evento da festa da Pinha em 2 de Maio de 2024 na Rua de Faro, em frente ao edifício de cultos de Milreu	26
Figura 2.7 Emiliano da Costa em frente à Casa Rural de Milreu. Foto faz parte do espólio do poeta.	27
Figura 3.1 Anúncio em jornal local sobre comercialização de área que potencialmente corresponde à parte ou proximidade do sítio de Milreu	38
Figura 3.2 Theodor Hauschild e sua equipa de escavadores em Milreu, Foto da coleção de Maria de Lurdes Mendes Martins (Partilha Alternativa, s.d.)	41
Figura 3.3 Hauschild e escavadores. Coleção de fotos de Maria de Lurdes Mendes Martins	41
Figura 3.4 Recolha de materiais. Coleção de fotos de Maria de Lurdes Mendes Martins	42
Figura 3.5- Imagem da Casa Rural - Datação desconhecida	42
Figura 3.6 Interior da Casa Rural	43
Figura 3.7 Rosário Félix desenha as memórias de Natalina Crispim acerca da Casa Rural	43
Figura 5.1 Campanha realizada entre os meses de Dezembro de 2023 e Maio de 2024 que apresentaram maior engajamento	53
Figura 5.2 Total de respondentes que não se consideram portugueses ou apenas portugueses	55
Figura 5.3 Percentual de aposentados na amostra	58
Figura 5.4 Quantidade de aposentados na amostra por gênero	58

Figura 5.5 Quantidade de aposentados na amostra por nacionalidade	58
Figura 5.6 Quantidade de trabalhadores por setor dentro da amostra selecionada	59
Figura 5.7 Comparação entre composição de setores econômicos e tendência entre inquérito realizado e Censo 2021	60
Figura 5.8 Frequência de visitas a museus e monumentos históricos portugueses - por número de respondentes conforme amostra	61
Figura 5.9 Frequência de participação em eventos municipais - por número de respondentes conforme amostra	61
Figura 5.10 Frequência absoluta em Milreu (conforme amostra) - Concelho de Faro	63
Figura 5.11 Frequência absoluta em Milreu (conforme amostra) - Esceto concelho de Faro	63
Figura 5.12 Quantidade de pessoas que nunca ouviram falar de Milreu	65
Figura 5.13 Canal utilizado pelos respondentes para poderem se informar sobre eventos culturais na região.	70
Figura 5.14 Frequência com que as pessoas ouvem sobre descobertas arqueológicas em Milreu	72
Figura 7.1 Planta Geral em fotografia realizada no espaço em fevereiro de 2023	84
Figura 7.2 Planta Geral em fotografia realizada no espaço em abril de 2024	84

Índice de Tabelas

Tabela 5.1 Comparativo percentual por município e gênero entre Censo 2021 (INE, 2021) e inquérito realizado entre os meses de Dezembro de 2023 e Maio de 2024 acerca das ruínas romanas de Milreu	50
Tabela 5.2 O que costuma fazer nas horas vagas? (por gênero - conforme amostra)	56
Tabela 5.3 O que os respondentes fazem nas horas vagas (por idade - conforme amostra)	56
Tabela 5.4 As 5 áreas de atuação com maior ocorrência por setor econômico	59
Tabela 5.5 Relação entre frequência de participação em eventos na freguesia e frequência de visitação à patrimônios históricos portugueses	61
Tabela 5.6 Razões para não ter visitado Milreu - Região do Algarve	64
Tabela 5.7 Detalhamento por Subtema das sugestões - conforme amostra	66
Tabela 5.8 Sugestões relacionadas à Arqueologia e Patrimônio - Grafia e expressões mantidas conforme inserido pelos respondentes	67
Tabela 5.9 Se pudesse ser arqueólogo por um dia, o que gostaria de fazer em Milreu - por idade conforme amostra	67
Tabela 5.10 Relação entre atividades e retirados - conforme amostra	69
Tabela 5.11 Percentual da categorização de outras atividades sugeridas que motivariam as pessoas em frequentar Milreu - conforme amostra	69
Tabela 5.12 Canal de informação sobre eventos por idade, conforme amostra	71
Tabela 5.13 Sugestão sobre a participação da Arqueologia em Portugal	72
Tabela 5.14 Perfil geral dos respondentes da amostra	74
Tabela 6.1 Matriz SWOT acerca de Milreu com base nos inquéritos e entrevistas	80

1. Introdução

O envolvimento das pessoas e a responsabilidade social em integrá-las dentro das dinâmicas da arqueologia têm se tornado cada vez mais relevantes na prática contemporânea. Essa integração não apenas enriquece a investigação científica, mas também promove um senso de responsabilidade e pertencimento em relação ao patrimônio cultural. O resultado pode culminar em novas possibilidades de preservação dos bens culturais assim como o desenvolvimento de novas interpretações baseadas na oralidade e nas tradições locais, muitas vezes negligenciadas.

Não é de hoje que a participação coletiva vem sendo considerada, porém o que se via com maior frequência em comunidades, das quais os arqueólogos dependiam delas para acessar os espaços, por exemplo, hoje vem ganhando espaço em contextos já metodologicamente bem estabelecidos e nesse sentido, colocando a população no centro do processo.

A arqueologia comunitária exemplifica essa dinâmica que, por meio de seu método e provocações, envolve a comunidade em todas as etapas do processo arqueológico dando a ela capacidade de tomar decisões.

Porém é essencial adaptar os métodos ao contexto local, compreender as razões do engajamento comunitário e equilibrar as expectativas de todos os envolvidos. Além do mais, é preciso que sua comunidade seja capaz de atuar nas diversas proposições que esta fará e executará junto ao arqueólogo.

Nesse sentido, o sítio arqueológico das Ruínas Romanas de Milreu em Portugal e sua comunidade na aldeia de Estoi se tornam oportunos para a aplicação do método. Milreu é um importante sítio arqueológico que possui valor investigativo ímpar e estado preservacional notável. Objeto de inúmeros estudos e apreciações culturais no decorrer do tempo, possui uma rica coleção de informações que permeia séculos de ocupação em quatro cronologias. Por outro lado, Estoi é uma aldeia típica algarvia, cercada de patrimônios materiais e imateriais e que mantém tradições com grande apelo popular como a Festa da Pinha.

A relação rica entre Milreu e sua comunidade, poderiam ser exemplares, porém, é percebida que mesmo nesse cenário, há um distanciamento entre eles. Com eventos regulares e atividades educacionais frequentes, a administração de Milreu vê pouco da participação e interesse da aldeia.

Desta forma, é necessário identificar as razões deste desengajamento e pautar um caminho por onde estratégias possam ser construídas, sobretudo com base nos métodos e casos similares onde abordagens como as da arqueologia comunitária foram aplicadas.

2. Contextualização

2.1 O sítio de Milreu

2.1.1 Visão Geral

Milreu está localizado a 7 quilômetros da cidade de Faro, na aldeia de Estoi, Portugal. Sua relevância histórica, estado preservacional e qualidade científica-acadêmica são notáveis. Nos seus aproximadamente 15.800 metros quadrados, apresenta uma variedade de estruturas, incluindo muros, pavimentos, tanques e sistemas de canalização, com diversos tipos de revestimentos como rebocos, pinturas parietais e mosaicos (Hauschild e Teichner, 2002).

É caracterizada por duas áreas principais: a *pars urbana*, com o peristilo, anexo e termas com diversos tanques com água quente (*caldarium*) e fria (*frigidarium*); a *pars rustica*, com caves, instalações agrícolas, lagar e alojamento da criadagem. No espaço é possível perceber as ruínas de um imponente "templo" ou edifício de culto com sepulturas que também são percebidas a alguns metros na direção sul.

Apesar de ter estruturas romanas mais evidentes, a cronologia de Milreu é mais complexa. Durante sua era funcional, Milreu atravessou diversos períodos numa ocupação constante que se moldou conforme sua época e que estão representadas em suas estruturas. Muito do que está proeminente à primeira vista, diz respeito ao período da ocupação romana no Algarve, contudo, posteriormente num movimento comum à Europa durante a era medieval, incorporou elementos paleocristãos e logo em seguida, mulçumanos. Durante a transição da Idade Média para a Idade Moderna, uma casa rural foi erguida sobre as estruturas romanas originais e se manteve funcional até o século XX.

Já na contemporaneidade, é comum dentro da oralidade dos moradores de Estoi, ouvir histórias envolvendo as ruínas, visto que elas estavam integradas na rotina

das pessoas. Hoje, parte do que se conhece do sítio foi musealizada e outra parte está sob plantações de laranjas.

É correto afirmar, portanto, que Milreu tem vinte séculos de ocupação constante, com características que moldaram a paisagem e o cotidiano das pessoas, incluindo aquelas da contemporaneidade que viram o espaço se transformar consideravelmente nos séculos XX e XXI, especialmente sob a guarda do trabalho arqueológico.

2.1.2 Cronologia

Milreu foi inicialmente edificada entre o século I e II d.C., passou por diversas modernizações e transformações nos séculos seguintes e tinha propósitos agrícolas focados no abastecimento à urbe local, *Ossonoba*, região onde está a cidade de Faro, atualmente.

Entre os séculos III e IV, as fronteiras do império romano estavam sob ataque dos germânicos e as grandes cidades perderam lentamente seu papel protagonista dentro da economia romana devido aos sucessivos saques e destruições. As *villas* passaram a ser um local seguro, permitindo o refúgio para uma população em fuga dos principais centros urbanos e passando a ser residências permanentes das classes privilegiadas e protegidas por pequenos exércitos privados. Tal mudança no modelo econômico-social, alterou Milreu que passou então por reformas luxuosas para adequar as demandas dos novos moradores (Marques, 2022).

Essa elevação na posição social dos proprietários de Milreu é refletida nas decorações em especial nos bustos da imperatriz Júlia Agripina Menor (século I), mãe de Nero e quarta esposa do imperador Cláudio e nos imperadores Adriano (século II) e Galiano (século III).

No final do século IV, os pilares de tijolos no peristilo são substituídos por mármore e novos mosaicos com peixes policromáticos são introduzidos (Teichner, 2001).

O período também foi marcado pela construção do edifício de culto (Figura 2.1) construído com tijolos e *opus caementicium* (Figura 2.2), elevado sobre um *podium* rodeado por colunas e dedicado à divindades aquáticas. Em torno deste mesmo *podium*, é possível verificar também mosaicos diversos remetendo à criaturas aquáticas alinhadas num friso parietal contínuo de quase 50 metros (Hauschild e Teichner, 2002).



Figura 2.1 Edifício de cultos de Milreu na atualidade



Figura 2.2 Pormenor das paredes do edifício de cultos construído com tijolos e *opus caementicium*

Com a cristianização do império, as devoções no templo passaram a ser outras e no século VI ou VII, é construído um batistério. Apesar de não ser possível datar a construção deste, sabe-se que foi erguido sobre sepulturas que já eram cristãs, o que é possível afirmar que já no século V, o edifício possuía propósitos cristãos. É válido reforçar que já no século IV já existia um bispo na cidade de *Ossonoba* (Hauschild e Teichner, 2002).

No século VIII, o templo paleocristão passa a ser direcionado à devoção muçulmana. Em uma das colunas presentes no local, foi epigrafado à altura dos olhos uma referência à família *al-Hammi*, cuja tradução significa "das Caldas". A hipótese portanto é que o povoamento de Milreu permaneceu constante sem muitas modificações durante o primeiro milênio (Hauschild e Teichner, 2002).

Acredita-se que no século X houve um terremoto que selou alguns vestígios como uma "cápsula do tempo", contudo a decadência da *villa* não está clara, sendo o espaço utilizado nos anos seguintes para atividade rural local.

No século XIV é edificada a casa rural sobre parte das estruturas originais e que passou por diversas intervenções no decorrer dos anos. Apesar de ter as estruturas preservadas até a atualidade, abrigou famílias até o século XX. Funcionalmente

abrigava espaços internos para os animais domésticos e possui quatro cunhais cilíndricos com pequenas frestas para vigilância.

Em meados do século XVI, o humanista e frade dominicano André de Resende (1498-1573), supõe equivocadamente que as ruínas de Milreu eram na verdade da antiga cidade de *Ossonoba*. Isso ocasionaria uma falha interpretativa que duraria séculos. A falha de interpretação de Resende tem raízes em uma obra perdida do século X do geógrafo árabe Al-Rasis (887-955), que detalhou a geografia de toda a península Ibérica. Tal confusão só foi revertida no século XX (Teichner, 2001).

O primeiro esforço com fins arqueológicos ocorreu no século XIX, com as expedições de Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga (1828-1891), que no inverno de 1876, recebeu a tarefa de realizar o levantamento arqueológico da vila de Mértola e da província do Algarve. Foi pioneiro na aplicação de uma metodologia científica na arqueologia portuguesa, coletando informações detalhadas, realizando escavações ordenadas e registrando todo o processo, incluindo os artefatos encontrados. Apesar dos desafios enfrentados, sua determinação e dedicação permitiram o sucesso do projeto ao longo de 19 meses de trabalho (Ferreira, 2022).

Estácio foi pioneiro no trabalho nas ruínas romanas de Milreu, onde seu esforço exaustivo, marcou uma mudança na percepção da arqueologia como simples colecionismo de artefatos. De maneira geral, seus registros foram documentados em primeira mão no "Diário de Notícias" de 1876, abrangendo vestígios de construções romanas e de outras cronologias ao longo do rio Guadiana até a torre de Marim e Milreu (Marques, 2022).

Em 1877, Estácio produziu uma planta completa do sítio (Figura 2.3) e posteriormente uma nova planta foi publicada anos mais tarde por Pereira Boto (1851-1907) na qual não está certo se foi uma revisão com base na planta original. Após esse período, é referenciado pela bibliografia que parte do sítio foi novamente coberto com terra e parte dá espaço à agricultura local (Teichner, 2001).

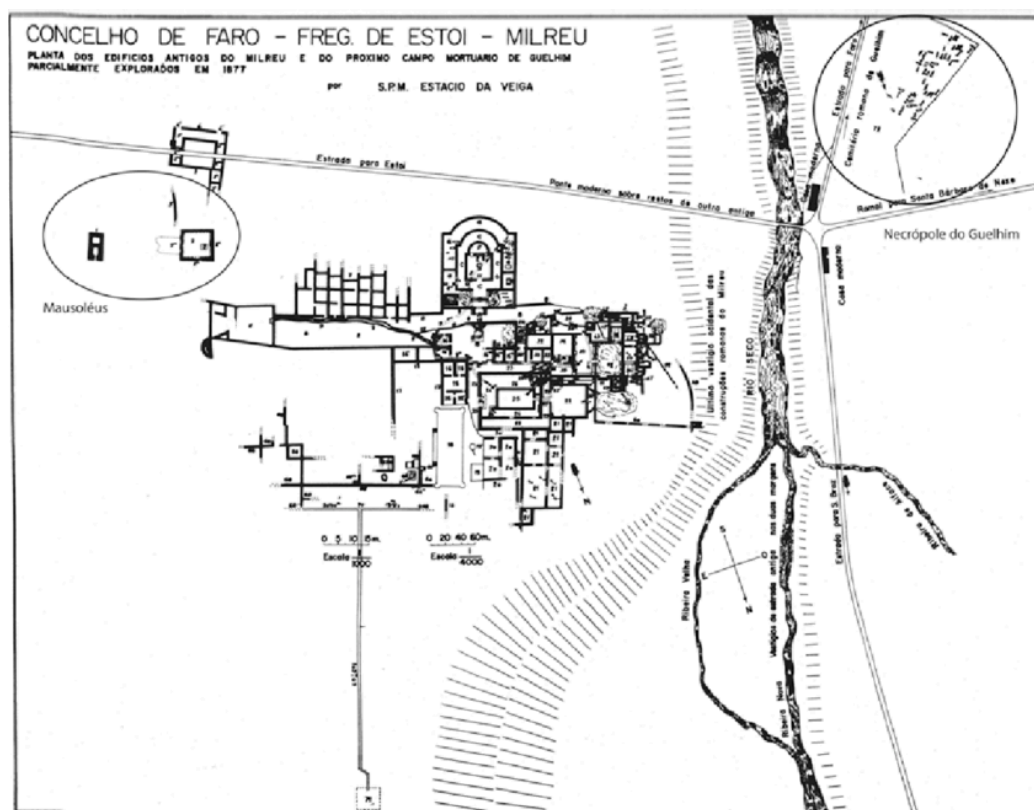


Figura 2.3 Cópia da planta de Milreu segundo Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga (Hauschild e Teichner, 2002).

Em 1910, o sítio é considerado patrimônio nacional e foi estudado novamente em 1941 por Mário Lyster Franco (1902-1984) e pouco depois, intervencionado pelos serviços do antigo IPPC e por Pinheiro e Rosa (1908-1985), antigo diretor do Museu Arqueológico de Faro, com o fim de conservação do conjunto monumental.

Em 1959, Jorge de Sena visitou o Algarve e em companhia do brasileiro Erico Veríssimo e do poeta e morador de Estoi, Emiliano da Costa, realizou um passeio por Estoi e pelo museu de Faro, se deparando com um pequeno busto oriundo das ruínas. Marcado pela experiência, mais tarde criou um poema escrito em 1963 intitulado "Cabecinha romana de Milreu", já em Araraquara, no Brasil. Em homenagem a essa contribuição literária, a Junta de Freguesia de Estói, inaugurou um painel de azulejos em sua honra em 25 de abril de 2010 na rua da Barroca (Quinteiro e Baleiro, 2024).

Nos anos 1970, o sítio é musealizado e também na mesma década, o Instituto Arqueológico Alemão ficou a cargo das principais atividades no complexo. Sob comando de Theodor Hauschild, o sítio foi estudado sistematicamente com trabalhos adicionais de restauro dos mosaicos. O trabalho dos arqueólogos permitiu uma reinterpretação funcional de elementos arquitetônicos demonstrados na planta do século

XIX, porém notou que algumas das informações presentes no trabalho de Estácio, não estavam mais identificáveis e disponíveis, muito por conta da casa rural que ainda era habitada e por conta do laranjal, que estava a cobrir toda a *pars rustica* (Teichner, 2001).

Por todas estas razões, entre 1997 e 2004, um projeto da Universidade de Frankfurt financiado pela Fundação Fritz Thyssen (Colônia) e dirigido pelo arqueólogo Félix Teichner, discípulo de Hauschild, que realizou o levantamento de uma planta totalmente nova, atualizada e em formato digital. Nesse processo, foi possível realizar novas escavações e descobrir áreas novas como o lagar de azeite com várias prensas encontrados embaixo de um chiqueiro contemporâneo na região norte das ruínas. A descoberta do lagar é importante pois corroboram com a hipótese da ocupação constante em diversos períodos quando Milreu esteve ativo (Teichner, 2013).

Todo o trabalho do Instituto Arqueológico Alemão é relevante pois nele foi possível obter uma série de artefatos que estão armazenados dentro do museu arqueológico de Faro.

Entre 2001 e 2003, também é construído o Centro de Interpretação e a Casa Rural é restaurada (Wielewski, 2022).

Em 2002, Hauschild publicou o guia "Ruínas, Roteiros da Arqueologia Portuguesa" junto a Felix Teichner, que detalhou de forma consolidada os principais pontos de interesse no complexo.

Nos anos 2000, as intervenções arqueológicas têm como objetivo a preservação do espaço e muita da produção acadêmica que se seguiu, fez uma análise setorizada e pontual permitindo trazer à luz maior detalhamento ao que se conhecia.

Se destacam os estudos relacionados aos mosaicos como o caso de Kremer (1999) e Lancha e Oliveira (2013) que trouxeram novas observações quanto aos significados presentes nas diversas representações dispostas pelo espaço e técnicas utilizadas para construção das mesmas. Os estudos reforçam também as evidências da presença de uma oficina itinerante na construção dos mosaicos por todo o território português (Hauschild e Teichner, 2002).

Também se destacam análises detalhadas do peristilo (Bernardes, 2006) trazendo elementos detalhados adicionais e novas interpretações desses pontos.

No final da década de 2010, além da produção acadêmica corrente, há uma preocupação maior com o envolvimento com a população. Há também uma intensificação das visitas na proporção do aumento do turismo no Algarve.

A partir de 2016, a Direção Regional de Cultura do Algarve (DRC Algarve), liderou o "Programa de Conservação e Requalificação das Ruínas Romanas de Milreu" que tinha como objetivo transmitir a herança nacional através da proteção e valorização do Património Cultural (Wielewski, 2022).

A diretoria também promoveu até o fim de 2023, eventos com a comunidade como o caso do DIVAM (Dinamização e Valorização dos Monumentos) que realizava atividades culturais de envolvimento comunitário levando às ruínas apresentações musicais, peças teatrais, leituras de poemas, cinema, contação de histórias, palestras e atividades semelhantes (DRCAlg, s.d.).

No início de 2024, a gestão do sítio passou da Direção Regional de Cultura do Algarve para o Patrimônio Cultural I.P. com sede em Porto (Decreto-Lei n.º 78/2023), levando parte dos profissionais da DRC Algarve a ficarem alocados em Milreu que, preveem mudanças dentro da dinâmica administrativa, atividades com a comunidade e medidas de conservação.

2.1.3 Patrimônio Cultural I.P.

O Decreto-Lei n.º 78/2023 visou a criação do Instituto do Patrimônio Cultural I.P., resultante da necessidade de consolidar a proteção e valorização do património cultural em Portugal. A mudança foi motivada pela identificação de lacunas na estrutura anterior, que dificultavam a gestão integrada e eficiente dos bens culturais.

Tem jurisdição em todo o território nacional e tem responsabilidades na inventariação, salvaguarda, valorização, divulgação e internacionalização do legado cultural, garantindo uma abordagem coesa e estratégica que permita a preservação e promoção do património cultural nacional (Decreto-Lei n.º 78/2023).

O mesmo decreto menciona desenvolvimento cultural das comunidades e territórios porém não tem uma diretriz relacionada a envolvimento comunitário.

O órgão realiza comunicações diretas nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, também disponibiliza uma página na *internet* com informações sobre os sítios arqueológicos e monumentos de sua responsabilidade, acesso à plataformas externas, bilheteria virtual, informações de suporte e institucionais.

No que tange às Ruínas Romanas de Milreu, toda a administração do sítio está sob a estrutura deste órgão que determina as ações e diretrizes das quais devem ser seguidas. As estratégias de comunicação, trabalhos e quaisquer outras ações, deverão de

alguma forma, passar pela ciência e validação, dentro dos ordenamentos internos e de suas relativas proporções.

2.2 A Aldeia de Estoi

2.2.1 Paisagem

Estoi é uma aldeia rural dentro da União das Freguesias de Conceição e Estoi constituindo uma das quatro freguesias do Concelho de Faro. É delimitada pelas aldeias de Conceição e Santa Bárbara de Nexe e com os concelhos de São Brás de Alportel e Olhão.

Desde o final do século XIX e início do século XX, sua urbanização se expandiu ao longo das principais vias de acesso, como a Rua de Faro e a Estrada de Olhão. Durante este período, uma malha urbana mais densa e ortogonal foi desenvolvida a oeste da Igreja Matriz. A aldeia também caracteriza-se por largos arborizados e casas de um e dois pisos que circundam esses espaços. Se destaca também o Largo da Liberdade, que conecta os principais acessos da aldeia, e o Largo General Humberto Delgado, de formato triangular. O Largo Ossonoba, parte do núcleo habitacional mais antigo e situado numa área mais alta, apresenta edificações majoritariamente do final do século XIX, muitas decoradas com elementos típicos da arquitetura algarvia, como platibandas e detalhes em argamassa (SIPA, s.d.).

A área norte é cercada por algumas elevações onde se destacam o monte Guilhim com 313 metros acima do mar e monte Malhão, com 347 metros acima do nível do mar, no que ambos representam as colinas de transição entre o litoral e barrocal. A zona urbana está localizada em um declive com alturas que vão de 69 metros acima do mar em Milreu e no início do Coiro da Burra até 125 metros na interseção da Rua João de Deus com a M517 (Carta Militar de Portugal, 1980).

Com clima temperado, é possível afirmar que a posição entre as elevações geológicas próximas, mantém a região protegida dos ventos que sopram de norte pela cordilheira que separa a região do Alentejo e que justificaria a ocupação e uma produção agrícola milenar desde a época de Milreu. Além do mais, a aldeia está próxima das praias na região mais meridional de Portugal (Hauschild e Teichner, 2002).

Com diversidade florística derivada do clima mediterrânico e com chuvas escassas no verão, apresenta espécies como azinheira, sobreiro, zambujeiro, alfarrobeira

e palmeira-anã que formam a base da vegetação, juntamente com arbustos de folhas pequenas, coriáceas e persistentes (Santos, 2008).

Um fator de particular destaque dentro da paisagem de Estoi, contudo, está no uso dos recursos hídricos. A abundância da água e uso de fontes são constantemente citadas pela bibliografia e possivelmente são justificadas pelas nascentes naturais na área de Estoi e pelos corpos d'água próximos (como o caso do rio Seco e a ribeira do Alface).

Alguns exemplos dos sistemas de abastecimento e distribuição podem ser observados dentro das próprias ruínas romanas de Milreu assim como pela aldeia como no caso do chafariz do Largo da Liberdade, que foi originalmente um bebedouro para animais e ponto de encontro para a comunidade local; e a fonte no Largo Ossónoba, que no final do século XIX, teve sua água canalizada e distribuída através de três importantes bicas na aldeia (Quinteira e Baleiro, 2024).

Constituído com casas tradicionais da região, Estoi mantém uma estética tradicional e além de Milreu, compartilha o espaço com outros espaços de grande relevância histórica e cultural como o Palácio de Estoi, importante edifício rococó do século XVIII, renovado no decorrer dos anos e atualmente transformado em hotel; seus jardins, denominados "jardins de Estoi" com seus três níveis com escadarias duplas, balaustradas, bustos, estátuas, painéis de azulejos e portões (Direção-Geral do Património Cultural, s.d.); a igreja matriz de São Martinho (figura 2.4), alterada no séc. XVI sobre uma antiga ermida medieval e restaurada por diversas vezes e em especial após o terremoto de 1755 (Diocese do Algarve, s.d.).

Desta forma, a paisagem de Estoi é influenciada pela interação entre as realizações humanas e o ambiente natural. Acredita-se que a paisagem de Estoi tende a se modificar num ritmo ligado à urbanização e desenvolvimento de algumas regiões próximas podendo alterar a relação de maneira geral (Malobbia, 2009).



Figura 2.4 Igreja Matriz de São Martinho

2.2.2 Enquadramento Histórico e Administrativo

A bibliografia é escassa quanto ao surgimento da aldeia de Estoi e não há evidências que apontem para uma relação direta com o povoamento de Milreu. Após a conquista do Algarve por D. Afonso III no século XIII, o cristianismo se revitalizou na região, levando à formação da paróquia de Estoi a partir do núcleo populacional local e elevando-a ao título de freguesia por volta de 1471 (Leal, 1999).

O que sabe é que em 1596, foi atacada por tropas inglesas e novamente sofreu danos significativos no terremoto de 1755, com a Igreja de São Martinho gravemente impactada sendo reconstruída no início do século XIX, para resgatar a importância religiosa e arquitetônica do edifício (Oliveira, 1914). O sismo, aliás, pode ser uma das razões da escassez de vestígios da primitiva fundação da aldeia (SIPA, s.d.).

Por volta de 1600 é edificada a Ermida do Pé da Cruz, na periferia da aldeia de Estoi e assim como a Igreja de S. Martinho, também foi afetada pelo terremoto (Carlos, 2013).

Ao longo dos anos, algumas famílias nobres construíram residências em Estoi e, durante o reinado de D. José I (1750-1777), a família Carvalhal, gozou de uma ascensão política e econômica, onde na figura de Francisco José Moreira Pereira de

Carvalho Vasconcellos Brito Osório Batávias de Pereira Coutinho, estabeleceu uma posição de destaque (Mesquita, 1988).

Em 1787, o Palácio de Estói foi construído para a família Carvalho e Vasconcelos, com um projeto arquitetônico desenvolvido por Manuel Caetano de Sousa, marcando uma era de esplendor na região de Estói (Pinto, 2021). A influência da família não apenas refletia um status econômico considerável, mas também uma proeminente influência política na área, marcando significativamente o desenvolvimento social e arquitetônico de Estói durante esse período. Desta forma, é indissociável a relação de desenvolvimento da aldeia ao palácio que são reflexos de um crescimento econômico resultante das atividades agrícolas locais bem como da burguesia algarvia.

Após a morte do último membro da família Carvalho e Vasconcelos em 1875, tanto o palácio quanto a quinta associada foram deixados ao abandono, resultando em uma rápida deterioração das estruturas que antes simbolizavam a grandeza e a riqueza da família. Anos mais tarde, José Francisco da Silva, um abastado farmacêutico de Beja, adquire o Palácio de Estói e inicia o seu restauro, liderado por Domingos António da Silva Meira. Tal façanha faz com que José Francisco seja nomeado Visconde de Estói por D. Carlos I em 1906.

Em 1926, após a morte do Visconde de Estói, o palácio foi colocado à venda e em 1987, o evento marcante foi a venda do Palácio de Estói pela família proprietária à Câmara Municipal de Faro devido ao estado de degradação avançado e aos altos custos de manutenção. Atualmente o hotel foi vendido para uma rede de hotéis de luxo, funcionando como pousada (Pinto, 2021).

Ao longo do século XX, a aldeia de Estói se tornou um local de interesse para famílias nobres e abastadas do Concelho de Faro e outras regiões, que escolheram o local para construir suas residências de veraneio. A atração pela localização privilegiada e pelo clima ameno de Estói foi um fator determinante para esse desenvolvimento (Pinto, 2021).

Em 2001, o programa ProAlgarve promovido pela Comissão de Coordenação da Região do Algarve elaborou um plano de intervenção em diversas aldeias do Algarve, na qual previa dinamizar a base produtiva (em especial o turismo), proteger, valorizar e dinamizar o património existente, reforçar a identidade local e reforçar a qualidade de vida. Porém o projeto não chegou a ser concretizado, provavelmente por conta da falta de diálogo com a câmara (Malobbia, 2009).

Em 2012, o Governo de Portugal determinou a reorganização territorial das freguesias no país, reduzindo o número de 4.259 para 3.091 freguesias. O processo unificou as freguesias de Conceição e Estoi com uma abordagem *top-down*, baseada em critérios estatísticos. Deste processo, nota-se uma rejeição inicial da comunidade onde na visão comum, a união de freguesias podem ter agregados dois territórios muito diferentes, com repercussões no exercício e eficácia das ações na freguesia (Pereira, 2018).



Figura 2.5 Fonte central localizada no nível mais baixo dos Jardins do Palácio de Estoi

2.2.3 Enquadramento Económico

Em 2021, toda a freguesia composta pelas aldeias de Conceição e Estoi possuía cerca de 8.331 residentes, sendo que em 2011, dois anos antes do processo de unificação das freguesias, somente a aldeia de Estoi possuía aproximadamente 3.652 residentes (Instituto Nacional de Estatística, s.d.).

No século XXI, Estoi tem mantido e diversificado suas atividades económicas, com destaque para o turismo, agricultura e comércio local. Além da proximidade das praias, o turismo é impulsionado principalmente pelo Palácio de Estoi e pelas ruínas

romanas de Milreu, atraindo visitantes interessados em seu valor histórico e cultural (Santos, 2008).

Além disso, a agricultura permanece uma peça central da economia de Estoi. A presença de aquíferos e solos férteis facilitou a instalação de pomares que complementam as culturas de hortaliças e cereais em terras de sequeiro. Predominam, no entanto, as plantações tradicionais de amendoeiras e alfarrobeiras, que tendem a sofrer regressão e potencial abandono devido à preferência pelo cultivo de citrinos (Santos, 2008).

O comércio local também contribui significativamente para a economia, com lojas e mercados oferecendo produtos regionais e artesanato, reforçando a manutenção das tradições e o desenvolvimento econômico de Estoi.

É importante mencionar que muito do comércio está localizada na parte alta da aldeia, nas imediações do largo da Liberdade e do largo Ossonoba, onde a partir de uma observação espacial, se percebe uma maior concentração de estabelecimentos como lanchonetes, restaurantes, mercados, comércios gerais, salões de beleza e farmácia. A rede de hotéis apresenta distribuição mais diversa, porém grande parte concentrada ainda dentro do complexo urbano (Google, 2024).

2.2.4 Aspectos Culturais

A aldeia conta atualmente com o Centro Comunitário de Estoi onde apresenta respostas sociais para idosos, serviço de apoio domiciliário e creche (Centro Paroquial de Estoi, s.d.). Essa mesma entidade realiza intervenções culturais pontuais pela aldeia envolvendo a comunidade.

Adicionalmente é observável que os eventos culturais de maior escala, são organizados diretamente pela Junta das Freguesias de Conceição e Estoi, e apoiados pela câmara de Faro. A divulgação dos eventos ocorre em cartazes, páginas de notícias e nas redes sociais, que também realiza divulgações relacionadas com eventos nas ruínas de Milreu, como o DIVAM.

Algumas festividades tradicionais marcam o calendário cultural e social da região. O mercado mensal, que ocorre nos segundos domingos de cada mês, é uma oportunidade para o encontro comunitário, oferecendo uma variedade de produtos regionais. Já a Feira do Cavalo, realizada em setembro com ponto de encontro no picadeiro ao sul da aldeia, inclui desfiles e competições, sendo um evento significativo

para entusiastas equestres e locais (Carlos, 2023). Adicionalmente, a Festa da Pinha é uma recriação histórica que celebra os almocreves, típica do início de maio, evocando tradições antigas da comunidade (SIPA, s.d.).

É seguro afirmar que a Festa da Pinha é a celebração mais tradicional, ocorrendo anualmente no início de maio, atualmente em honra de Nossa Senhora do Pé da Cruz, padroeira dos almocreves (figura 2.6). Esta festa multissecular comemora os almocreves que viajavam entre o Algarve e o Baixo-Alentejo para trocas comerciais, agradecendo à padroeira pelo retorno seguro e sucesso nos negócios. A festividade inclui uma romaria que começa com a bênção no picadeiro da aldeia, seguida por um desfile com cavaleiros e veículos decorados, um almoço no pinhal do Ludo, e termina com um cortejo iluminado por archotes e um arraial com baile na praça pública. Atualmente, a Festa da Pinha é o ponto alto de um programa de festividades de vários dias organizado pela Junta de Freguesia de Estoi (Carlos, 2013).



Figura 2.6 Cortejo em evento da festa da Pinha em 2 de Maio de 2024 na Rua de Faro, em frente ao edifício de cultos de Milreu (Patrimônio Cultural I.P., s.d.)

Algumas bibliografias mencionam origens mais pagãs para a Festa da Pinha, e que ganham corpo dentro da oralidade cultural local e se expandem para outros aspectos da vila.

Oliveira (1914) irá pontuar esses traços culturais como bases de um imaginário que remete à de culturas anteriores à fundação da freguesia. Tal exemplo está na lenda "O Encantamento de Estoi" e em alguns casos conhecida como "Lenda do Almocreve de Estói", exposta em um azulejo em frente às ruínas de Milreu atualmente. Outras lendas que influenciam o imaginário e traços da cultura local também serão contadas pelo autor nas obras "As Mouras Encantadas" e "Encantamentos".

É também de mérito mencionar a vida e obra do poeta Emiliano da Costa (figura 2.7), nascido em Tavira, licenciado em medicina e que viveu em Estoi até o fim de sua vida. Escreveu poemas que remetem detalhes da vida na aldeia e teve sua casa preservada por sua antiga proprietária já falecida. Seus espólios atualmente estão no edifício do Antigo Mercado de Estoi, atualmente sede da delegação da União de Freguesias de Conceição de Faro e Estoi (Quinteira e Baleiro, 2024). A aldeia é marcada pela lembrança do poeta que possui um poema exposto em um antigo tanque comunitário, um busto no Largo General Humberto Delgado e uma escola básica que leva seu nome.



Figura 2.7 Emiliano da Costa em frente a Casa Rural de Milreu. Foto faz parte do espólio do poeta. Foto da coleção de José António Paula Brito (Partilha Alternativa, s.d.)

Por fim, sobre a diversidade cultural, é percebida uma mudança relevante no perfil populacional e imigratório. Enquanto houve um retorno considerável de emigrantes, em especial nos anos 1980 para a região (Malobbia, 2009), o número de estrangeiros tem aumentado recentemente. Em 2021, dentro do universo de imigrantes de outros países, era percebida a presença de pessoas oriundas da França, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique e de outros países da Europa (Sipa, s.d). A percepção da população de Estoi durante este trabalho foi que o cenário mudou nos últimos anos com um aumento significativo de pessoas da Ásia Meridional, Reino Unido e Brasil. Entretanto, com o antigo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) extinto em Outubro de 2023 e substituído, em algumas competências, pela Agência para a Integração Migrações e Asilo (AIMA), não há números oficiais que confirmem essa percepção. Estima-se que um quarto dos residentes do Algarve sejam estrangeiros, distribuídos em um total de 114 nacionalidades (Conceição e Silva, 2014).

2.2.5 Valor Patrimonial de Estoi

A boa gestão dos bens culturais tem a capacidade de trazer benefícios sociais em diversos aspectos, pois, ao promover o diálogo intercultural e permitir a inclusão social, o ambiente em seu estado de coesão social, permite o desenvolvimento local geral. Até mesmo abre espaço para estímulo a investimentos, desenvolvimento do turismo local e criação de empregos (Dümcke e Gnedovsky, 2013).

Estoi é um ambiente oportuno para a aplicação da gestão patrimonial em sua melhor forma assim como também da utilização de métodos relacionados à arqueologia pública e comunitária. Multifacetada e diversa, a aldeia representa uma viagem através da história que conta, não somente por meio de seus monumentos, mas também por meio da vida de seus moradores.

Não distante disso, possui potencial arqueológico elevado onde, toda a área rural e urbana de Estoi conta com aproximadamente 19 sítios oficialmente registrados de diversas cronologias (Portal do arqueólogo s.d).

Em especial, Milreu representa um importante espaço com elementos complexos e caráter preservacional ímpar. Com aproximadamente quatro cronologias, tem por si condições de atrair curiosidade científica contínua, turismo e sentimentos de pertencimento à sua comunidade.

Em suma, tanto em Milreu quanto em outro sítio arqueológico na região, sob o ponto de vista arqueológico, seriam possíveis novos trabalhos de prospecção, estudos de artefatos e ecofatos, organização e revisão documental e até mesmo oportunidade para novas escavações. Sob os métodos das sub-disciplinas da arqueologia comunitária e pública, numa abordagem interdisciplinar, o trabalho poderia ocorrer de forma responsável permitindo criar oportunidades para uma gestão patrimonial responsável.

3. A comunidade de Estoi e o patrimônio arqueológico de Milreu

3.1 Arqueologia e Comunidade

Realizar intervenções arqueológicas é também interferir na rotina das pessoas que vivem próximas aos locais onde as atividades são realizadas. O impacto pode ocorrer diretamente nas estruturas físicas de uma região, como também nas dinâmicas sociais.

Nesse sentido, o conceito semântico de comunidade ganha relevância prática dentro do processo arqueológico. Para McMillan (1986), uma comunidade inclui conexões baseadas em interesses compartilhados e é sustentada pelo senso de comunidade, que envolve pertencimento, influência mútua e uma conexão emocional compartilhada. A derivação desse processo implica em um paradigma baseado em tradições e crenças.

Por isso, é salutar conseguir conciliar comunidade e pesquisa arqueológica de maneira responsável e sustentável durante todo o processo investigativo, respeitando os modelos mentais das pessoas. Não distante disso, Hodder (2002) reforça que há um elemento ético nas abordagens comunitárias visto que uma vez que o arqueólogo acessa o espaço daquelas pessoas, deve por obrigação partilhar e negociar as atividades com os grupos envolvidos.

A relação entre a população e a arqueologia foi metodologicamente proposta nos anos 1970 nos Estados Unidos quando McGimsey publicou o seu livro "Arqueologia Pública" em 1972, apelando à preservação do patrimônio arqueológico em prol do direito público. Apesar disso, o termo ganhou credibilidade somente a partir dos anos 1990 (Bonacchi, 2014)) e nesse processo, foi reconhecido que os estudos

arqueológicos não estão desvinculados dos aspectos culturais, econômicos e políticos da sociedade (Matsuda, 2004).

O que se percebe na bibliografia, contudo, é uma confusão do termo "público". Muito do problema se deve na diferença entre as escolas estadunidenses e inglesas pois, enquanto uma abordará a interpretação sob o viés do termo "público" ou seja, aplicado ao "que pertence ao Estado", o outro compreenderá o conceito no seu aspecto original etimológico, do latim *publicus*, ou seja "relativo ao povo" (Ripanti, 2022).

O conceito sociológico de "público" e "privado" também ganha força e neste sentido, a administração estatal sobre a gestão dos recursos culturais também ganha destaque em muitas das abordagens da arqueologia pública. O Estado, em sua função básica, serve ao interesse público geral e nesse sentido, na arqueologia, terá plena permissividade de controlar, gerenciar e também demandar o privado na gestão dos recursos arqueológicos (Matsuda, 2004).

Contudo se nota que a visão inglesa ganhou mais aceitação enquanto as disparidade entre as escolas desaparecia após o século XX, porém ainda longe de se estabelecer um plano unificado de trabalho e um entendimento comum entre arqueólogos (Bonacchi, 2014).

O conceito ainda permaneceu pouco prático dentro da comunidade arqueológica, visto que embora a arqueologia viesse servir ao público, frequentemente, este não tinha um papel ativo nos processos de decisão (Schadla-Hall, 1999).

O envolvimento ativo comunitário se tornou mais estruturado a partir da aplicação dos conceitos da arqueologia comunitária, outro método mais específico, sem uma ligação proposital e direta com os métodos da arqueologia pública a princípio. Essa subdisciplina parte da inclusão da população na investigação arqueológica, com menos margem para confusão e com métodos mais pontuais do que a arqueologia pública.

Utilizada originalmente em comunidades indígenas pós-coloniais nos anos 1970 e 1980, com o objetivo de criar uma colaboração mútua e responsável, entendeu-se que o processo trazia mais informações do passado ao permitir que "outras vozes mais diversas fossem ouvidas" (Tully, 2007).

Analisou-se que a aplicação seria benéfica em modelos de comunidades diversos, visto que traziam coesão social, sentimento de pertencimento e até mesmo eliminar riscos de utilização do dado arqueológico para substanciar ideologias de autoridade e controle do passado (Tully, 2007).

Apesar de serem diferentes na escala e no método, é observável que a arqueologia pública e comunitária não são conflitantes entre si, podendo ser utilizadas em conjunto. É o caso da tipologia de Monshenka (2017), na qual considera a arqueologia comunitária um subtipo da arqueologia pública.

Para a pesquisadora, enquanto a arqueologia pública parte de uma análise mais abrangente e considera outros aspectos da gestão dos recursos culturais (como aspectos políticos e educacionais), a arqueologia comunitária se dedicará aos métodos de envolvimento da população no dia a dia da investigação.

Em seguimento a abordagem, é observado que qualquer que seja escolhida a metodologia, a inclusão social esbarrará em conflitos oriundos da materialidade histórica, da relação Estado e comunidade ou mesmo de outros problemas da relação público-privado, demandando abordagens cada vez mais específicas quanto ao contexto social aplicado, ações multidisciplinares e cautela quanto a extrapolações.

A partir de uma revisão mais sistemática dos métodos aplicados para este projeto, é possível verificar que certas extrapolações multidisciplinares encontram suporte dentro de diversas áreas das ciências sociais, mas ganham maior estrutura ao se observar algumas abstrações da arqueologia comunitária.

3.1.1 Casos de análise e ponderações para a extrapolação do método da arqueologia comunitária

"(...)... inaceitável que arqueólogos colham os benefícios intelectuais do patrimônio de outra sociedade sem oferecer a essa sociedade a oportunidade de se beneficiar igualmente do empreendimento" (Moser et al., 2002, pp 242-243).

Como ponto de partida, é possível destacar um momento relevante na aplicação da metodologia da arqueologia comunitária que ocorreu nos trabalhos realizados Al-Qusair no Egito (Moser et al., 2002) onde os pesquisadores elaboraram um método de trabalho que colocou as pessoas no centro da pesquisa arqueológica.

Em um contexto em que sua população é excluída do processo de descoberta do passado, o projeto deu mais do que um sentimento de pertencimento e posse do

legado e dos recursos materiais arqueológicos, mas também mais responsabilidade quanto ao passado da comunidade como um todo (Tully, 2007).

Esse momento é um ponto de referência dentro da disciplina e que se mostrou base da estrutura da maioria dos trabalhos. Isso pode ser observado em casos como o de Ripanti (2022) e Collins et al. (2023) que representam contextos do período romano próximos a vilarejos e municípios distantes das capitais - tal qual o caso de Milreu - e em algumas comunidades indígenas, como o caso das brasileiras. No caso da aplicação do método nesses espaços do Brasil, contudo, o método acaba por se tornar fundamental, visto que são essas comunidades que têm acesso, gestão e maior domínio dos espaços intervencionados e que, como a arqueologia comunitária na sua forma mais original já vinha sendo de alguma forma aplicada, ganha novas oportunidades metodológicas e científicas, como observado nos casos de Silva (2009) e Gomes (2014).

Em todos os casos, o envolvimento da população tem um objetivo final similar entre eles, visando o enriquecimento disciplinar e sobretudo trazendo maior responsabilidade social para a arqueologia e em grande parte, com relativo êxito no atendimento dessa premissa.

Em suma, o método aplicado em Al-Qusair se sumariza em sete ações sugeridas que devem ser coordenadas pela e para a comunidade:

1. Comunicação e colaboração.
2. Emprego e formação.
3. Apresentação pública.
4. Entrevistas e história oral.
5. Recursos educacionais.
6. Arquivo fotográfico e de vídeo.
7. Merchandising controlado pela comunidade.

Os autores reforçam que esta não é uma "receita pronta", mas sim uma sugestão de trabalho que deve considerar as particularidades locais antes de sua aplicação (Moser et al., 2002).

Por meio desta afirmação e nos casos analisados é possível perceber que, assim como ocorre com qualquer método aplicado em ciências sociais, o contexto histórico-social pode demandar adaptações e revisões antes de sua replicação.

De fato, a arqueologia em nível comunitário, tem um potencial real de causar impactos significativos positivos e negativos, com a capacidade de atuar com diversos públicos e em comunidades com uma história difícil de opressão por setores mais dominantes da sociedade (Monshenka, 2017).

Além do mais, se por um lado se espera incluir a população dentro do processo arqueológico, por outro é preciso entender as razões deste engajamento para que este não se torne superficial ou de curto prazo - tal qual abordado por Ripanti (2022) e Brodie et al. (2013).

Também é necessário equalizar as expectativas, uma vez que a realidade da participação pode ser considerada tediosa e cansativa frente ao que é exposto na mídia ou no imaginário das pessoas. Sem supervisão ou orientação adequada pode colocar até mesmo os recursos arqueológicos em risco, com a possibilidade de perder informações contextuais e potencialmente prejudicar todo o trabalho (Simpson, 2008).

Nesse sentido, é importante analisar as ponderações dos casos destacados onde a arqueologia comunitária foi aplicada. O caso em Al-Qusair, por exemplo, enfrentou seus desafios contextuais na dinâmica entre comunidade e objetivos. Apesar da intenção de promover a colaboração em todas as etapas, os arqueólogos ainda encontraram dificuldades para escapar do papel de líderes profissionais com as comunidades, sendo apenas informadas e consultadas em algumas situações, mas com pouca influência real nas decisões finais (Tully, 2009).

O caso de Ripanti (2022), por exemplo, constrói uma análise multidisciplinar da arqueologia comunitária e pública em três sítios italianos, focando na participação comunitária e na eficácia da gestão dos recursos arqueológicos mas precisou reconhecer o caráter político como habilitadoras da participação popular cujo o método por si só, não foi suficiente para aplicação.

Em alguns casos, a aplicação do método esbarra em questões de ordem social que envolvem crenças e paradigmas difíceis de superar. Os casos brasileiros, por exemplo, apontam desafios na investigação que tende a ser influenciada por interpretações locais e conhecimentos tradicionais, exigindo sensibilidade cultural por parte dos pesquisadores, mas um diálogo aberto e franco (Silva, 2009).

Também foi possível observar na bibliografia um cenário mais discrepante no Brasil. Percebido nos trabalhos executados dentro do Museu do Colégio Mauá e do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, verificou-se que a comunidade em questão, conforme foi se

especializando e as dinâmicas acadêmico-científicas se tornaram mais relevantes nos trabalhos executados, alterou a configuração da pesquisa que passou de uma "ação comunitária" para o que os pesquisadores chamaram de "ciência acadêmica" (Barth, 2013). Portanto é possível notar um avanço dentro do rigor científico mas um distanciamento gradativo com a comunidade tornando-a cada vez mais passiva. A situação em específico tem causas mais complexas, porém indica um potencial risco cíclico em que demanda uma avaliação para que o método se torne mais permeável ao envolver a comunidade dentro dos processos formativos.

É possível concluir que o método da arqueologia comunitária pode trazer à tona agendas conflitantes entre o pesquisador, comunidade e os diversos atores que podem influenciar o projeto. Essas agendas englobam tanto elementos mais formais como questões de ordem política e legal, até aspectos mais gerais como cultura, expectativa, modelo mental e formação histórica.

Essa complexidade social pode demandar avaliações que excedem os limites do próprio método, onde é salutar compreender não somente as ações que possam ser executadas com a comunidade, mas também os riscos e problemas de ordem diversa que possam, de alguma forma, sabotar a aplicação do método.

Tal qual essa avaliação prévia e como observado dentro da bibliografia referida, o planejamento e execução, precisam ser feitos de maneira holística, valendo-se de uma análise estrutural para identificar particularidades nos grupos abordados, nas suas características históricas, na oralidade, na mentalidade e também ser capaz de construir soluções mais perenes e sustentáveis.

3.2 Envolvimento comunitário na arqueologia portuguesa

Segundo revisão bibliográfica, há ainda poucos casos publicados referente à arqueologia comunitária em contextos arqueológicos portugueses, mas é comum a aplicação de diversas ações, sobretudo educacionais, encontrados dentro do espectro da arqueologia pública.

De imediato, é observado que o Estado e arqueólogos têm dentro da legislação, medidas que demandam ação e atividades de cunho de responsabilidade social.

É o caso do Decreto Lei nº 164/2014 que prevê medidas de "sensibilização e educação patrimonial" (artigo 15º) na construção do Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos (PATA) onde estabelece como obrigatória a submissão de um

plano de divulgação pública dos resultados. Contudo, é importante mencionar que a execução do plano é opcional.

O Estado e seus entes ao qual o representam, como as direções regionais e setores do Patrimônio Cultural I.P., por sua vez, agem sob obrigações de cunho similar, como o caso Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Patrimônio Cultural nº 107/2001 - em especial, no seu artigo 3º - que destaca as obrigações em transmitir a herança cultural à sua população (Lei n.º 107/2001).

Também a convenção de Faro 2005, em vigor desde 2011, da qual Portugal é signatária, é um importante instrumento que recomenda ações de responsabilidade e consciência patrimonial (Conselho da Europa, 2011).

O país procurou medidas para transmitir sua história e legado para a população geral. Isso se traduz na construção de museus arqueológicos e sobretudo na criação de diversos centros interpretativos mais lúdicos, em especial no final da segunda metade do século XX (Calado, 2013).

A educação contará também com ações e medidas relevantes para transmissão do legado e valor patrimonial. Um exemplo prático deste trabalho é a "Festa da Arqueologia" promovida pela Associação Arqueológica Portuguesa (AAP) e realizada no Museu Arqueológico do Carmo (MAC) em Lisboa. O evento é destinado a um público não especialista, turista ou residente que visite o MAC, com visitas guiadas, exposições temáticas, oficinas, entre outras atividades (Quirino et al., 2023).

Outras ações frequentes e fora da aplicação do método educacional direto, são o uso do espaço para realização de eventos culturais e esportivos. Além do próprio DIVAM realizado em Milreu, também é possível citar casos como por exemplo, a corrida de trilhas nas proximidades de Miróbriga, em Santiago do Cacém (Patrimônio Cultural, 2024).

Sendo assim, é possível perceber no contexto português que há um esforço grande em aplicar os conceitos da arqueologia pública mas ainda poucas medidas da arqueologia comunitária.

A partir de um acompanhamento realizado nas redes sociais envolvendo a comunicação de diversos órgãos públicos como Patrimônio Cultural I.P. e algumas câmaras de algumas cidades em Portugal (Anexo 4), é notável uma tendência de colisão com os mesmos paradigmas da arqueologia pública. Dentro das ações divulgadas envolvendo a gestão dos recursos arqueológicos e administração do patrimônio

material, não foi percebida nenhuma ação com a possibilidade de participação popular direta nas tomadas de decisão e investigação arqueológica.

Também se supõe uma dependência grande do Estado e do setor público pela população em conseguir ter acesso aos processos educacionais e culturais promovidos, tornando-a espectadora de todo o processo.

Não foi observado no período nenhuma ação envolvendo o método da arqueologia comunitária ou diálogos com populações locais.

Porém, não é possível afirmar que todas as ações são ineficientes sob o ponto de vista da integração comunitária sendo necessário obter mais dados para realização desta avaliação.

No que tange ao método da arqueologia comunitária, ainda há algumas ações que começam a aparecer dentro do escopo de investigação em Portugal, em especial dentro do ambiente acadêmico-científico.

Um caso de participação comunitária que pode ser citado é o projeto Outeiro do Circo em Beja que, em dez anos de projeto (2008-2018) realizou diversas ações educativas como documentários, uso das mídias sociais, oficinas que permitiram que as comunidades acompanhassem os processos de escavação e interpretação. O projeto em si, partiu de diversos diálogos com os moradores e conseguiu ser também uma mais-valia para o desenvolvimento local (Serra e Porfirio, 2020).

Também é válido mencionar o Projecto de Investigação do Castelo de Monforte de Ribacôa, Bizarril, Figueira de Castelo Rodrigo (PICMOR), ainda em andamento, cujo o objetivo é promover a participação ativa das comunidades locais na arqueologia, democratizando a interpretação e gestão do património cultural no Vale do Côa. O projeto foi dividido em duas fases principais sendo a primeira fase uma realização de um inquérito à população local para aferir a relação com o sítio arqueológico, a organização de concursos para a recolha de lendas, contos e desenhos alusivos ao local, e o estudo das etnografias patrimoniais e processos de patrimonialização na região. Na segunda fase, o projeto tem como plano estudo do sítio arqueológico integrando a população local nas atividades de investigação e gestão patrimonial (Francisco, 2016).

Os casos do Outeiro do Circo e do Vale do Côa apesar de não compreender todos os pontos propostos pela metodologia, partem do diálogo aberto com a comunidade e da compreensão da etnografia local antes de executar qualquer tipo de medida prática.

3.3 Patrimônio de Milreu e Estoi

Milreu exerce uma influência particular dentro da paisagem de Estoi. Em geral, é viável dizer que a aldeia foi formada ao seu redor fundindo as ruínas no cotidiano das pessoas.

Até à sua musealização em meados da década de 1970, parte do que hoje está protegida, era composta por uma área de livre acesso ou propriedade de algum morador, como o caso da casa rural (Teichner, 2001).

Os relatos orais afirmam, por exemplo, que o local era utilizado pelos transeuntes que transitavam da área leste da então freguesia até o Coiro da Burra, integrado no dia a dia das pessoas. Também indicam, como relataram neste projeto, coletavam "pedras" para brincadeiras e utilizavam o espaço como uma "praça aberta".

A necessidade de trabalhos de pesquisa e preservação motivaram o fechamento do espaço onde foi possível a aquisição de áreas pelo Estado. Nesse processo também foi possível a construção de novos espaços como o centro interpretativo e a identificação e estudo de novos espaços e materiais arqueológicos (Teichner e Cervantes, 2010).

Diferente dos outros monumentos da aldeia, a comunidade local e a câmara não têm gestão sobre o espaço sendo o sítio arqueológico de Milreu gerenciado no nível nacional onde deve seguir as orientações de sua sede principal, que no momento, corresponde ao Patrimônio Cultural I.P (Decreto-Lei n.º 78/2023).

Parte do material arqueológico é armazenado e exposto em grande maioria no Museu Arqueológico de Faro e no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa (Teichner, 2008)

É correto afirmar portanto que, no que tange a gestão patrimonial e dos ativos arqueológicos, Milreu aparenta estar pouco inserido nas rotinas da comunidade e administração de Estoi.

Na necessidade de inclusão e responsabilidade social que a arqueologia tem e que Estoi demanda, é requerida portanto uma ação integrada e estruturada. Contudo, no caso de Milreu, qualquer ação passará por uma validação da sua gestão e de seus agentes competentes.

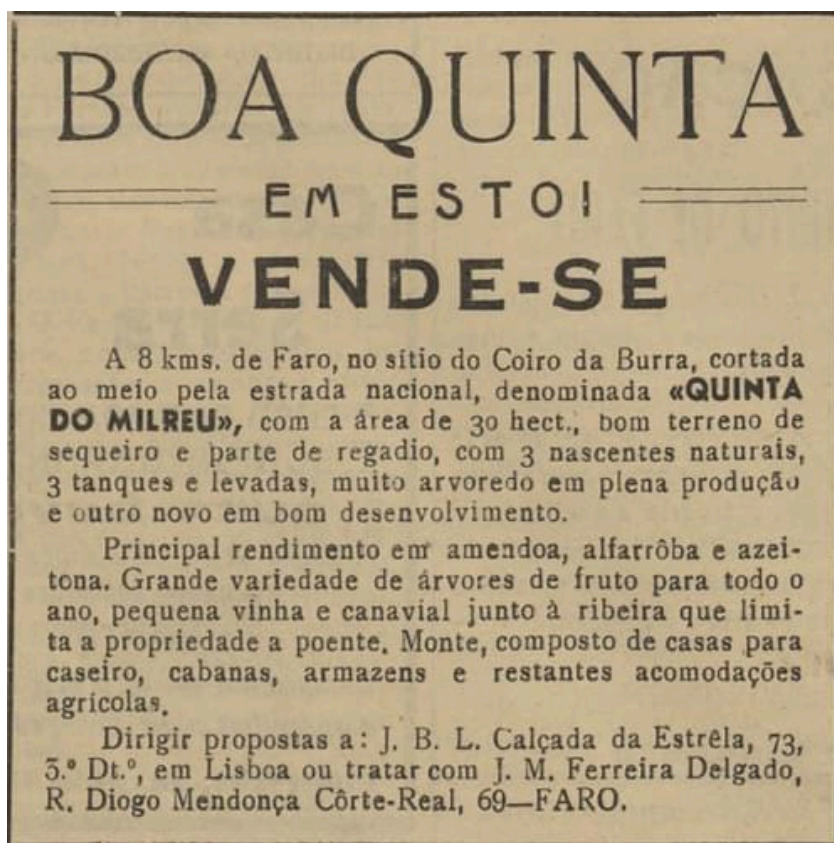


Figura 3.1 Anúncio em jornal local sobre comercialização de área que potencialmente corresponde à parte ou proximidade do sítio de Milreu (fonte e ano desconhecidos)

3.4 Trabalhos arqueológicos em Milreu envolvendo a comunidade de Estoi

Não é correto afirmar que a comunidade local de Estoi nunca esteve presente nas dinâmicas arqueológicas do sítio de Milreu. O que se sabe dentro do diálogo com a população é que as intervenções do IAA nos anos 1970 contaram com a ajuda de moradores que trabalharam nas ruínas durante um período. Não há documentações publicadas sobre essas atividades e não é possível dizer o quanto de um método próximo da arqueologia comunitária foi aplicado na época.

Também, dentro do aspecto público, ações educacionais e culturais como o caso do antigo DIVAM, são exemplos de medidas que incluem a comunidade dentro do espaço.

Criado em 2012 e extinto em 2023, o projeto de Dinamização e Valorização dos Monumentos (DIVAM) tinha como objetivo principal promover uma dinâmica

cultural nos monumentos afetos à direção e aproximar as comunidades ao seu legado (DRCAlg, 2012).

Nos anos em que esteve a funcionar, o DIVAM contou com eventos como peças de teatro, espetáculos de dança, oficinas diversas para diversos públicos como crianças e adultos, exposições e outras atividades.

Foi em um desses eventos que foi possível resgatar um pouco da documentação e registro das atividades arqueológicas. Executada pela Associação Cultural Partilha Alternativa, o projeto "Memórias Vivas da Casa Rural de Milreu" dentro do DIVAM de 2021, propôs compreender a relação da comunidade com o que existia no espaço da Casa Rural, antes de ser comprada pelo Estado para integrar o monumento Ruínas Romanas de Milreu (Partilha Alternativa, 2022).

O projeto contou com a produção de um documentário composto por entrevistas com pessoas que atuaram dentro das escavações de Milreu e com uma antiga moradora da casa rural (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZXmfa-0tpsI&t=381s>). O documentário foi exibido durante o evento dentro da Casa Rural.

Em paralelo, uma página de acesso público no facebook foi criada para que os moradores pudessem compartilhar de maneira pública, imagens e memórias relativas à Milreu ou da Casa Rural.

O projeto é uma primeira proposta de criação de um museu de memórias, algo que está relacionado a diversos trabalhos envolvendo arqueologia comunitária em especial ao caso de Al-Qusair e que, além de comprovar e registrar a participação das pessoas nas atividades, também pode trazer um sentimento maior de orgulho e pertencimento, fazendo com que as pessoas resgatem sua história e legado das quais foram afastadas (Moser et al., 2002).

Quanto às demais ações envolvendo o DIVAM, segundo a administração do sítio, percebe-se uma diversidade grande de participantes porém com uma aparente adesão baixa dos moradores de Estoi. As razões deste distanciamento são a base desta pesquisa e portanto, é necessário aprofundamento mais sistemático.

O mesmo diálogo com a administração trouxe o dado que em 2024, se prevê intervenções novas de conservação e educação para melhorar a experiência das pessoas dentro do sítio. Com a extinção do DIVAM, também são previstos outros eventos e atividades educativas, em especial com os alunos das escolas locais e funcionários da pousada do Palácio de Estoi.

Já durante o primeiro semestre do ano de 2024, o Patrimônio Cultural I.P. promoveu dois eventos de destaque executados pela administração do sítio (Patrimônio Cultural I.P., s.d.).

O primeiro ocorreu durante o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, em 18 de Abril de 2024, onde diversos monumentos em Portugal promoveram atividades temáticas com a comunidade. Na ocasião, as ruínas de Milreu promoveram duas ações: uma atividade educativa com crianças das escolas locais e uma visita guiada durante o pôr do Sol junto à população geral.

Em junho de 2024, foi executado o segundo evento nacional intitulado "Jornadas Europeias de Arqueologia" com propostas similares às do anterior. No caso de Milreu, a ação girou em torno do tema "a alimentação na arqueologia" com visitas guiadas, palestras temáticas e degustação de garum.

Ambos os eventos tinham limitação de público e não foi disponibilizada uma avaliação de impacto na comunidade após suas realizações. Entretanto, em consulta com a administração, essa ainda informou que o distanciamento com os moradores ainda se mantém.

Apesar do aparente desengajamento, é seguro concluir que Milreu não está descolada de sua comunidade, mas há pouco de Estoi em Milreu atualmente e muito do que tinha, como a participação da população nas escavações, parece ter se perdido.



Figura 3.2 Theodor Hauschild e sua equipa de escavadores em Milreu, Foto da coleção de Maria de Lurdes Mendes Martins (Partilha Alternativa, s.d.)



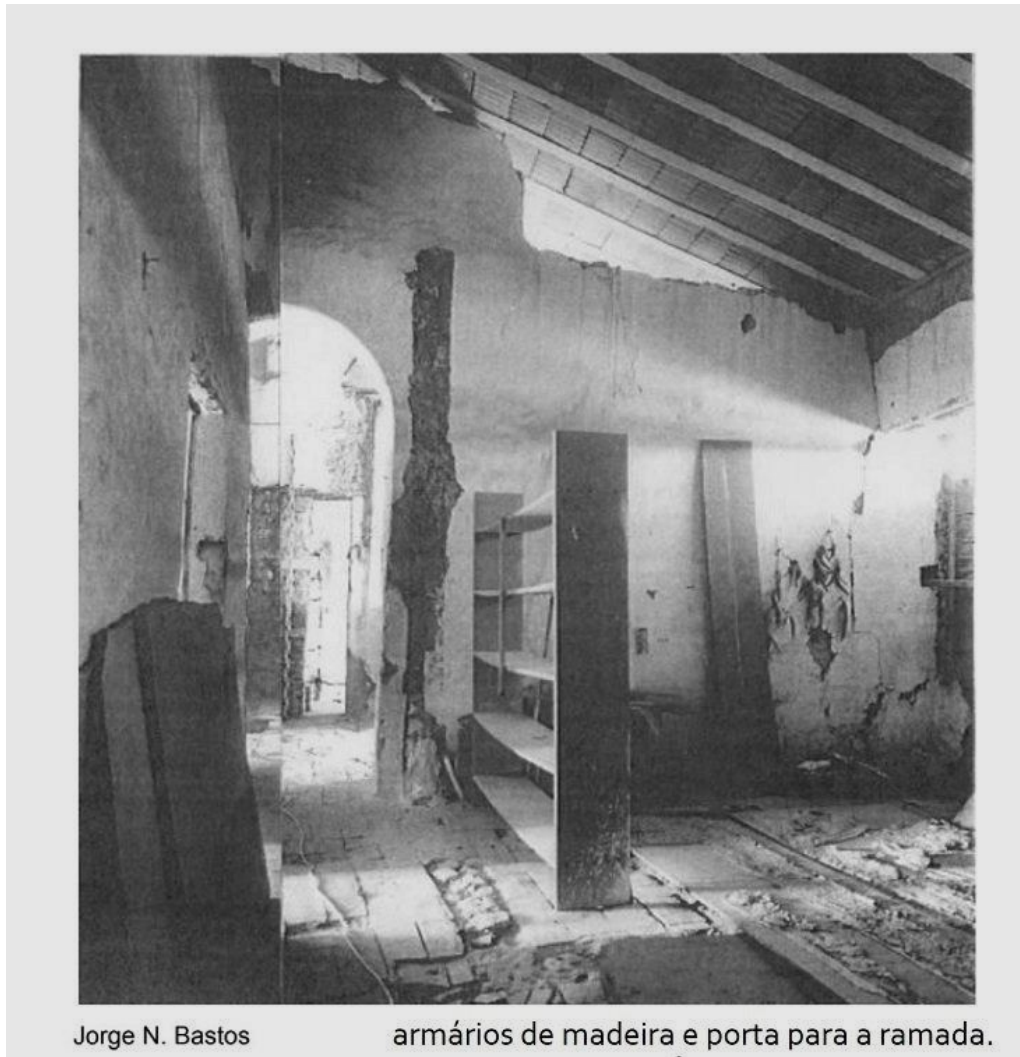
Figura 3.3 Hauschild e escavadores. Coleção de fotos de Maria de Lurdes Mendes Martins (Partilha Alternativa, s.d.)



Figura 3.4 Recolha de materiais. Coleção de fotos de Maria de Lurdes Mendes Martins (Partilha Alternativa, s.d.)



Figura 3.5 Imagem da Casa Rural - Datação desconhecida (Partilha Alternativa, s.d.)



Jorge N. Bastos armários de madeira e porta para a ramada.

Figura 3.6 Interior da Casa Rural. Foto de Jorge N. Bastos (Partilha Alternativa, s.d.)



Figura 3.7 Rosário Félix desenha as memórias de Natalina Crispim acerca da Casa Rural (Partilha Alternativa, s.d.)

4. Estruturação da análise da relação de Estoí e patrimônio de Milreu na atualidade

4.1 Objetivos

O objetivo deste projeto é realizar uma análise da relação entre Milreu e comunidade na atualidade e observar as razões do desengajamento. Tais medidas permitirão identificar estratégias de engajamento pautadas na Arqueologia Comunitária compreendendo os possíveis paradigmas de Estoí.

Também é de grande valia, averiguar se as pessoas têm interesse em atuar nas dinâmicas arqueológicas tal qual demanda o método da Arqueologia Comunitária assim como listar quais atividades elas teriam interesse. Além disso, verificar se a população enxerga valor neste tipo de participação e garantir que as expectativas possam ser atendidas mutuamente.

Dessa forma, é possível ter uma noção completa do que houve e do que pode ser feito para garantir maior integração comunitária.

4.2 Metodologia

4.2.1 Visão Geral

Para poder realizar o diagnóstico, foram aplicados inquéritos *online*s e entrevistas individuais seguidas por uma série de observações não sistemáticas complementares dentro de Estoí e de Milreu para contextualização de algumas respostas. Procurou-se compreender as relações das pessoas com Milreu assim como elementos de oralidade histórica para compreender ideologias e perspectivas comunitárias.

Essa abordagem em projetos colaborativos serve de base metodológica para a arqueologia comunitária nos contextos de colaboração e comunicação e que junto de outras generalizações, podem ajudar na elaboração e construção do plano de trabalho (Tully, 2007)

Uma vez com os dados consolidados, foi realizada uma avaliação bibliográfica e levantados os principais pontos que podem estar gerando o problema do afastamento das pessoas.

4.2.2 Inquérito *Online*

4.2.2.1 Amostra e divulgação

Foram disponibilizados inquéritos *online* compostos por questões quantitativas e qualitativas. As respostas são anônimas e foram elaboradas para serem cedidas em formato de múltipla escolha ou campos abertos (ver anexo 1).

Por ser uma aplicação ainda inédita no cenário de Milreu, foi adotado um modelo preliminar padrão onde é esperado um nível de confiança de 95%, com uma margem de erro de 5%. Elaborado e popularizado por Ronald Fisher (1880-1962), o modelo 95-5 é amplamente utilizado em cenários acadêmicos, científicos e comerciais e permite resultados razoavelmente confiáveis e comparáveis. O uso da metodologia no decorrer do tempo é detalhado na revisão de Gigerenzer et al. (1990) e algumas das vantagens mencionadas são concluídas na demonstração de Cumming (2014). Contudo, é importante mencionar que apesar da convenção, o modelo é debatido por parte da comunidade estatística (Denworth, 2019). Nesse sentido, é válido reforçar que na replicação do modelo de inquérito aplicado em Milreu, uma revisão crítica estatística adicional poderá ser implementada para averiguar se há lacunas oriundas do modelo de Fisher.

Dado o tamanho da população, foi aplicada uma fórmula amostral com população desconhecida resultando na amostra mínima de 385 pessoas que residiam atualmente no Distrito de Faro em toda a região do Algarve.

O cálculo amostral foi feito dentro da plataforma *Survey Monkey* (<https://pt.surveymonkey.com/>) que será utilizada para disponibilização dos formulários em ambiente *online*. Foi considerado como base o censo de 2021 de Portugal para avaliação populacional e comparações disponíveis no portal do INT - Instituto Nacional de Estatística (<https://censos.ine.pt/>).

A divulgação foi realizada em diversos canais digitais que envolveram envio de *e-mails* para lista interna da Universidade do Algarve e associações que participaram do

DIVAM em anos anteriores (2022-2023), compartilhamento em grupos de rede social (*Facebook*) e campanhas via *Google Ads* e *Facebook Ads*.

O direcionamento priorizou a região do Algarve, mas contou com participação de outras regiões de Portugal e do mundo que foram consideradas como objeto de comparação.

Os dados dos inquéritos estarão disponíveis dentro da plataforma *Survey Monkey* e será disponibilizado um relatório em ambiente de acesso restrito para futuras consultas.

4.2.2.2 Composição do Questionário

Foi selecionada a plataforma *Survey Monkey* para construção do inquérito e se esperava que, além de uma melhor experiência de usabilidade, o tempo total de preenchimento não ultrapassasse mais do que dez minutos.

O formulário se divide em três partes:

- Perfil e comportamento cultural;
- Conhecimento sobre o sítio e relação com o passado;
- O papel da arqueologia na vida das pessoas.

Os abandonos durante o preenchimento não invalidou o questionário por completo, porém era esperada uma taxa de abandono de 25%.

Apesar das perguntas terem sido elaboradas dentro do acordo ortográfico vigente (ver acordo adotado em Direção-Geral da Educação, s.d.), é notada algumas variações quanto às expressões visto que algumas foram elaboradas com base no português do Brasil. Sendo assim, o uso de palavras específicas gerou algumas reações por parte dos inquiridos portugueses. Entretanto, não é foco deste trabalho avaliar impactos em pesquisas realizadas por estrangeiros oriundos de países lusófonos ou não, tendo os dados sido separados e disponibilizados para futuras análises acerca do tema, caso preciso.

4.2.2.3 Sanitização e apresentação dos dados

Durante essa etapa, foram executadas ações para eliminar possíveis duplicidades, padronizar as informações e remover dados incoerentes. Pelo fato do

questionário possuir respostas em campos abertos, detalhes como acentuação, variações de grafia ou mesmo erros de digitação, precisaram ser analisados para consolidação.

Informações que pudessem remover o anonimato do entrevistado foram deletadas e incluída a informação "[removido por conter dados pessoais]" seguindo requisitos presentes no Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) (Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos da Justiça, s.d.).

Os demais dados sanitizados e padronizados foram alterados colunas adicionais mantendo os dados originais íntegros para crítica e análise.

Não foi realizada modelagem de dados porém para construção das tabelas comparativas foi considerada as bases estabelecidas por Chen (1976) a fim de garantir que dados relacionais (1 para muitos) pudessem ser comparados de maneira adequada.

A planilha de dados foi disponibilizada em uma pasta compartilhada na nuvem com acesso restrito. O acesso aos dados brutos da pesquisa é igualmente restrito por usuário e senha únicos e a disponibilização, incluindo agentes dentro da Universidade do Algarve, podem ser feitos mediante pedido e análise prévia.

Não foi realizado enriquecimento de dados, ou seja, utilização de outras bases de dados para composição da apuração. Contudo, os dados foram cruzados com algumas fontes externas de informação.

Para poder avaliar as questões sociais sob o aspecto ocupacional dos inquiridos, foi aplicada uma validação quanto ao setor do qual eles atuam considerando os aspectos complementares de Bell (1973) e o relatório de classificação estatística de atividades econômicas NACE v2 (Eurostat, 2014).

Ao final desta etapa, foram realizados cruzamentos entre os dados da própria pesquisa com o objetivo de identificar padrões e tendências. Os *insights* resultantes dessas análises estão presentes neste documento.

Por fim, para realizar a avaliação da receptividade do inquérito, foram analisados o percentual de conclusão do questionário e os apontamentos feitos nas questões abertas e nas caixas de comentários disponíveis nas redes sociais.

4.2.3 Entrevistas Presenciais

As entrevistas presenciais foram compostas por questões qualitativas semi-estruturadas conduzidas de maneira presencial ou remota.

A entrevista teve como objetivo identificar modelos mentais, elementos de oralidade histórica (incluindo história, folclore e atividades recentes no local) e particularmente, apontar dores e anseios no que diz respeito à relação com o sítio de Milreu e a aldeia de Estoi.

As pessoas convidadas deveriam compor qualquer um dos perfis abaixo:

- Ser morador ou ex-morador de Estoi.
- Ser profissional envolvido diretamente ou indiretamente com o sítio de Milreu, sendo desde funcionários, colaboradores até profissionais que conduziram atividades como por exemplo, artistas no DIVAM.
- Possui algum ofício em Estoi.

Para todos os casos, houve disponibilização de termo de consentimento com assinatura física ou confirmação digital para os casos remotos. Não houve recolha de voz, nem captura de foto e quando solicitado, foi dado direito ao anonimato.

As perguntas foram adaptadas de acordo com o perfil do entrevistado, o contexto da conversa, o linguajar e a duração da entrevista. Em todos os casos, foram incentivadas respostas abertas e o entrevistado foi encorajado a compartilhar suas opiniões, histórias e ideias em modelo de diálogo. O processo ocorreu de forma evolutiva com o objetivo de tornar o processo mais confortável até final, onde as perguntas mais complexas surgiram (Knott, 2022).

Após as respostas anotadas, foram realizadas diversas observações não sistemáticas para compreender alguns assuntos específicos citados. Essas observações envolveram conversas adicionais com outras pessoas na aldeia, observações não-sistemáticas dos cotidianos e participação de alguns eventos específicos no local (anexo 4).

4.2.4 Apresentação dos dados

É importante dizer que, mesmo no caso de Al-Qusair, não foi possível identificar um método detalhado para a apuração dos dados. Desta forma, será aplicada a matriz SWOT de Humphrey (1970) numa construção baseada nos insumos coletados das entrevistas e comparação com a análise realizada por Gonçalves et al. (2005). Essa medida foi escolhida por ser uma maneira sucinta de demonstrar as qualidades e oportunidades que Milreu tem e também por já existir algo na bibliografia.

Por fim, é importante mencionar que foi feita uma abordagem geral dos pontos levantados, contudo, foram discutidos aqueles que têm maior relevância com a questão da arqueologia comunitária.

4.2.5 Revisão bibliográfica e discussão

Com base nos dados consolidados, foram observados cenários similares dentro da bibliografia, em especial em espaços com sítios arqueológicos com contextos romanos ou de antiguidade tardia, presentes em aldeias ou pequenos municípios europeus.

Também foram avaliados casos em que se pode perceber cenários similares ao de Milreu e que tenha existido algum esforço em termos de ação social ou aplicação do método da arqueologia comunitária. Contextos etnográficos e identitários muito particulares, foram considerados com ressalvas, como o caso de Al-Qusair.

O objetivo da análise é traçar paralelos com a situação de Estoi e Milreu, além de identificar métodos que poderão ser aplicados.

Importante mencionar que a proposição e execução das ações em si não é escopo desta investigação. As discussões deverão dar subsídio e argumento teórico para elaboração de projetos que poderão ser testados com a comunidade de Estoi.

5. Resultados

5.1 Inquéritos *Online*

Foram recebidas 532 respostas entre os dias 20 de Dezembro de 2023 até 31 de Maio de 2024. Os meses de abril e maio receberam maior aporte financeiro nas campanhas das redes sociais e, por essa razão, foram os meses com maior conversão de respondentes. Antes da consolidação dos resultados, foi organizada uma avaliação do inquérito em si antes para que sejam clarificadas as potenciais ponderações que deverão ser realizadas durante a análise.

5.1.1 Avaliação do inquérito

A avaliação do questionário é composta inicialmente pela validação da amostra para verificar sua conformidade com as expectativas estatísticas, assim como uma análise crítica do inquérito quanto a sua receptividade. A análise crítica do método aplicado é relevante para se perceber ponderações quanto às respostas e evitar extrapolações equivocadas.

Em resumo e como demonstrado a seguir, o resultado da análise do inquérito apontou que há algumas discrepâncias quanto a faixas etárias, locais de residência e também um sentimento de desconforto quanto ao idioma do inquérito ter em sua grande parte, apresentado frases e palavras oriundas do português brasileiro. Apesar da amostra ter sido válida em número, sua composição apresentou variações que merecem cuidado nas suas conclusões.

5.1.1.1 Validação da amostra com base nos dados demográficos

Para poder identificar a variação da amostra com o cenário apurado pelos dados oficiais, foi realizada uma comparação entre esta e o censo português de 2021. Foram comparados os agrupamentos envolvendo gênero, localidade e faixas etárias para verificar potenciais discrepâncias. A comparação se deu pelo percentual de equivalência do indicador analisado. No caso apurado, algumas variações foram percebidas com relação a alguns grupos dos quais demandam ponderação na sua problematização.

No geral, 422 respondentes eram do Algarve onde, 222 (52,6%) eram pessoas que se identificavam do gênero feminino e 200 (47,4%) do gênero masculino. Não houve pessoas que se identificassem com outros gêneros como não-binários.

Houve uma variação de 4,08% comparativamente com o censo de 2021 no que tange ao agrupamento por gênero na região (tabela 5.1).

Também há uma variação diversa ao comparar com todas as cidades do distrito, sendo o ponto de maior discrepância ocorrendo na cidade de Faro. A hipótese é que as campanhas podem ter maior apelo para as pessoas do município visto que Milreu faz parte de uma de suas freguesias.

Tabela 5.1 Comparativo percentual por município e gênero entre Censo 2021 (INE, 2021) e inquérito realizado entre os meses de Dezembro de 2023 e Maio de 2024 acerca das ruínas romanas de Milreu

Cidade	Feminino			Masculino			Total geral		
	Censo	Inquérito	Variação	Censo	Inquérito	Variação	Censo	Inquérito	Variação

	2021			2021			2021		
Albufeira	4,63%	3,32%	1,31%	4,82%	1,18%	3,64%	9,45%	4,50%	4,95%
Alcoutim	0,26%		0,26%	0,28%		0,28%	0,54%		0,54%
Aljezur	0,65%	0,47%	0,17%	0,65%	0,00%	0,65%	1,29%	0,47%	0,82%
Castro Marim	0,68%	0,24%	0,44%	0,70%	0,24%	0,46%	1,38%	0,47%	0,90%
Faro	6,88%	24,88%	-18,00%	7,59%	22,51%	-14,92%	14,47%	47,39%	-32,92%
Lagoa	2,48%	0,00%	2,48%	2,59%	0,24%	2,36%	5,08%	0,24%	4,84%
Lagos	3,48%	1,90%	1,59%	3,69%	2,13%	1,55%	7,17%	4,03%	3,14%
Loulé	7,48%	8,06%	-0,57%	7,99%	5,45%	2,54%	15,48%	13,51%	1,97%
Monchique	0,59%	0,24%	0,35%	0,58%	0,24%	0,35%	1,17%	0,47%	0,69%
Olhão	4,67%	5,45%	-0,78%	4,88%	5,92%	-1,05%	9,55%	11,37%	-1,83%
Portimão	6,15%	1,18%	4,96%	6,66%	2,37%	4,29%	12,81%	3,55%	9,25%
São Brás de Alportel	1,16%	2,37%	-1,21%	1,25%	2,61%	-1,36%	2,41%	4,98%	-2,57%
Silves	3,98%	0,71%	3,27%	4,10%	0,71%	3,39%	8,08%	1,42%	6,66%
Tavira	2,91%	3,32%	-0,41%	2,98%	3,32%	-0,33%	5,89%	6,64%	-0,75%
Vila do Bispo	0,60%		0,60%	0,63%		0,63%	1,22%		1,22%
Vila Real de Santo António	1,94%	0,47%	1,47%	2,09%	0,47%	1,61%	4,03%	0,95%	3,08%
Total	48,52%	52,61%	-4,08%	51,48%	47,39%	4,08%	100,00%	100,00%	
Média			-0,26%			0,26%			

Com relação as faixas etárias, foi possível realizar a comparação direta com o censo apenas entre as pessoas menores de 20 anos e as pessoas acima dos 65 anos. No primeiro caso, as pessoas menores de 20 anos representam apenas 0,95% da amostra, enquanto no censo, menores de 15 anos, já representam 6% da população do Algarve. Portanto, mesmo com faixas diferentes, é possível afirmar que o valor da amostra está inferior ao da amostra. A diferença pode ser justificada pelo canal abordado para divulgação dos inquéritos.

Como o uso de campanhas no *Facebook* se mostrou mais viável dada taxa de resposta, a ferramenta permite apenas o acesso de pessoas acima dos 13 anos de idade e o público mais jovem tem causado um êxodo na plataforma com valores razoavelmente inferiores à algumas populações apuradas nos censos (DataReportal, 2023).

Desta forma, as interpretações que possam ser relativas as pessoas mais jovens podem sofrer distorções e demandarem a aplicação de novos inquéritos.

Já as pessoas acima dos 65 anos apresentaram uma variação de apenas 0,04%, sendo potencialmente a mais próxima do censo.

É viável concluir que a amostra composta por 422 pessoas moradoras do Algarve, é válida visto que a mesma atingiu o mínimo de 385 respostas aleatórias tal qual esperado. Contudo, melhorias amostrais e ressalvas quanto à generalização das respostas para públicos específicos devem ser consideradas, como por exemplo, crianças e adolescentes.

5.1.1.2 Receptividade dos inquéritos

A taxa de conclusão do questionário foi de 68% com um tempo médio aproximado de 6 minutos - esperava-se um total de 75%, ou seja, abaixo do esperado.

Nas respostas, houve 7 comentários diversos que expressaram descontentamento pelo inquérito por possuir frases construídas com o português do Brasil. Um comentário em específico apontou um erro de construção de frase válido que apontava erros de digitação. O erro foi corrigido prontamente e não houve mais apontamentos internos adicionais. Não houve outras reclamações com relação ao inquérito dentro das respostas diretas.

No que tange as caixas de comentários nas redes sociais, a receptividade foi mais diversa. Porém não é possível afirmar se os comentários são de pessoas de dentro ou fora da amostra ou mesmo se responderam ao inquérito visto que não há meios de comparação direta.

Para título de análise, foi selecionada a campanha que mais permaneceu no ar durante os meses de Dezembro de 2023 e Maio de 2024 e que recebeu mais comentários. A postagem incluía um texto, um link e três imagens: uma exibindo um dos pilares do sítio de Milreu, outra com a imagem frontal do edifício de cultos e uma última contendo uma imagem da casa rural (Figura 5.1).

O corte da análise foi realizado em 20 de Maio de 2024, último dia em que a campanha esteve ativa. Foram recebidos 84 comentários frente a uma média de 6 comentários nas demais campanhas. Foi percebido que aproximadamente 30% dos comentários estavam direcionados ao inquérito em si.

Aproximadamente 25% do geral reclamaram do que chamaram de "erros ortográficos". Segundo os comentaristas, a reclamação foi com relação a construção de palavras e frases que seguiram o português do Brasil, como o caso das palavras "esporte" (desporto em Portugal) e "patrimônio" (ao invés de "património"), mencionadas em um dos comentários.



Figura 5.1 Campanha realizada entre os meses de Dezembro de 2023 e Maio de 2024 que apresentaram maior engajamento.

É válido reforçar que durante a execução das campanhas, alguns desses comentários após registrados, foram omitidos ou excluídos visto que também utilizavam linguagem inapropriada e poderiam gerar problemas de engajamento na plataforma.

Não é possível afirmar sistematicamente se a taxa de resposta seria melhor se o inquérito seguisse a grafia portuguesa. Para tal afirmação seria preciso uma comparação específica.

Desses casos, houve apenas uma situação em que o usuário além de mostrar preocupação com a forma escrita, também apresentou receio que seus dados pessoais estivessem comprometidos e seriam utilizados de forma indevida. Tal preocupação aparece pontualmente em algumas outras campanhas. A ferramenta *Survey Monkey*, contudo, não exige cadastro para preenchimento das respostas e, apesar das questões demandarem respostas do cotidiano do respondente, não é possível identificar o usuário. Desta forma, os dados dos usuários foram preservados.

Ao abordar algumas pessoas diretamente via mensagem direta para obter mais informações sobre as razões de sua resposta, nenhuma respondeu à mensagem.

Aproximadamente 6% dos comentários dedicaram reclamações exclusivas ao sítio, indicando situações relacionadas à preservação, ao atendimento e acessibilidade, seja para pessoas ou animais de estimação. Desses casos, houve uma menção ao Estado Novo (1933-1974) com um ligeiro engajamento.

Os demais comentários expressaram informações positivas ou neutras sobre o sítio ou classificados como indefinidos. Na campanha, foi percebido apenas um caso de *spam*.

Por se tratar de uma análise complementar, as informações das caixas de comentários podem contextualizar algumas respostas do inquérito, porém, por ser uma coleta não sistemática e não ter direcionamento quanto à amostra, não faz parte dos resultados principais.

Não é possível afirmar se as pessoas que engajaram com a publicação da campanha, participaram do inquérito.

5.1.2 Resultados dos inquéritos

5.1.2.1 Perfil social e comportamental da amostra

5.1.2.1.1 Nacionalidade e residência

Além de validar a própria amostra, a nacionalidade e residência das pessoas colocam em debate alguns cenários sócio-culturais que podem impactar valores da sociedade como questões relacionadas à hierarquização racial, estabelecimento de papéis dentro do cotidiano e "etnicização" do discurso político.

Há no contexto da sociedade portuguesa uma multiculturalidade evolutiva que causa em alguns casos uma aversão ao que é chamado de "assimilação" cultural (Machado, 2006).

Também como se verá nesta pesquisa, o elemento multicultural também é frequente nas respostas das entrevistas individuais, com citações diretas e indiretas que afetam a percepção da dinâmica cultural de Estói.

Dos respondentes online da amostra, 379 afirmaram ser de nacionalidade portuguesa, onde 5 delas também se consideraram de outras nacionalidades. Pessoas que se consideram apenas portuguesas, representam um total de 374 respostas e

representam 88% do total. Somente 1 dos 422 respondentes considerados, não reside em Portugal, apesar de se considerar ainda residente do Algarve.

Curiosamente 3 pessoas se consideraram de nacionalidade "algarvia". em contrapartida, as nacionalidades que mais se destacam além da portuguesa são a brasileira, a italiana e a francesa (Figura 5.2). Não houve respostas de nacionalidades oriundas da Ásia Meridional e África incluídas dentro das comunidades do distrito.

Composição de pessoas que não se consideram portuguesas ou apenas portuguesas conforme amostra

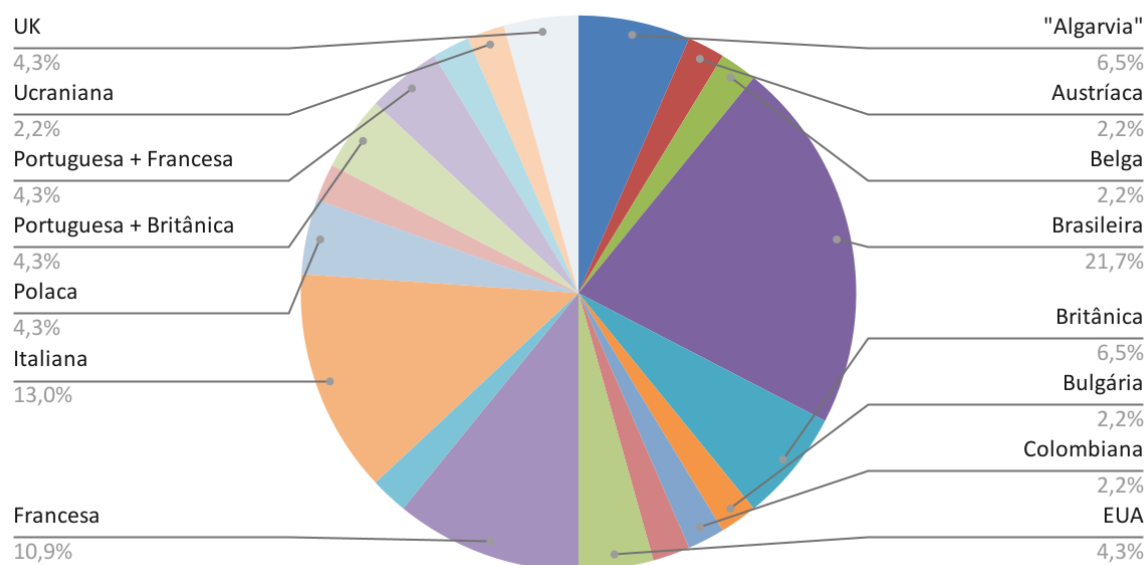


Figura 5.2 Total de respondentes que não se consideram portugueses ou apenas portugueses

5.1.2.1.2 Horas vagas

Os inquiridos foram questionados sobre o que costumam fazer nas horas vagas. Além de apresentar informações sobre os costumes do dia a dia, as respostas podem dar indícios sobre a utilização do tempo em atividades culturais e intelectuais ou mesmo para consumo de mídias de massa, revelando aspectos da construção da mentalidade dos indivíduos analisados. Pertinentemente a Milreu, além de indicar os tipos de atividades das quais as pessoas estão mais predispostas a engajar, pode também, relacionar os diversos paradigmas sociais das quais os trabalhos envolvendo a arqueologia comunitária deverão lidar: como as pessoas consomem informação, onde elas ficam

quando não estão trabalhando, como absorvem cultura, entre outros pontos de impacto indireto.

Nesse caso de uso, não foi ofertada como uma das opções as atividades relacionadas ao uso do *Smartphone*. Desta forma, abstraindo-se da ideia do uso do telefone, é notável que a grande maioria das pessoas (em especial as pessoas do gênero feminino), costumam ler mais. Das atividades exclusivas aos homens, estes em primeiro lugar assistem mais televisão - ainda que comparativamente menos que as mulheres (Tabela 5.2).

Ao analisar a questão sob o aspecto etário, é possível perceber uma maior tendência às pessoas abaixo dos 65 anos a fazerem atividades em ambientes externos como cinema e prática esportivas ou que envolvam consumo de mídias mais diversas como canais de filmes e jogos digitais (Tabela 5.3).

Tabela 5.2 O que costuma fazer nas horas vagas? (quantidade por gênero - conforme amostra) - Ordenado pelo Total

Atividades	Feminino	Masculino	Total
Ler livros, jornais ou revistas	146	86	232
Assistir televisão	98	96	194
Ouvir Música	104	81	185
Passear com os amigos	111	69	180
Cozinhar	85	55	140
Parques e trilhas	67	62	129
Assistir Netflix ou outros canais digitais	67	55	122
Praticar esportes	48	71	119
Assistir concertos e shows	69	39	108
Ir ao cinema	60	35	95
Ir ao teatro e/ou espetáculos de dança	58	34	92
Outro (especifique)	38	28	66
Tocar um instrumento musical	9	27	36
Jogar videogame	13	19	32
Ler uma banda desenhada	13	12	25

Tabela 5.3 O que os respondentes fazem nas horas vagas (quantidade por idade - conforme amostra) - Ordenado pelo Total

Atividades	20 anos ou menos	20-30	30-40	40-50	50-65	65 ou mais	Total
Ler livros, jornais ou revistas	2	5	17	47	96	65	232
Assistir televisão	1	4	11	51	79	48	194

Ouvir Música	2	7	21	55	70	30	185
Passear com os amigos	1	5	15	51	77	31	180
Cozinhar	0	6	10	33	52	39	140
Parques e trilhas	1	3	18	41	46	20	129
Assistir Netflix ou outros canais digitais	1	8	16	37	44	16	122
Praticar esportes	1	5	16	35	43	19	119
Assistir concertos e shows	0	6	12	28	43	19	108
Ir ao cinema	1	4	9	28	33	20	95
Ir ao teatro e/ou espetáculos de dança	0	2	5	24	43	18	92
Outro (especifique)	1	0	1	18	16	30	66
Tocar um instrumento musical	1	1	5	13	9	7	36
Jogar videogame	1	4	6	9	8	4	32
Ler uma banda desenhada	0	0	3	9	9	4	25

Como informação complementar, é notável que houve uma grande quantidade de pessoas que responderam "Outros", em especial pessoas acima dos 65 anos. Em resumo, as atividades incluem caminhadas, cuidar dos filhos e netos e escrever. Outras respostas neste campo irão considerar estudos, participar de eventos culturais e realizar atividades esportivas específicas como pesca e remo. Outro elemento relevante é que ao extrapolar a amostra para o universo total com respostas de outras partes de Portugal, a tendência de resposta não se altera.

5.1.2.1.3 Aspectos sócio-econômicos

As pessoas foram questionadas sobre seus ofícios e, através de uma questão aberta, o objetivo foi avaliar as áreas de atuação e saber como elas se enxergam na sociedade sob o aspecto produtivo. Embora algumas delas tenham sido vagas em suas respostas, com dados como "trabalho com pessoas e papéis", "números" e "função pública", outras foram mais específicas.

Em termos gerais, 71 pessoas (16%) afirmaram estar aposentadas, em sua maioria mulheres, representando aproximadamente 10% de toda a amostra (figuras 5.3 e 5.4). É importante mencionar que a maior parte dos retirados são portugueses, contra 2% de estrangeiros aposentados que residem no Algarve (figura 5.5).

Percentual de reformados na amostra

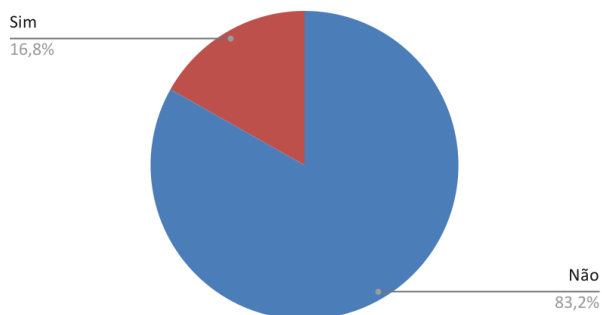


Figura 5.3 Percentual de aposentados na amostra

Quantidade de reformados (por gênero)

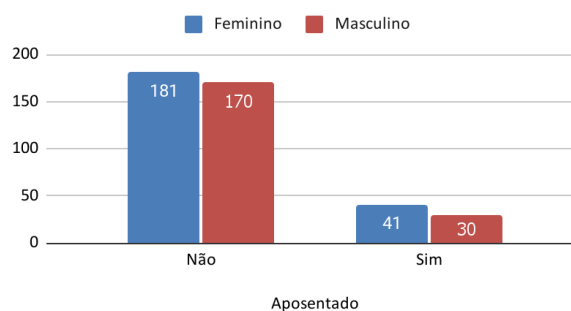


Figura 5.4 Quantidade de aposentados na amostra por gênero

Quantidade de Retirados (por nacionalidade)

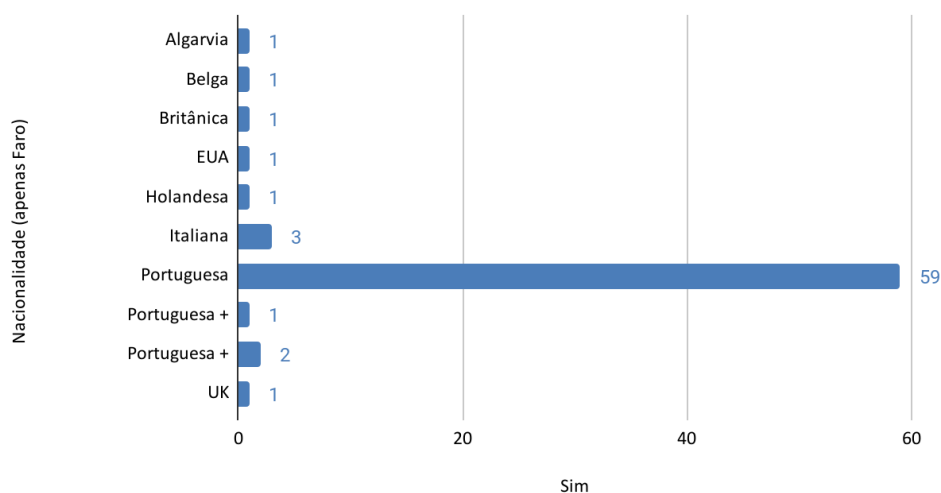


Figura 5.5 Quantidade de aposentados na amostra por nacionalidade

A classe trabalhadora, em sua maioria atua no setor quaternário econômico (figura 5.6). Este setor, segundo a NACE v2 (Eurostat, 2014), engloba profissionais de áreas mais intelectuais como saúde, educação, tecnologia e telecomunicações. No caso em específico amostral, a maior parte dos profissionais que responderam ao questionário, atuam na área de Educação (10%), Saúde (4,27%) e Tecnologia (3,32%). Já nos outros setores, a participação é mais mista, porém com destaque maior para as áreas do Turismo (5,21%) e Imobiliário (1,90%) no setor terciário, e Construção (1,66%) no setor secundário (tabela 5.4).

Quantidade de trabalhadores por setor

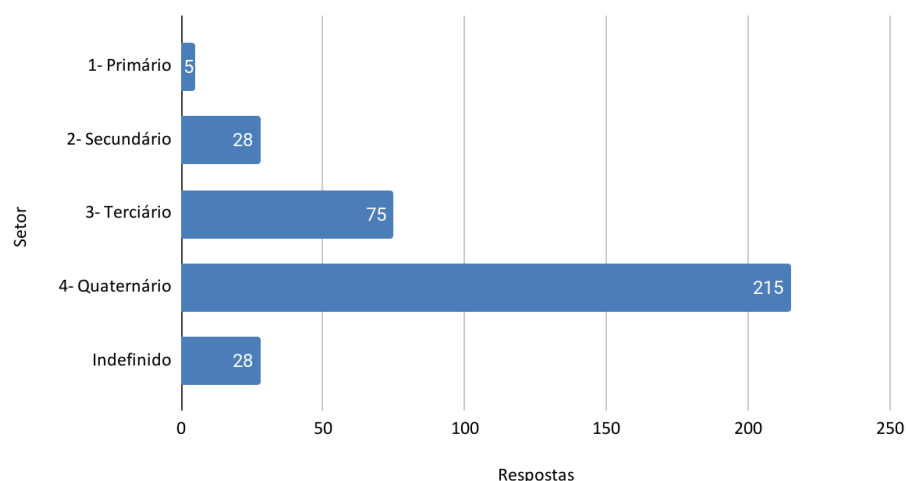


Figura 5.6 Quantidade de trabalhadores por setor dentro da amostra selecionada

Tabela 5.4 As 5 áreas de atuação com maior ocorrência por setor econômico

Setor Econômico	Ordem	Área de Atuação	Quantidade de respostas	Percentual dentro do setor	Percentual na Amostra
1- Primário	1	Pesca	3	60,00%	0,71%
	2	Agricultura	1	20,00%	0,24%
	3	Ciências Marinhas e Pesca	1	20,00%	0,24%
2- Secundário	1	Construção	7	25,00%	1,66%
	2	Construção Civil	3	10,71%	0,71%
	3	Indústria de Alimentos	3	10,71%	0,71%
	4	Construção Civil (Pública)	2	7,14%	0,47%
	5	Manutenção Industrial	2	7,14%	0,47%
3- Terciário	1	Turismo	22	29,33%	5,21%
	2	Imobiliária	8	10,67%	1,90%
	3	Comércio	6	8,00%	1,42%
		Gastronomia	6	8,00%	1,42%
	4	Segurança Privada	5	6,67%	1,18%
	5	Transporte	4	5,33%	0,95%
Hotelaria		4	5,33%	0,95%	
4- Quaternário	1	Educação	46	21,40%	10,90%
	2	Saúde	18	8,37%	4,27%
	3	Tecnologia da Informação	14	6,51%	3,32%
	4	Administração Pública	12	5,58%	2,84%
		Assistência Social	12	5,58%	2,84%
	5	Administração	9	4,19%	2,13%
		Arquitetura	9	4,19%	2,13%

Aposentados	-	-	71	-	16,82%
Indefinidos	-	-	28	-	6,64%
Demais casos					
4- Quaternário	6	Arqueologia, Arqueologia Subaquática, Turismo Arqueológico	7	3,26%	1,66%
	10	Património Cultural	3	1,40%	0,71%
	12	Cultura/Museus	1	0,47%	0,24%
Demais Trabalhadores	-	-	115	-	27,25%

Como objeto de comparação e validação é possível observar que há uma tendência com o censo português de 2021 entre atuações no primeiro, segundo e terceiro setores (figura 5.7) - o terceiro setor do censo representa a soma dos setores terciário e quaternário do inquérito.

Comparação entre amostra e Censo 2021 na composição de setores económicos

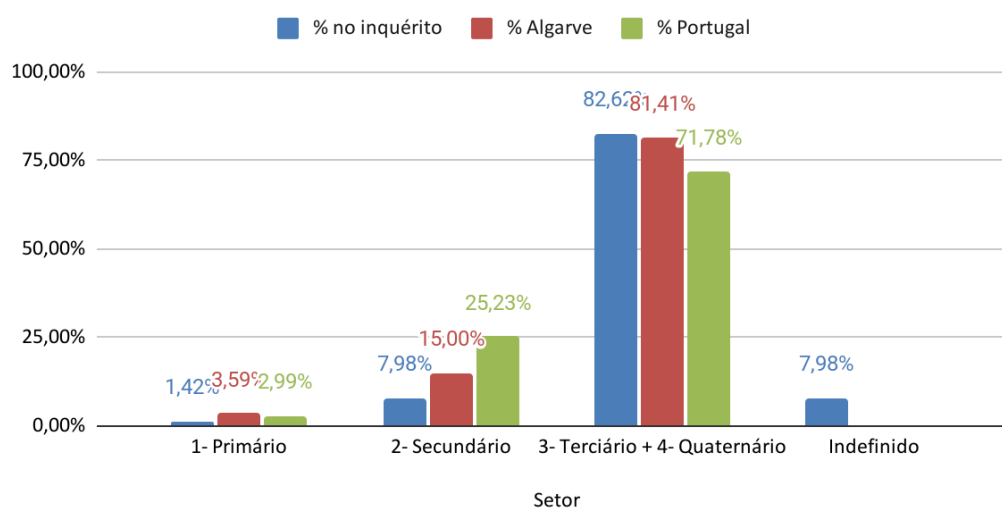


Figura 5.7 Comparação entre composição de setores económicos e tendência entre inquérito realizado e Censo 2021 (Pordata, 2021)

5.1.2.1.4 Relação com o patrimônio material e imaterial

Para poder avaliar o engajamento com outros aspectos culturais e patrimoniais, foram propostas duas perguntas: uma com o objetivo de avaliar o engajamento com relação aos eventos dentro das freguesias (sejam de cunho cultural ou não); e outra que diz respeito à visitas a museus e monumentos históricos em Portugal.

A priori, ambas as questões tiveram a mesma quantidade de respondentes, com participação de toda a amostra. O resultado geral indica uma frequência mediana em ambos os questionamentos (figuras 5.8 e 5.9). Contudo ao relacionar ambas as questões (tabela 5.5), percebe-se pelas respostas que quanto maior a frequência em eventos municipais, maior a incidência de frequência de visitas em monumentos históricos e museus.

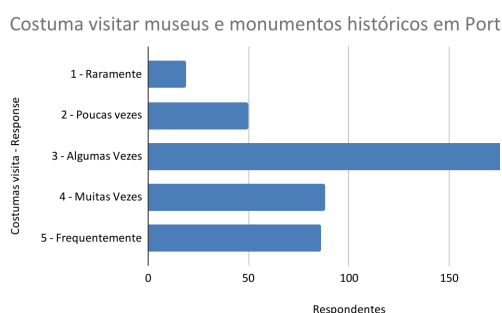


Figura 5.8 Frequência de visitas a museus e monumentos históricos portugueses - por número de respondentes conforme amostra

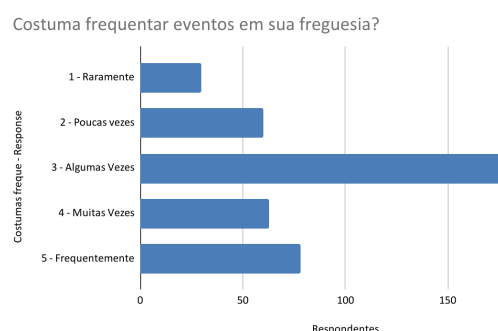


Figura 5.9- Frequência de participação em eventos municipais - por número de respondentes conforme amostra

Tabela 5.5 Relação entre frequência de participação em eventos na freguesia e frequência de visitação a patrimônios históricos portugueses - Destaque em cinza que representa a tendência e equivalência entre as duas questões

Costuma visitar museus e monumentos históricos em Portugal?	Costuma frequentar eventos em sua freguesia?					Total geral
	Raramente	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Frequentemente	
1- Raramente	11	6	2			19
2- Poucas vezes	4	21	22	2	1	50
3- Algumas vezes	9	26	113	16	15	179
4- Muitas vezes	6	4	29	27	22	88
5 - Frequentemente		3	25	18	40	86

É válido reforçar que o caso demanda uma análise mais quantitativa, visto que os inquéritos são respondidos com base nas percepções de seus respondentes, o que de maneira concreta, pode não representar uma frequência real a eventos e visitas a patrimônios.

5.1.2.2 Percepção sobre Milreu

5.1.2.2.1 Informações sobre visitação

Da amostra geral de 422 respondentes, aproximadamente 401 (95% da amostra) já haviam ouvido falar do sítio de Milreu e 318 delas, visitaram o espaço. Dos outros 21 casos, cerca de 15 pessoas indicaram que nunca tinham ouvido falar e as demais não seguiram com o questionário.

Considerando as pessoas que nunca ouviram falar do sítio (15 pessoas) e as que pontuaram que conheciam mas ainda não visitaram (83 pessoas), é possível considerar que 98 pessoas da amostra não estiveram em Milreu ainda. A comparação por localidade abriga maior expressividade em regiões mais afastadas como Portimão e Lagos sem exclusão de outras mais próximas como Faro e Loulé (Figura 5.10 e Figura 5.11).

É importante mencionar que dentro de Estoi, foi possível identificar 1 pessoa que nunca tinha ouvido falar do sítio e 3 que não tinham visitado ainda (de um total de 28 pessoas).

Os inquiridos que tinham ouvido falar de Milreu mas ainda não tinham visitado, foram convidados a justificar as razões para tal cenário. A partir de uma lista de opções pré-definidas, elas puderam selecionar mais de uma delas e tiveram a possibilidade de acrescentar mais detalhes em um campo aberto. É importante mencionar que houve um abandono de 6 respondentes nessa etapa do inquérito.

A grande maioria afirmou que não tinham tido oportunidade de visitar o espaço, 4 pessoas (menos de 1% da amostra) reclamaram dos preços e outras 4 indicaram que não tinham tempo livre (tabela 5.6). Não foi percebida tendência por localidade exceto no fato das pessoas de Faro terem feito mais comentários no campo aberto.

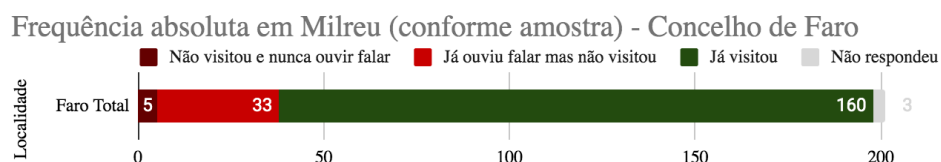


Figura 5.10 Das pessoas que indicaram serem parte de alguma região do concelho de Faro, aproximadamente 38 delas (cerca de 18% dos respondentes desta localidade) não conhecem ou não ouviram falar de Milreu.

Frequência absoluta em Milreu (conforme amostra) - Exceto concelho de Faro

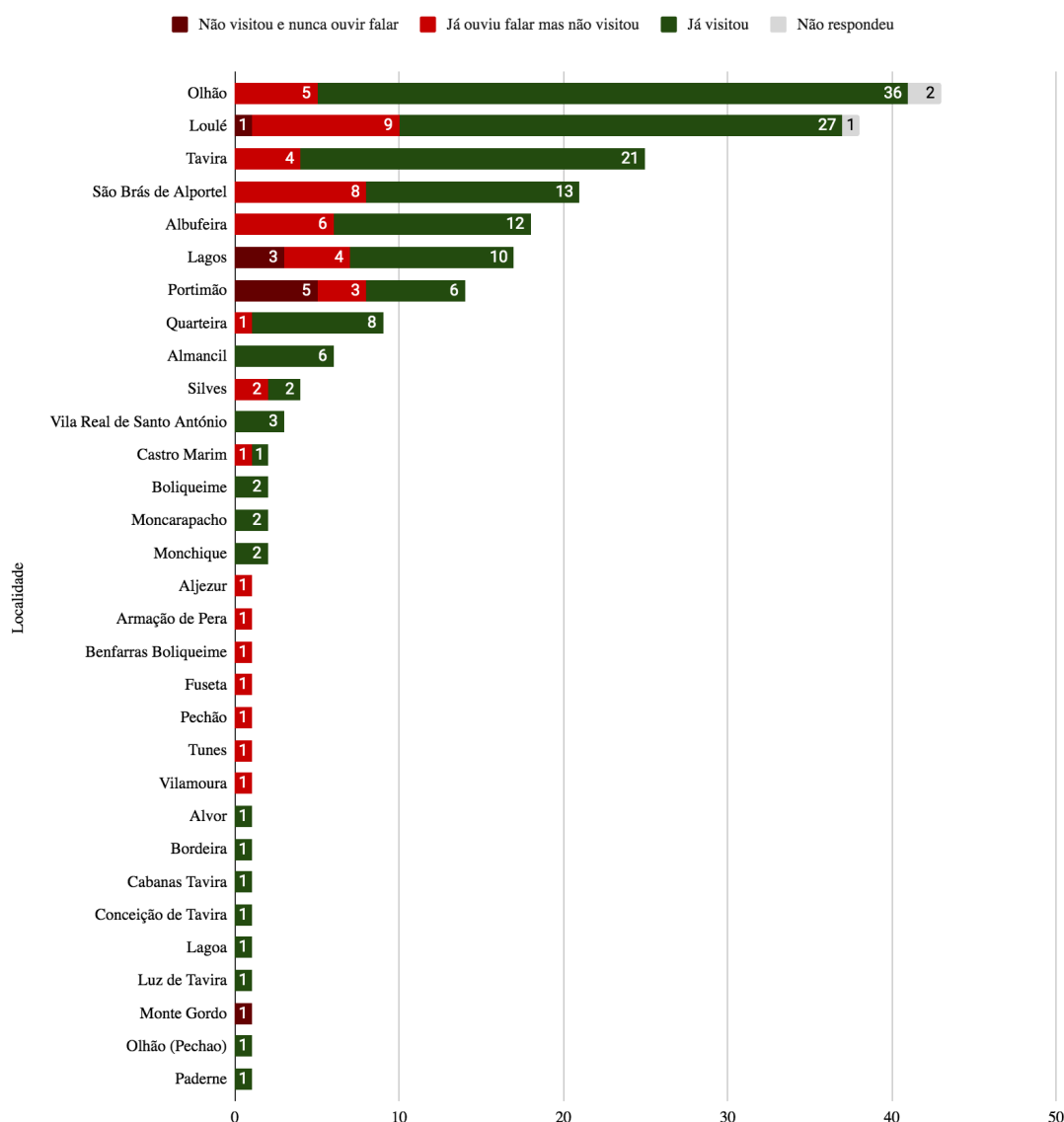


Figura 5.11 Comparativamente a outras regiões além do concelho de Faro, é possível verificar que as localidades que relativamente não conhecem e não visitaram Milreu se concentram em Portimão com mais de 56% dentre os respondentes dessa localidade, seguido de Lagos (41%), São Brás de Alportel (38%), Albufeira (33%) e Loulé (26%).

Tabela 5.6 Razões para não ter visitado Milreu - Região do Algarve

Justificativas	Quantidade	Percentual da Amostra
Poucos autocarros disponíveis	1	0,24%
Preço muito elevado	4	0,95%
Não tive oportunidade ainda	60	14,22%
Não tenho interesse	1	0,24%
Não tive tempo	4	0,95%
Falta acessibilidade para mim como rampas	0	0,00%
Outro (especifique)*	10	2,37%
Ainda não calhou	1	0,24%
Das vezes que fui para visitar, estava fechado	1	0,24%
Desconhecimento do que irei ver	1	0,24%
Está na lista, visitarei em breve	1	0,24%
Estarem muitas vezes fechadas	1	0,24%
Localização	1	0,24%
Nao calhou	1	0,24%
Nem consigo justificar	1	0,24%
Preguica	1	0,24%
Sou ex combatente e penso que tal como nos museus,não pago.	1	0,24%
* Respostas em campo aberto do questionário. Para a apresentação foi mantida a grafia e expressões originais de seus respondentes		

5.1.2.2.2 Análise de satisfação e propostas de melhorias

Foi pedido para as pessoas darem uma nota para a experiência geral dentro do espaço. A nota foi feita em uma escala de 1 até 10 - onde 1 é muito insatisfeito e 10 e muito satisfeito. Em suma, a média foi de 7,6 de satisfação geral, com grande quantidade de notas 10.

Para identificar possíveis problemas, foi feita uma abordagem mais propositiva ao inquirido, ou seja, ao invés de pedir para que esses listassem todos os problemas que eles identificavam ali, foi-lhes questionado o que mudariam em Milreu se assim pudessem. A resposta foi feita em um campo aberto e por essa razão, para padronizar e viabilizar a análise, foi realizada uma categorização por tema e subtema de acordo com o contexto das respostas.

Desconsiderando as respostas consideradas inconclusivas ou mesmo daqueles que informaram que não mudariam nada, não sabiam ou que abandonaram o questionário, foram identificadas 11 categorias em 205 sugestões informadas.

Importante mencionar que um respondente poderia ter abordado nenhum ou vários dos temas em uma única sugestão. Desta forma, a percepção dos problema ou categorização não está diretamente ligada à amostra.

No que tange aos resultados, aproximadamente 45% das sugestões, envolveram questões relativas à visitação, sendo sua grande maioria relativa às informações disponíveis no local (figura 5.12). Em muitos dos casos, as sugestões estavam relacionadas à criação de experiências mais interativas e digitais durante o trajeto, com elementos mais lúdicos.

Além desta categoria, as próximas propostas mais comentadas giraram em torno das estratégias de conservação (18%), acessibilidade (10,24%), arqueologia e patrimônio (7,8%) e estratégias de comunicação, marketing e publicidade (6,3%) (tabela 5.7).

Foram feitos cruzamentos e extrapolações por idade, gênero, localidade e alguns perfis comportamentais e não foi percebida nenhuma particularidade específica de algum grupo.

Percentual das sugestões por categoria - conforme

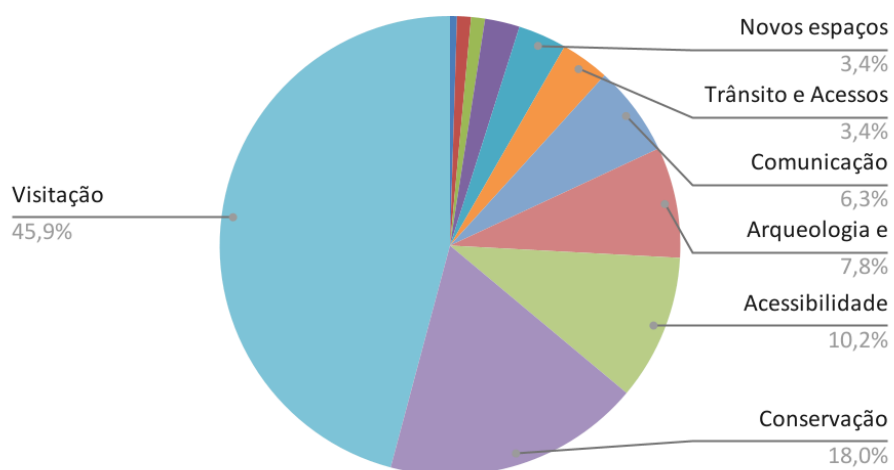


Figura 5.12 É possível observar que grande parte das sugestões do inquérito têm relação com estratégias envolvendo a visitação. É percebido que muito dirá respeito às informações disponíveis no local e com relação a qualidade destas.

Tabela 5.7 Detalhamento por Subtema das sugestões - conforme amostra

Tema	Subtema	Percentual
Visitação	Mais informações	14,15%
	Mais guias locais	8,78%
	Experiência Digital, Interativa ou Multimídia	9,27%
	Placas e indicações	6,83%
	Melhoria no circuito de visitação	3,41%
	Centro Explicativo	1,95%
	Preços	1,46%
Conservação	Espaço Geral	11,22%
	Mosaicos	3,90%
	Limpeza	1,95%
	Cuidados com a vegetação	0,98%
Acessibilidade	Geral	5,37%
	Mais sombras	3,41%
	Mais acessos para pessoas com mobilidade reduzida	1,46%
Arqueologia e Patrimônio	Mais pesquisas / escavações	5,37%
	Mais artefatos e peças expostas	1,95%
	Participação comunitária	0,49%
Comunicação	Informação mais eficiente	2,44%
	Marketing	1,95%
	Melhoria das redes sociais	1,95%
Trânsito e Acessos	Estacionamento	2,44%
	Falta de autocarros	0,49%
	Rodovias e Estradas	0,49%
Novos espaços	Área de Lazer	1,95%
	Alimentação	0,49%
	Área infantil	0,49%
	Geral	0,49%
Atendimento	Recepção	1,95%
	Dificuldades com os horários	0,49%
Política	Gestão política ineficiente	0,98%
Segurança	Combate à eventos isolados	0,98%
Administração	Problemas Gerais	0,49%

É importante mencionar que nas sugestões relativas a "mais informações", os respondentes foram em grande maioria pouco descritivos. Aparenta ser uma insatisfação mais geral que envolve detalhes operacionais como compreensão do que estão vendo

durante a visitação. Porém é importante mencionar que a falta de informação também terá relação com a comunicação, em especial aquelas relacionadas com a divulgação de eventos.

Outro fato relevante ocorreu nas sugestões relativas a processos arqueológicos e gestão do patrimônio. Apesar de não numerosa comparativamente à amostra, sob o aspecto qualitativo, é possível perceber nas sugestões, uma concentração de sugestões relacionadas a novas escavações e gestão dos materiais arqueológicos (tabela 5.8).

Tabela 5.8 Sugestões relacionadas à Arqueologia e Patrimônio - Grafia e expressões mantidas conforme inserido pelos respondentes	
Sugestões	
Mais arquitetura descoberta, mais espaços para os visitantes se envolver nas ruínas e mais interação do público nas ruínas, assim como a realização de eventos culturais	
Continuar a pesquisar mais vestígios	
Alargar a área explorada para fazer melhor ideia da grandeza do sítio	
Explorava o maximo possivel a nivel arqueológico e protegia a historia ao maximo a nunca ser destruida .	
Fazer o trabalho de um arqueólogo.	
Mais escavação	
Mais escavações e mais guias	
Expor maior número de achados no terreno	
Descrição das construções existentes. Exploração de novos espaços que se propagam muito além da área hoje delimitada.	
Escavação nos arredores.	
Deveria estar exposto no Museu das ruínas tudo o que foi ali encontrado. E não em faro ou Lisboa tudo	
Criação de campanhas de escavações nos arredores não só para estudantes de PC e de arqueologia como jovens para virem conhecer esta área.	
Sinalética, recursos digitais, conservação, colocar as peças descobertas em exposição	
Criação de campanhas de escavações nos arredores não só para estudantes de PC e de arqueologia como jovens para virem conhecer esta área.	

As pessoas que visitaram Milreu também foram questionadas se caso fosse um arqueólogo em Milreu por um dia, o que gostariam de fazer. A grande maioria apontou a necessidade de saber mais da história do espaço seguida por interesses em novas escavações (tabela 5.9).

Tabela 5.9 Se pudesse ser arqueólogo por um dia, o que gostaria de fazer em Milreu - por idade conforme amostra							
Atividades	20 anos ou menos	20-30	30-40	40-50	50-65	65 ou mais	Total geral
Saber mais da história do espaço	3	5	12	42	64	30	156

Escavar novos espaços	0	5	15	42	49	19	130
Estudar a arquitetura de Milreu	2	3	7	27	36	16	91
Ter contato com materiais cerâmicos, metais e outros artefatos	1	5	9	32	30	9	86
Aplicar ideias de preservação nos locais de risco	1	1	4	21	31	5	63
Estudar contextos funerários	1	1	7	13	6	5	33
Outro (especifique)*	0	0	3	1	7	1	12
...					1		1
Ao escavar novos locais, adoraria encontrar um fragmento ou um objeto nunca antes mexido por ninguém, à exceção dos seus utilizadores.					1		1
Descobrir novos materiais e artefactos			1				1
Já sou Arqueóloga				1			1
Nada					1		1
Nenhuma					1		1
Promover escavações coordenadas nos terrenos adjacentes, devidamente licenciados e autorizados.			1				1
saiba mais sobre a vida em Milreu. Imaginar um dia típico das pessoas que viveram em Milreu e depois reconstruí-lo, mesmo numa sala ou com um vídeo 3D					1		1
Sem sugestão					1		1
Ter ideias, não seguir só as dos outros					1		1
Todos os temas acima são interessantes						1	1
tudo!			1				1
* Respostas em campo aberto do questionário. Para a apresentação foi mantida a grafia e expressões originais de seus respondentes							

5.1.2.2.3 Eventos Culturais

Com o objetivo de permitir relacionar as ações executadas em Milreu - seja pelo DIVAM nos últimos anos ou pela atual administração - foi elaborada uma questão perguntando quais eventos culturais as pessoas gostariam que existissem em Milreu que as motivariam mais em frequentar o espaço. Era possível a seleção de mais de uma

opção e não foi questionado se as pessoas já frequentavam eventos existentes ou mesmo avaliado se os eventos eram ou não compatíveis com o espaço.

Em grande maioria, espetáculos musicais, exposições de arte, oficinas e peças de teatro foram as principais atividades mais bem avaliadas. Não houve uma relação que indicasse uma preferência maior por idade, gênero ou localidade, contudo, houve uma variação de preferência ao analisar as pessoas que informaram estar aposentadas (tabela 5.10).

Tabela 5.10 Relação entre atividades e retirados - conforme amostra

Atividades	Não retirado	Retirado
Espetáculos musicais	16,91%	16,83%
Exposição de artes	13,29%	16,83%
Peças de teatro	12,72%	14,85%
Dança	6,65%	8,91%
Oficinas, cursos e aulas no espaço	14,74%	8,91%
Apresentações de Fado	4,91%	7,92%
Leitura de Poesias	6,36%	7,92%
Festejos locais	8,09%	6,93%
Atividade física ao ar livre	5,20%	4,95%
Outro	4,62%	3,96%
Yoga e Meditação nas áreas verdes	6,50%	1,98%
	100,00%	100,00%

Os retirados tendem a preferir atividades culturais como exposições de arte, espetáculos de dança ou mesmo apresentações de fado e poesias. Em contrapartida, a população composta por pessoas que informaram não estar aposentadas, tende a preferir atividades como oficinas e trazer festejos locais para o espaço.

As atividades envolvendo a resposta "outros" foi diversa e correspondeu a 36 inserções. Desta forma, as respostas foram categorizadas para padronização e observou-se uma maior incidência em sugestões envolvendo atividades educacionais e eventos culturais como concertos musicais (tabela 5.11).

Tabela 5.11 Percentual da categorização de outras atividades sugeridas que motivariam as pessoas em frequentar Milreu - conforme amostra

Categoria	Percentual
Arqueologia	2,78%

Atividades Interativas e Participativas	8,33%
Comentários e Sugestões Gerais	2,78%
Educação e Aprendizado	19,44%
Eventos Culturais e Artísticos	19,44%
Eventos e Festividades	5,56%
Eventos Esportivos	2,78%
Exposições e Mostras	5,56%
Inconclusivas	8,33%
Nenhum evento motivaria	8,33%
Preços mais acessíveis	2,78%
Preocupação com a viabilidade no espaço	5,56%
Preservação e Sensibilização	5,56%
Publicidade	2,78%
Total geral	100,00%

Foi questionada a forma (ou o canal utilizado) em como as pessoas se informam dos eventos em sua localidade. O objetivo da questão é criar um objeto de comparação entre as divulgações das ações realizadas até então e averiguar quais canais de comunicação são esperados pelas pessoas para terem ciência dos eventos. Se percebe portanto, um grande uso das redes sociais, em especial *Facebook* e *Instagram*, seguido de cartazes e pessoas (figura 5.13).

Canal de informação sobre eventos, conforme amostra

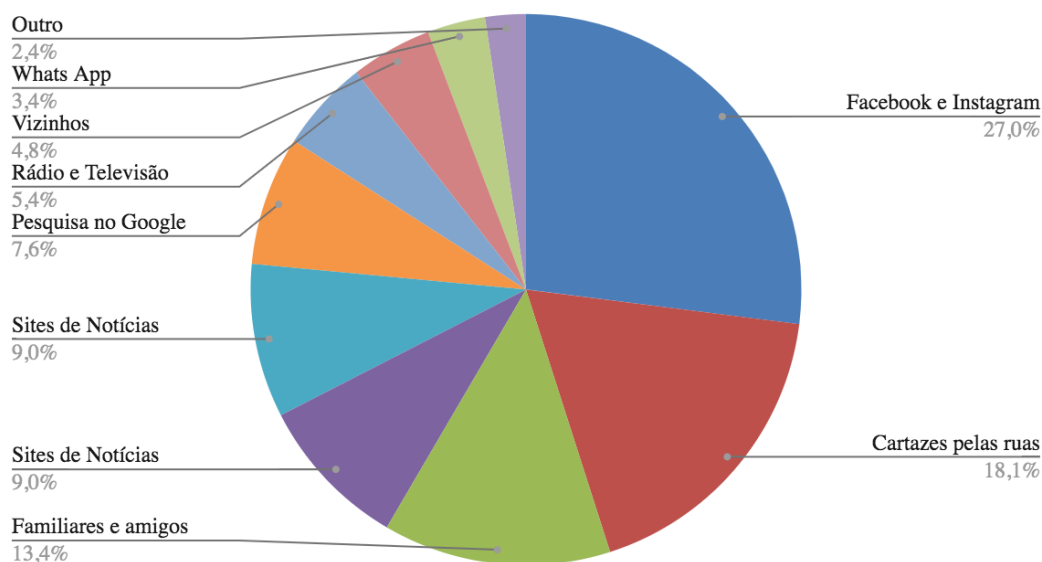


Figura 5.13 Canal utilizado pelos respondentes para poderem se informar sobre eventos culturais na região. É possível perceber que as redes sociais do Meta têm grande apelo da população

Há uma pequena variação identificada por faixa etária quanto ao consumo dos canais onde as pessoas mais jovens tendem a buscar mais o ambiente *online* para se informarem (tabela 5.12).

Tabela 5.12 Canal de informação sobre eventos por idade, conforme amostra

Canal	20 anos ou menos	20-30	30-40	40-50	50-65	65 ou mais	Total geral
Facebook e Instagram	3	10	28	95	122	59	317
Cartazes pelas ruas	1	3	23	66	79	40	212
Familiares e amigos	2	6	11	43	57	38	157
Sites de Notícias	1	3	5	27	41	29	106
Sites de Notícias	1	3	5	27	41	29	106
Pesquisa no Google	1	5	7	24	31	21	89
Rádio e Televisão	0	0	0	16	23	24	63
Vizinhos	0	2	2	19	18	15	56
Whats App	2	0	2	14	13	9	40
Outro	0	1	4	7	10	6	28

5.1.2.2.4 O papel da Arqueologia na vida das pessoas

Inicialmente foi proposto um questionamento que visava analisar o repertório e as referências dos inquiridos onde em um campo aberto, indicaram os sítios que conheciam e o que mais chamava a atenção nesses espaços.

Foi percebida uma grande menção a Conimbriga em pelo menos 24 das respostas seguida por Roma (10 respostas), Mérida (8 respostas) e Pompéia (6 respostas).

Também foram questionadas se costumam receber informações sobre as descobertas em Milreu e no caso desta pergunta, foi adicionada a opção nenhuma vez. Dos 237 respondentes nessa etapa, pouco mais de 70% entendem que recebem poucas vezes, raramente ou nenhuma vez informação sobre Milreu (figura 5.14).

Com que frequência, os inquiridos ouvem sobre descobertas arqueológicas no sítio de Milreu, conforme amostra

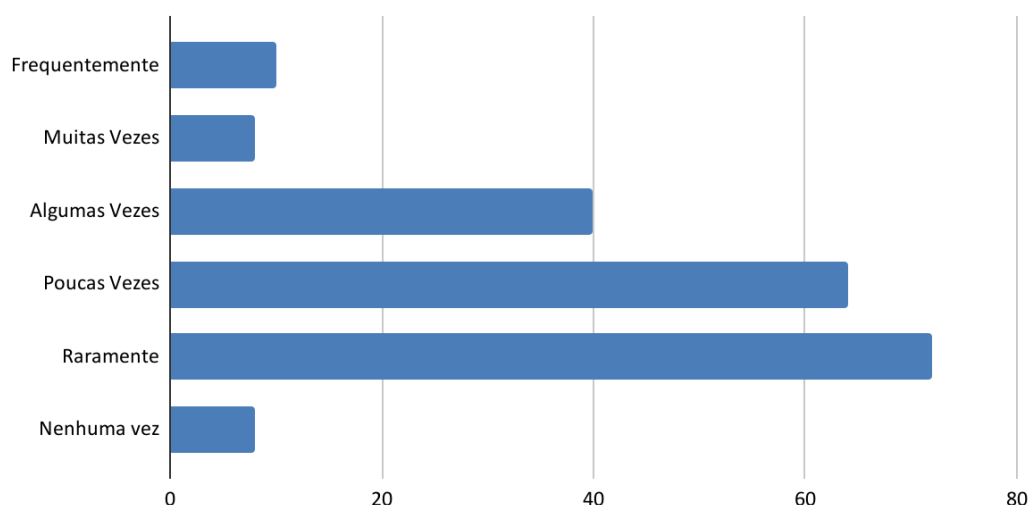


Figura 5.14 Frequência com que as pessoas ouvem sobre descobertas arqueológicas em Milreu de um total de 237 respostas

Importante mencionar que em outro ponto do inquérito, cerca de 77% das pessoas entenderam que as informações que recebem não são suficientes.

Por fim, em um campo aberto, as pessoas foram convidadas a responder o que elas acham que a arqueologia podia fazer mais pelos patrimônios de Portugal. Após categorização das respostas (tabela), é viável perceber que o papel do arqueólogo não está completamente consolidado com expectativas em realização de atividades que extrapolam suas competências.

Contudo é esperado que ele saia do seus espaços tradicionais e chegue até à população geral com informações, propostas de trabalhos conjuntos e principalmente com medidas educacionais.

Tabela 5.13 Sugestão sobre quais atividades a arqueologia pode executar mais para melhorar a gestão do patrimônio histórico em Portugal

<i>Categoria</i>	<i>Menções</i>
Atividade Turística	3
Atividades Interativas e Participativas	1
Comentários e Sugestões Gerais	3
Conservação	19
Divulgação científica	11
Educação e Aprendizado	33

Entende que já faz o suficiente	3
Envolvimento da comunidade na pesquisa	3
Escavação	4
Eventos Culturais e Artísticos	1
Eventos e Festividades	2
Exposições e Mostras	3
Gestão de materiais arqueológicos	8
Inconclusivas	11
Total geral	105

Em todas as respostas, é reconhecida a importância do arqueólogo e da conservação do legado em Portugal, porém percebe-se uma lacuna na comunicação com o público.

5.1.3 Conclusões parciais

É possível perceber dentro das respostas uma grande preocupação com relação a informação e comunicação. Sejam sob um aspecto mais educacional como divulgação científica e história das ruínas, quanto operacionais, como preços, horários e mesmo eventos.

Também houve menções relevantes quanto à acessibilidade e experiência no espaço, que pode demandar criar trajetos mais agradáveis, espaços de descanso e cobertos, facilitar acesso à água e alimentação e rever constantemente questões pontuais como vegetação e estacionamento.

Há preocupações com relação a gestão do espaço e artefatos, sobretudo sob o caráter preservacional.

Em um ponto do inquérito, foram questionados se as pessoas conheciam algum lugar de referência no mundo e em sua grande maioria citaram Conímbriga por ser, além de um importante monumento dentro do território português, um local reconhecido pela preservação e por possuir explicações claras disponíveis no local, que na visão das pessoas, ajudam os visitantes a terem uma experiência enriquecedora e educativa.

O inquérito, porém, demanda algumas ponderações sobretudo nos casos particulares apresentados, visto que não compreende uma proporção equivalente para alguns grupos como a população mais jovem, por exemplo. Também se notou uma

quantidade de abandono de formulário que impediu que parte da amostra respondesse as percepções específicas a Milreu.

Todavia, é percebido que mesmo que a extrapolação da amostra para população geral de respondentes apresentou pouca mudança nas tendências e percentuais, podendo indicar que os dados qualitativos coletados têm pouca variabilidade entre Algarve e o resto de Portugal.

É recomendado portanto, durante a replicabilidade dessa metodologia, estratégias estatísticas adicionais para corrigir as discrepâncias apresentadas. No caso desta investigação em específico, foram realizadas entrevistas individuais e observações não-sistemáticas como ações adicionais, das quais, como observado a seguir, terão convergências com os inquéritos online sob o aspecto qualitativo.

5.2 Entrevistas Individuais

Os inquéritos semi-estruturados presenciais foram realizados com moradores, profissionais ligados diretamente ao sítio de Milreu e com pessoas ligadas às atividades comerciais locais.

5.2.1 Perfil dos respondentes

No geral, foram realizadas 9 conversas cujo os convites foram divulgados nas redes sociais ou realizados diretamente.

Os entrevistados foram separados em quatro grupos: Moradores (ou ex-moradores), trabalhadores em Estoi, profissionais ligados às ruínas de Milreu e profissionais que realizaram alguma atividade em Milreu (tabela 5.14). Para cada grupo foi aplicado um tipo de questionário diferente porém grande parte das perguntas era comum entre os grupos.

Ordem	Gênero	Idade	Grupo
1	Masculino	62	Ex-morador
2	Feminino	59	Morador
3	Feminino	92	Morador Trabalhador em Estoi
4	Feminino	85	Trabalhador em Estoi

5	Feminino	Suprimido	Funcionário das ruínas de Milreu
6	Feminino	Não divulgou	Realizou atividade em Milreu
7	Masculino	52	Morador Funcionário das ruínas de Milreu
8	Feminino	Não Permitiu	Trabalhador em Estoi
9	Masculino	29	Ex-morador

Importante mencionar que o agrupamento incluiu o arqueólogo responsável pelas ruínas, Dr. António Medeiros, que além de trazer informações do dia a dia na gestão do património, também forneceu detalhes como morador de Estoi. Também foi inserida na amostra uma representante da Partilha Alternativa que realizou o documentário no âmbito do DIVAM com histórias pessoais dos antigos moradores da casa rural.

Dada a relevância dentro da história de Estoi, há também a presença de um profissional ligado ao Palácio de Estoi que proveu uma dimensão complementar sobre toda a aldeia.

A sumarização das respostas por entrevistado neste projeto está inserida dentro dos anexos. Exceto para o caso do Dr. Antônio, que trouxe elementos propositivos inerentes aos problemas gerais, os nomes e dados pessoais dos demais entrevistados foram omitidos.

De maneira geral, todos os entrevistados conseguiram falar sem nenhum tipo de impedimento, conflito ou embargo e somente um dos participantes pediu para os dados pessoais serem completamente anonimizados.

5.2.2 Percepções gerais sobre Estoi

Muitos dos entrevistados valorizam a tranquilidade da aldeia e seu rico património arquitetónico, destacando o Palácio de Estoi e seus jardins como centros de atividade cultural e turística. No entanto, há relatos de descontentamento quanto à falta de infraestrutura adequada e preocupações com a perda de tradições e dinâmicas comunitárias devido a mudanças demográficas e administrativas.

Uma das causas seria a configuração do perfil de novos moradores onde a população estrangeira estaria ocupando mais espaços. Apesar de alguns entrevistados relatarem problemas pontuais com estrangeiros, a grande maioria considera um sintoma de um problema mais amplo.

Alguns entrevistados também expressaram frustração com o que percebem como negligência das autoridades locais e uma certa alienação em relação ao patrimônio cultural.

Há também um sentimento de que Estoi poderia aproveitar melhor suas riquezas culturais e históricas para educar e inspirar tanto os residentes quanto os visitantes, através de iniciativas mais proativas de musealização e eventos educativos que envolvam a os moradores e valorizem o patrimônio local.

5.2.3 Percepções sobre Milreu

A percepção das pessoas sobre Milreu, revela uma relação positiva porém conflituosa entre comunidade e sítio arqueológico. Alguns residentes mostram grande interesse e valorização pelo patrimônio histórico, reconhecendo sua importância cultural e educativa. No entanto, há também uma sensação de distanciamento e falta de envolvimento mais profundo da população local com o sítio. Resumidamente, é possível listar:

- **Valorização do patrimônio:** Moradores e especialistas valorizam seu significado histórico e arqueológico. O local é visto como uma peça central para entender a história e a cultura da região. Alguns residentes têm memórias pessoais de interações com o sítio desde a infância, o que reforça seu valor sentimental e cultural.

- **Falta de engajamento:** Apesar da valorização, há relatos de que muitas pessoas locais não visitam frequentemente o sítio. Há uma percepção de que poderia haver mais esforços para integrar Milreu na vida das pessoas. Também foram apontados alguns descontentamentos quando algumas pessoas tentaram se aproximar do espaço com proposições de ideias, gerando conflitos e frustrações.

- **Desafios na gestão e divulgação:** Questões sobre a gestão e divulgação de Milreu também são apontadas, com críticas à maneira como as informações são compartilhadas com o público e como o sítio é mantido. A falta de manutenção adequada e a necessidade de mais pesquisas arqueológicas são preocupações recorrentes. Além disso, há sugestões de que melhorias na sinalização e na acessibilidade poderiam ajudar a atrair mais visitantes.

- **Eventos e atividades:** Os eventos realizados em Milreu, como os do programa DIVAM, são geralmente bem recebidos, mas também há uma sensação de que

poderiam ser melhor divulgados. No geral, entendem que a realização de eventos culturais e educativos é vista como uma oportunidade para fortalecer a conexão entre Milreu e o povo, mas que pode em alguns casos não dialogar com a realidade de algumas pessoas.

5.2.4 O papel da Arqueologia na vida das pessoas

Os entrevistados têm percepções variadas sobre como a arqueologia pode funcionar em Milreu, onde:

- **Educação e engajamento comunitário:** Existe uma crença de que a arqueologia em Milreu deve ser usada como uma ferramenta educacional e de engajamento para a comunidade local;
- **Melhorias na acessibilidade e sinalização:** Algumas opiniões apontam para a necessidade de melhorar a acessibilidade e a sinalização em Milreu, facilitando o acesso ao sítio e tornando-o mais convidativo para visitantes de todas as idades e condições físicas.
- **Pesquisa e conservação:** A arqueologia é vista como essencial para a continuidade das pesquisas e para a conservação do patrimônio em Milreu. Há um interesse por escavações e prospecções mais frequentes que possam revelar mais sobre o passado da região.
- **Divulgação e promoção:** Muitos acreditam que a arqueologia deveria ser melhor promovida. Isso incluiria melhor divulgação dos eventos, descobertas e atividades em Milreu, utilizando diferentes meios de comunicação para alcançar um público mais amplo.
- **Integração com a comunidade:** A arqueologia em Milreu poderia ser mais integrada com a vida da comunidade local, oferecendo oportunidades para que os residentes participem das escavações e outras atividades arqueológicas.
- **Utilização de Tecnologia:** Alguns sugerem que o uso de tecnologias modernas poderia ajudar no processo educacional e na exploração arqueológica de Milreu, tornando as descobertas mais acessíveis e interativas para o público.

Há um caso específico de contradição nas respostas, apresentado por um trabalhador no palácio de Estoi que entende que a Arqueologia não pode impedir os avanços econômicos da região com embargos de obras, diferente dos moradores, por

exemplo, que entendem que é preciso resgatar mais informações do passado e preservá-lo, dentro de Estoi, se possível.

5.2.5 Melhorias esperadas

Segundo o Dr. Antônio Medeiros e um outro funcionário das ruínas nas entrevistas, são esperadas diversas obras de melhorias dentro do espaço. Durante as conversas não havia nenhum plano oficial publicado e muito do projeto ainda estava em construção.

Contudo, as melhorias tendem a envolver o trajeto da visita, a preservação de pontos específicos, recursos educacionais e questões de acessibilidade. Muitos dos problemas observados neste trabalho já eram de conhecimento da gestão e muitos dos casos estavam em pauta para discussão.

5.2.6 Convergências

5.2.6.1 Comunidade Geral

Os moradores de Estoi compartilham um sentimento de orgulho e valorização profunda do patrimônio cultural e histórico de sua região. Expressam uma preocupação comum sobre a necessidade de preservação adequada e melhorias na infraestrutura local. Há um desejo por mais atividades comunitárias e educativas que envolvam Milreu. Além disso, os moradores desejam maior transparência nas atividades que afetam tanto o patrimônio quanto o desenvolvimento local.

5.2.6.2 Profissionais de Milreu e Comunidade

Ambos os grupos concordam sobre a necessidade de conservação e o potencial educacional de Milreu, destacando a oportunidade de usar o local como uma ferramenta educativa para as novas gerações. Adicionalmente, existe uma visão comum da necessidade de melhorar a infraestrutura e a acessibilidade do sítio, com sugestões como melhor sinalização e facilidades para visitantes.

5.2.7 Divergências

5.2.7.1 Divergências dentro da comunidade

Alguns residentes expressam um desejo por maior envolvimento comunitário e acesso a Milreu, sugerindo atividades que poderiam integrar mais o sítio na vida comunitária. Outros parecem distanciados ou desinteressados de Milreu, indicando que, enquanto reconhecem sua importância, não sentem um vínculo pessoal ou uma utilidade diária em se engajar com o local.

Muitos entrevistados criticaram a gestão local por não divulgar adequadamente o patrimônio, por falhas na infraestrutura ou por uma falta de interesse em engajar as pessoas. Alguns, no entanto, apreciam os esforços para melhorar a acessibilidade e promover eventos culturais, vendo-os como passos positivos para a valorização e aproveitamento do patrimônio.

Por fim, alguns entrevistados são otimistas sobre o futuro de Estoi, enxergando o potencial para desenvolvimento e uma maior integração do patrimônio na vida moderna da aldeia. Outros contudo, expressam preocupações com o envelhecimento da população, a saída dos jovens, e o medo de que a aldeia perca sua identidade e se torne apenas um subúrbio ou área dormitória

5.2.7.2 Divergência entre profissionais de Milreu e comunidade

Os profissionais de Milreu têm uma visão de Milreu como um recurso educacional e cultural primordial, com um foco robusto na pesquisa, conservação e no potencial educativo e cultural. A gestão de Milreu tenta conectar o sítio com a vida dos moradores locais, no entanto, ainda há uma percepção de que poderia ser feito mais para fortalecer essa conexão. Alguns moradores desejam um envolvimento mais ativo e facilitado para poderem expressar suas ideias e projetos pessoais, dos quais geraram algumas frustrações.

6. Consolidação dos resultados

6.1 Análise SWOT

A matriz SWOT das Ruínas Romanas de Milreu oferece uma visão detalhada sobre os diversos fatores sob aspectos positivos e negativos. Desta forma, com base nas informações coletadas tanto nos inquéritos, entrevistas e observações, foi proposta uma matriz que consolida todas essas percepções e as organiza de maneira estruturada e resumida (tabela 6.1).

Tabela 6.1 Matriz SWOT acerca de Milreu com base nos inquéritos e entrevistas	
Forças	Fraquezas
Importância histórica e cultural reconhecida.	Falta de manutenção e conservação adequadas.
Atração turística com potencial educacional.	Dificuldade de acessibilidade e sinalização com informações sobre o local frequentemente apagadas ou insuficientes.
Diversidade de eventos culturais e educacionais	Desconhecimento local sobre o valor e os detalhes das ruínas.
Presença de materiais arqueológicos significativos	Percepção de que a comunidade local não está engajada com o patrimônio.
Valorizado por visitantes frequentes e pesquisadores.	Carência de guias e suporte informativo durante visitas.
Centro de Interpretação disponível.	Comunicação limitada com a população.
Local de interesse para atividades arqueológicas contínuas.	Localização com acessos limitados e críticas frequentes ao Estacionamento
Oportunidades	Ameaças
Possibilidade de mais colaborações com instituições educacionais para pesquisa e divulgação, em especial com a Universidade do Algarve.	Risco de deterioração contínua devido à falta de recursos.
Desenvolvimento de novos projetos e atividades culturais para atrair mais visitantes.	Conflitos e desinteresse da comunidade local podem limitar o desenvolvimento.
Uso de tecnologias modernas para enriquecer a experiência dos visitantes e a gestão do sítio.	Mudanças estruturais, políticas ou econômicas que podem afetar o financiamento e apoio às ruínas.
Crescente interesse em descobertas arqueológicas e históricas na região do Algarve.	Potencial para vandalismo e degradação por falta de supervisão adequada.
Exploração de lendas e histórias locais para aumentar o interesse turístico.	

Comparativamente ao caso de Gonçalves et al. (2005) que proveu uma matriz similar para o caso de Milreu, a matriz SWOT baseada nas informações coletadas dos inquéritos trouxe informações adicionais sobretudo com relação a informação e comunicação, considerada deficitária. Também complementa que a gestão não procura

recorrer a pesquisas de satisfação ou meios de obtenção de *feedbacks* para melhorar a experiência no local. De fato, durante a observação realizada no espaço, não foi notada nenhuma ação nesse sentido.

No que diz respeito a consolidação deste projeto, a matriz revelou diversos pontos, como uma percepção de existir áreas críticas que necessitam de atenção imediata e estratégias eficazes para a preservação do sítio. O risco de desgaste das estruturas do monumento e a falta de manutenção com a área verde são alguns dos temas que permaneceram frequentes nas respostas de algumas pessoas. Não distante disso, a revisão de Wielewski (2022) menciona que há uma grande chance de riscos de pisoteios indevidos ou mesmo ações do tempo como chuvas, que deixam o espaço em grau de exposição considerável, necessitando ações imediatas e revelando pontos de fragilidade nas ruínas.

Há também uma insatisfação quanto a eficácia da divulgação dos eventos e comunicação com a população, focada nas redes sociais do Patrimônio Cultural I.P. e em algumas divulgações pontuais.

Em contrapartida, há elementos de oportunidade e força que as ruínas têm. Seu valor histórico e as ações educacionais e culturais promovidas no espaço, têm sido objeto de apreciação geral, mesmo que ainda não engajando parte da população. De certo, o uso desses recursos parecem ter sido eficientes e parte fundamental do processo de integração com Milreu.

7. Discussão

7.1 Informação e comunicação

Os questionários *online* assim como as entrevistas, apresentaram uma série de apontamentos relacionados a informações e no trato das mesmas. No geral, elas tendem a ser muito abrangentes e nesse sentido, merecem uma problematização particular sobre cada aspecto dela.

A informação, no contexto da comunicação do conhecimento, é um conceito central na sociedade moderna, especialmente desde a ascensão das redes de computadores pós-Segunda Guerra Mundial. Sua definição varia conforme o contexto e sua relação com termos como documentos, textos e conhecimento. É uma noção

interdisciplinar que se aplica tanto a processos humanos quanto não humanos (Capurro e Hjørland, 2003).

Portanto, para compreender melhor o que as pessoas quiseram dizer quando expressaram indignação com relação a qualidade das informações recebidas, é necessário entender os aspectos nos quais elas estava se referindo e detalhar o cenário para cada um deles.

7.1.1 O problema da falta de informação

Inicialmente é difícil de compreender as causas e nuances da falta de informação somente observando os inquéritos *online*, visto que muitos inquiridos não proveram detalhes específicos.

Entretanto, para esse caso de uso, as entrevistas individuais além de confirmarem o problema, conseguiram dar um pouco mais de substancialidade com maior aprofundamento dos cenários.

Se vista de maneira rasa, a falta de informação também pode levar a uma conclusão pouco trabalhada, pois há uma incoerência no caso Milreu: dado seu valor histórico, com uma gama de trabalhos e pesquisas públicas e gratuitas disponíveis, um órgão centralizador com presença digital, disponibilização de materiais em museus e uma gestão ativa e dedicada, como é possível a população entender que há ausência de informações?

Ainda mais, com uma população cada vez mais digital, com dados sobre Milreu disponibilizados em inúmeros *websites*, questiona-se o porquê desse tema ainda ser um problema. As razões podem se dar na democratização da informação.

No contexto da sociedade da informação, onde a oferta de conhecimento excede a demanda, o desafio não é apenas controlar ou organizar o conhecimento abundante, mas orientar as pessoas para que encontrem a informação mais relevante e útil no menor tempo. Em um mundo em que informação é sinônimo de poder e predominantemente produzida e transmitida por uma mídia hegemônica, se torna desafiadora esta democratização (Assis e Villa, 2003).

Em outras palavras, é preciso compreender se o que é disponibilizado está chegando até as pessoas e é por isso que a informação dialoga com a comunicação. Conforme apresentado dentro dos inquéritos, a falta de informação foi colocada como um problema tanto operacional e educacional, quanto comunicatório.

Desta forma, demanda-se uma análise mais pontual caso a caso para observar o cenário atual e compreender se de fato o uso da informação e comunicação para a população carece de medidas práticas.

7.1.2 Avaliação dos cenários

Para poder compreender melhor o que as pessoas informaram em diversos pontos dos inquéritos com relação ao tema, foram criadas três categorizações para esse cenário com base nas respostas que puderam trazer mais insumos (tabela 7.1).

Informações Operacionais	Informações Gerais	Comunicação
Preço	Sobre o sítio	Eventos
Placas, sinalizações e circuito	História do sítio	Publicidade
Horários	Informações Arqueológicas	Redes Sociais

Essas categorias permitem que cada um dos problemas possam ser tratados de maneira individual e compreender o estado atual de cada aspecto.

7.1.2.1 Informações operacionais

7.1.2.1.1 Preços

De acordo com as respostas providas, há um grande desconhecimento com relação aos preços para visitação. Durante a coleta de dados, o custo para visitar as ruínas era de 2 euros, porém, segundo os profissionais que trabalham nas ruínas de Milreu, há uma série de descontos e isenções no preço que podem ser aplicadas. Moradores de Faro e Estoi, estudantes, retirados e outros perfis, são isentos de cobrança.

Contudo, durante algumas observações realizadas no espaço entre os meses de Janeiro de 2024 e Maio de 2024, não havia informações disponíveis impressas que detalhasse as isenções.

As Ruínas de Milreu não possuem *website* próprio, sendo todas comunicações centralizadas no portal do Patrimônio Cultural I.P. que no caso, por meio de sua bilheteria online, possui parte das isenções e descontos mencionadas como crianças até 12 anos e idosos (<https://bilheteira.patrimoniocultural.gov.pt/pt/monument/35>).

Foi possível localizar algumas páginas na *internet* que possuem algumas informações porém não estão condizentes com a informação passada pela administração.

7.1.2.1.2 Placas e Sinalizações

Há uma grande quantidade de pessoas, sobretudo no inquérito *online*, que realizaram diversas reclamações com relação a sinalética espalhada pelo recinto. Em suma, foi percebido que o espaço possui diversas placas com plantas e informações reconstroem o espaço para facilitar a interpretação dos visitantes.

Comparativamente aos anos de 2023 e 2024, houve uma melhora com relação as sinalizações dentro do espaço. Em uma visita realizada em 2023, é possível verificar que a placa com a planta geral, por exemplo, estava pouco visível, desgastada pelo tempo e exposição (figura 7.1). Já em 2024, é possível ver que a sinalização foi trocada por uma planta que recria espaços e demonstra novas informações (figura 7.2)

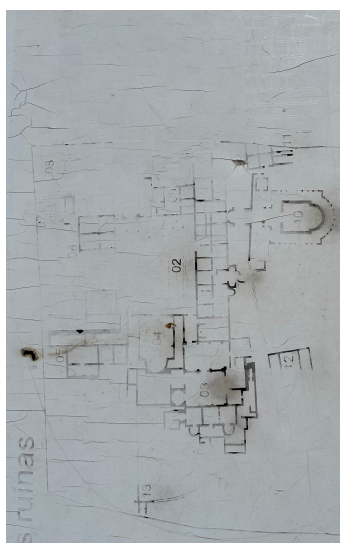


Figura 7.1 Planta Geral em fotografia realizada no espaço em fevereiro de 2023

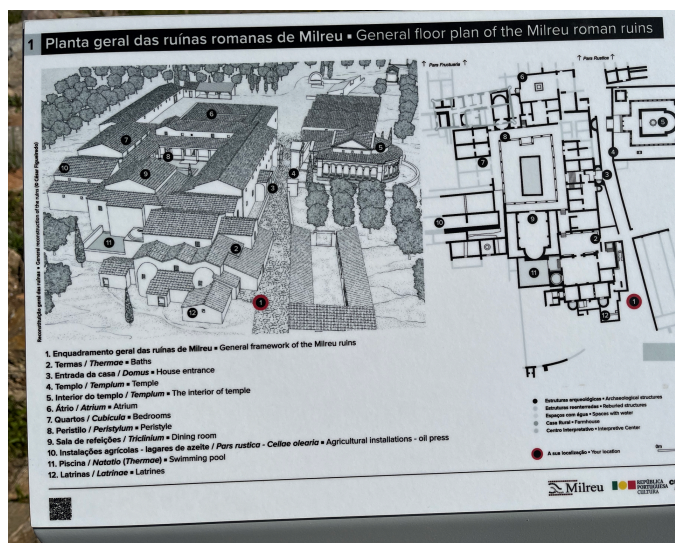


Figura 7.2 Planta Geral em fotografia realizada no espaço em abril de 2024

Não houve questionamento sobre quando foi a última vez que as pessoas visitaram o espaço ou mesmo se estas perceberam mudanças após a instalação das novas placas, sendo assim, não foi possível verificar se a percepção permanece sendo a

mesma. Também não foi identificada uma divulgação da nova sinalética, podendo ser a causa da percepção ainda ser a mesma.

O que se percebe é que não há um direcionamento ou placas indicativas quanto ao circuito que pode ser executado ou não. Em alguns casos, durante as visitas realizadas tanto em 2023 quanto em 2024, foi percebido que algumas pessoas, sobretudo crianças, ultrapassaram algumas barreiras de proteção para terem com partes do monumento.

7.1.2.1.3 Horários

Houve relatos pontuais com relação ao horário de visitação às ruínas. Nos casos em específico, não foi possível perceber como as pessoas se informaram com relação aos horários. É possível consultar o horário dentro da página do Patrimônio Cultural I.P., em destaque na pesquisa do *Google* e na entrada do monumento. No caso específico, seria necessário avaliar canais adicionais de comunicação para poder orientar mais pessoas.

Não é possível afirmar, porém, se os horários disponíveis atendem adequadamente a sua população, sendo necessária uma exploração específica.

7.1.2.1.4 Informações gerais: sítio, história e informações arqueológicas

Em muitos casos, houve reclamações quanto às informações do sítio e sua história. Segundo as pessoas, a informação sobre os elementos histórico-culturais é insuficiente e não se ouve muito sobre os resultados de pesquisas arqueológicas atuais.

De maneira prática, o sítio de Milreu conta com um centro interpretativo localizado na entrada. Devido às mudanças de gestão mencionadas, durante as visitas, o espaço estava temporariamente fechado onde parte da equipe ocupou o local junto a diversos móveis e objetos dispostos também em caráter provisório.

A recepção conta com guias e folhetos pagos, e a visitação é marcada por placas que reconstroem diversos espaços e contam alguns detalhes. Não há opção de guias em áudio, pelo *smartphone*, mapas de visitação ou qualquer material interativo que possa suportar a visita.

Fora do espaço, algumas das coleções arqueológicas estão presentes nos museus de Faro e Lisboa assim como dentro do Palácio de Estoi. Porém estas seguem as

diretrizes dos seus espaços. Exceto dentro do Centro de Interpretação, não há direcionamento para obtenção de mais informação sobre o sítio.

Na *internet*, dentro da página do Patrimônio Cultural I.P. o processo de busca é pouco eficiente. Em sua área de guias e nos acessos externos, os mesmos guias disponibilizados em Milreu são listados porém não são passíveis de consulta - em um dos casos só é possível comprá-los fisicamente.

Há um campo de busca relativo à área da bilheteria que ao se procurar por "Milreu" proveu informações sobre visitas ao sítio, horários e preços básicos.

De forma geral, as pessoas podem realizar busca em diversos *sites* não oficiais que contam a história do sítio como o caso do *wikipédia* e *sites* de notícia. Também é possível procurar artigos acadêmicos em bases de universidades ou no portal do arqueólogo, mas que podem dialogar pouco com a população geral.

Dentro do canal do *You Tube*, a instituição tem um canal disponível mas sem informações sobre Milreu. Os vídeos de outros canais não oficiais na plataforma, são em grande maioria relacionados à reportagem para televisão, canais de viagens, entusiastas ou pessoas que utilizaram Milreu como referência para diários em vídeo. Propostas como da Partilha Alternativa são exclusivas ao caso em si, sem localizar projetos similares.

Não foi encontrada nenhuma proposta estruturada de divulgação científica para a comunidade, tanto em âmbito acadêmico quanto institucional.

Segundo as entrevistas com os profissionais, o envolvimento se dá com as crianças nas escolas e com os eventos, como os dois casos de 2024 mencionados. Nessas ocasiões, visitas e mediações são realizadas a fim de contar a história das ruínas.

Durante o acompanhamento em um dos eventos, é possível perceber uma satisfação geral quase unânime, contudo, ainda há algumas restrições de acesso visto que ocorreram em períodos esporádicos com limitação de público.

7.1.2.1.5 Comunicação: eventos, publicidade, merchandising e redes sociais

Também durante o acompanhamento dos eventos de 2024 em Milreu, é possível notar que toda a comunicação formal ocorreu via rede social do Patrimônio Cultural I.P.. Houve divulgação em páginas de notícias e comunicações informais via contato pessoal e grupos do *facebook*.

Também são nas redes sociais oficiais que algumas imagens e informações gerais são postadas. As redes possuem pouco mais de mil seguidores porém não é possível analisar a efetividade da comunicação nesses espaços, o engajamento e conversão das postagens sem o devido acesso aos indicadores para análise.

Sabe-se pelas conversas que no âmbito do DIVAM, havia o trabalho de colocar cartazes pelas ruas de Faro e Estoi, porém não é possível verificar quais estratégias de comunicação ocorrerão com eventos similares.

É importante ressaltar que as estratégias de divulgação e compartilhamento de responsabilidades entre o órgão governamental e a administração do sítio, não foram divulgadas. É necessário uma compreensão mais detalhada para avaliar se há oportunidades de melhoria nas estratégias de comunicação.

Por fim, é possível perceber que parte do diálogo com a população é estimulado pela administração dentro dos limites de sua competência. Segundo as entrevistas, os funcionários do Palácio de Estoi foram convidados para uma visita guiada em Milreu para poderem ter mais repertório quanto ao sítio, os artefatos que lá se encontram e poderem direcionar melhor com os hóspedes. Também há conversas que ocorrem com a câmara e com as escolas na busca de projetos que possam integrar a população.

7.1.3 Proposta de trabalho: a arqueologia comunitária como ferramenta na gestão da informação e comunicação

"A ênfase na comunicação e colaboração entre os membros da equipe e os representantes da comunidade local em todas as etapas da pesquisa é de importância central para o sucesso de qualquer projeto de arqueologia comunitária,. Em vez de simplesmente "trazer" as pessoas locais para buscar sua aprovação quando o trabalho estiver concluído ou nas etapas finais da investigação, todo esforço deve ser feito para envolvê-las desde o início do projeto." (Moser et al., 2002)

Tal qual analisado nos casos portugueses, o sítio de Milreu têm colocado a população no papel de espectadora das decisões e em todo o processo de participação no que tange ao consumo de informação e comunicação.

Na bibliografia, muitos dos trabalhos envolvendo Arqueologia Comunitária, como o caso Al-Qusair concedem um esforço especial à comunicação, diálogo e aprendizado sob o ponto de vista da comunidade. Evidentemente que no caso de Milreu, desde as escavações realizadas pelo Instituto Arqueológico Alemão, a população não está mais próxima dos processos arqueológicos e não aparenta estar próxima de nenhum processo decisório vigente, sejam nas medidas educacionais, culturais, na produção dos eventos ou seja na construção de uma base de informações mais rica que possa atender e expressar todas as nuances suas.

A presença de um diálogo claro e simples em uma relação não comercial entre equipe-comunidade assim como organizações locais, também é ponto relevante do método e que não aparenta haver uma abertura no caso de Milreu, apesar dos muitos esforços da administração local.

Tangibilizando o caso por meio das análises, alguns dos exemplos em que a população não parece ter qualquer efeito decisório, quiçá participativo na produção do conhecimento, são expressados em casos como a disponibilização de guias somente pagos, ausência de qualquer informação oficial complementar com linguagem acessível na *internet* e em manter muitos artefatos em museus com alguma barreira de acesso como o museu do Faro e o Palácio de Estoi.

As medidas corretivas, em todos os casos onde a arqueologia comunitária é aplicada, partem da consulta e envolvimento da população, onde no caso poderia auxiliar na efetividade da comunicação das informações locais como horário e preço - como as pessoas de Estoi saberiam que não pagam para entrar em Milreu? - até medidas mais complexas como construção do conhecimento.

No caso de Al-Qusair, por exemplo, propôs-se um banco de dados digital dos artefatos para uso comunitário, com uma versão reduzida disponível para fins educativos.

É justo complementar que muitas das ações indicadas pelo arqueólogo responsável para o futuro de Milreu, de fato poderão elucidar algumas dúvidas que possam existir com relação a falta de informação, mesmo que sem envolvimento participativo das pessoas. Também se espera que muitos dos problemas possam ser resolvidos ou minimizados, porém no que tange a participação comunitária, esta poderá demandar ações adicionais. As medidas ainda podem não necessariamente contribuir para o engajamento local, resultando ainda ações que poderão esbarrar em burocracias administrativas.

7.2 A problemática do Engajamento

A hipótese de que a comunidade local não está engajada com o patrimônio é algo perceptível sobretudo nas entrevistas individuais. De fato, este era um dos questionamentos desta investigação e que se confirmou como real.

Contudo, assim como a "falta de informação" pode aparentar ser um problema um tanto genérico, o conceito de engajamento, se não bem explorado, pode também cair em generalizações.

Como já mencionado anteriormente, as ações sociais com a comunidade não são inéditas dentro de Estoi. Sejam nas escavações a partir dos anos 1970 ou seja nas diversas atividades realizadas com a população na atualidade, há um envolvimento de graus diferenciados e variados. Sendo assim, as expectativas com relação ao engajamento tanto da população quanto da administração, devem ser consideradas para evitar que agendas diferentes se sobressaiam e possam prejudicar o projeto arqueológico (Simpson, 2008).

Em outras palavras, enquanto a arqueologia comunitária espera trazer as pessoas para as dinâmicas arqueológicas para o dia a dia das pesquisas, comunicação e educação de maneira ativa, os órgãos competentes podem não ter condições de atender essas expectativas. O que precisa estar claro, portanto, é entender qual é o impacto esperado por ambas as partes para se desenhar um plano mais realista com resoluções mais eficazes.

Os profissionais ligados a Milreu esperam três comportamentos como evidência de melhora do engajamento: maior participação nos eventos culturais, aumento das visitas ao sítio e maior consciência patrimonial. Para eles, por exemplo, as atividades educacionais e culturais já executadas seriam suficientes para reverter o quadro de distanciamento atual.

É de extrema importância citar que a administração de Milreu tem estado em linha com suas obrigações, tanto naquelas previstas pela Lei n.º 107/2001 quanto nas recomendações previstas na Convenção de Faro 2005, em vigor desde 2011 (Conselho da Europa, 2011). As atividades executadas, a criação do centro interpretativo e o índice de avaliação geral apresentado nesta pesquisa, podem ser algumas das validações a serem consideradas como cumprimentos desses requisitos.

Porém, a situação tende a demandar atividades mais específicas que considerem aspectos adicionais. A investigação científica e a arqueologia comunitária são potenciais bases para endereçar esse problema.

É possível ver na investigação de Ripanti (2022) e nos conceitos de Brodie et al. (2011), estruturas metodológicas que podem ser utilizadas como ponto de partida.

O estudo de Ripanti corresponde a uma avaliação da participação da população em três sítios distintos na Itália que se valeram dos métodos da arqueologia comunitária. O trabalho explorou os conceitos de engajamento sob o ponto de vista da Gestão de Recursos Arqueológicos e concluiu que, apesar das práticas inclusivas, colaborativas e sustentáveis, dependem significativamente do engajamento e da valorização das comunidades locais, onde os indivíduos não apenas participam, mas também contribuem ativamente para a interpretação e preservação do patrimônio - tal qual já apresentado em outros modelos como o caso base de Al-Qusair.

A premissa abordada por Ripanti contudo é construída conceitualmente sobre revisão de Brodie et al. que, por sua vez, mapearam os conceitos relacionados à participação, sem seu sentido original.

Neste outro trabalho, os autores identificaram lacunas, motivações e até vieses que acontecem dentro da ótica dos gatilhos da participação - do porquê das pessoas se envolverem com algo ou mesmo sobre as barreiras à adesão, assim como as razões para elas se manterem envolvidas.

Como ponto de partida, são propostos três modelos de participação: social (referente às atividades coletivas, ação coletiva ou participação civil), pública (envolvimento com estruturas e instituições do Estado e da democracia) e individual (que engloba escolhas e ações que os indivíduos fazem como parte de sua vida diária).

Essa separação permite uma compreensão específica de cada problema (e suas causas-raízes), determinar estratégias que sejam mais adequadas para cada área, barreiras específicas e principalmente delimitar capacidades de atuação. Todas as ações podem garantir uma estruturação e planejamento mais adequado para cada ponto, assim como a capacidade de priorizar e classificar as soluções. Se um problema frequente for de ordem pública, por exemplo, este pode ter os esforços concentrados em áreas que, no caso, pode extrapolar as capacidades da administração do sítio de Milreu, demandando um movimento popular suportado por agentes mais adequados e capacitados.

É válido mencionar que ambos os trabalhos possuem ponderações na identificação de soluções visto que cada caso demandará análise das especificidades.

Também é importante caracterizar que a participação é voluntária, movida a agir por diferentes motivos de maneira constante, têm um propósito comum e um impacto coletivo e com consequências intencionais (Brodie et al., 2011).

Em Milreu, as maneiras como as pessoas participam e as circunstâncias em que ocorrem são complexas e têm origem em paradigmas igualmente complexos. Sendo assim, a abordagem das expectativas de engajamento são plurais e não necessariamente encaminham para uma solução única.

7.2.1 Participação social

Segundo as entrevistas, foi possível perceber uma parcela de pessoas que têm interesse em contribuir com as pesquisas do espaço por puro entusiasmo. Porém o caso da Partilha Alternativa é um exemplo de como as ações envolvendo associações podem contribuir para as pesquisas arqueológicas que, no caso, produziu um relato de valor histórico e oral significativos para Milreu e Estoi.

Também, os eventos em Milreu ainda são vistos com bons olhos e há uma grande predisposição geral a participar de eventos como peças de teatro e música.

7.2.2 Participação pública

Se percebe em Estoi ainda uma grande dependência do poder público para realização de ações na aldeia ou mesmo na execução de seus eventos. Em grande maioria, a câmara de Faro e a União das Freguesias de Conceição e Estoi estão à frente das tomadas de decisão local.

Também se nota um grande interesse local em reverter alguns quadros como a separação das freguesias que para muitos dos entrevistados, não contribuiu em nada para as melhorias estruturais locais.

Tanto nas entrevistas quanto nos inquéritos, há uma rejeição quanto ao deslocamento de parte dos materiais de Milreu aos museus de Faro e Lisboa. Para muitos, as peças de Milreu deveriam estar em Estoi.

Por fim, há uma insatisfação geral quanto ao tratamento que o Estado dá para os patrimônios portugueses, porém poucos conseguiram explorar os motivos a fundo. Enquanto os inquéritos apontaram a conservação do sítio como evidência, os

entrevistados entendem que as coisas são feitas dentro da devida viabilidade, mas reconhecem que há falta de verba e suporte.

7.2.3 Participação individual

As motivações individuais são percebidas por interesses que são despertados e executados pontualmente.

Um dos moradores, chegou a realizar prospecção por conta própria em terrenos próximos em busca de artefatos e ecofatos, mesmo sem ter conhecimentos técnicos suficientes.

Outra moradora, demonstrou interesse pela história e cultura de Milreu e se colocou à disposição para poder auxiliar em pesquisas arqueológicas, chegando a procurar a DRC Algarve para poder obter informações sobre o voluntariado.

Também há o caso de um ex-morador que escreveu um livro sobre Milreu, porém o mesmo afirmou não ter recebido suporte suficiente no final do seu projeto.

7.2.4 Ponderação da participação

Nota-se que as razões de engajamento em Milreu são diversas e que cada plano de ação deverá adotar uma medida gerencial diversa, a fim de garantir que as aplicações sejam feitas de maneira que mantenham as pessoas ativas no projeto.

Contudo é importante mencionar que há ameaças que podem impactar cada uma das ações. Prospeção uma nova área em torno das ruínas, por exemplo, pode demandar autorizações públicas e privadas, das quais podem não acontecer, levando a frustração daqueles que teriam tal expectativa.

Dentro da arqueologia comunitária, Ripanti (2002) reforça que alguns casos só foram possíveis de serem executados pois havia envolvimento e interesse de agentes de poder do Estado envolvidos e que, de alguma forma, viabilizaram o projeto.

7.3 Impactos imigratórios locais, influência estrangeira e a gestão do patrimônio

É percebido que durante a elaboração desta investigação, algumas questões relacionadas aos elementos imigratórios e papel dos estrangeiros vieram à tona. Em suma, é possível listar os seguintes casos mencionados:

- O fato do trabalho em Milreu em 1970 ter sido, segundo algumas pessoas, realizado "por alemães".
- A aldeia ter se transformado em uma "cidade dormitório", sobretudo para imigrantes oriundos da Ásia Meridional (citado em muitos casos, pessoas da Índia, Bangladesh e Paquistão), Brasil e Inglaterra - cada qual com sua percepção.
- A presença dos que muitos classificaram como "ciganos" ao identificarem indivíduos que não habitam espaços convencionais ou que vivem em situação de vulnerabilidade. Os relatos apontam que essas pessoas acessariam Milreu apenas para usar as casas de banho e jogar os lixos.
- Turistas que, em sua grande maioria franceses e ingleses, visitam o espaço e acessam o sítio via carro ou a pé, quando instalados no Palácio de Estoi.
- Alguns turistas estrangeiros que chegam em autocarros visitariam o espaço apenas com intuito de usarem as casas de banho.
- Os inquéritos terem sido redigidos no português do Brasil, causando estranheza nas redes sociais.

Como mencionado anteriormente, não é intuito desta investigação realizar uma análise quanto a qualidade e problematização das informações sob o aspecto imigratório ou dos impactos diretos dentro da relação entre estrangeiro, população e patrimônio. Entretanto, é necessário compreender melhor se as medidas planejadas poderão esbarrar em elementos desta ordem social.

O que se percebe, é que a aplicação da arqueologia comunitária, na qualidade do empoderamento local, tende a colocar a população originária em espaço de destaque. Apesar das motivações serem realizadas por arqueólogos que, em muitas vezes não

fazem parte daquela cultura, como é o caso das comunidades indígenas no Brasil, a comunidade tende a superar algumas dessas limitações.

O caso de al-Qusair é um exemplo, visto que o projeto foi coordenado pela arqueóloga de origem australiana, Stephanie Moser, no Egito. O que o projeto revelou é que a população escolhe seu arqueólogo e nesse sentido, sendo este estrangeiro ou não, será ele quem irá cumprir com as obrigações entre integrar patrimônio, comunidade e principalmente seus paradigmas.

Em suma, tal qual qualquer problema de ordem social, durante a construção do projeto prático, caso essas questões novamente venham à tona, será preciso avaliar como esta será trabalhada utilizando meios complementares de suporte que podem extrapolar até mesmo as competências do arqueólogo.

8. Conclusão

Diante dos detalhes expostos neste trabalho, é notável citar que Estoi é uma aldeia cercada de riquíssimos patrimônios materiais e imateriais. Sua população tem a oportunidade de integrar todos esses elementos em sua vida cotidiana de maneira ativa e criativa.

Milreu, parte deste conglomerado patrimonial, é um caso excepcional por si só. Sua sucessão de cronologias em sobreposições oriundas de ocupações frequentes até o século XX, permite uma abordagem investigativa de longo prazo com possibilidade de interpretações e estudos infundáveis.

Desta forma, a união dessas duas forças, comunidade de Estoi e patrimônio de Milreu, são um diferencial na potencialização do valor cultural de toda a aldeia e no enriquecimento da pesquisa arqueológica.

A priori, o perceptível distanciamento entre Milreu e Estoi, tende a ser difícil de se compreender, porém muito é justificado pela ausência de um diálogo direto e inclusivo entre população e arqueólogos. De certo, são visíveis os esforços atuais realizados pelos órgãos administrativos, porém, pouco do sítio permanece na vida e rotina das pessoas. Assim como em todo o país no que tange aos patrimônios materiais, as pessoas parecem ser espectadoras de seus monumentos recebendo poucos estímulos para se engajarem nas dinâmicas propostas.

O que também aparenta ser um problema no caso de Milreu é que o processo de musealização e a produção científica colocou os moradores à margem dos trabalhos,

sobretudo nos anos mais recentes. Antes o que era um espaço de convívio social, passou a ser um museu com o intuito de educar e preservar.

A arqueologia comunitária surge como uma medida para auxiliar na resolução deste problema ao incluir a população dentro da investigação arqueológica. A hipótese defendida pelos pesquisadores é que a inclusão das pessoas é, além de uma responsabilidade social, uma oportunidade de mais valia para todos. O trabalho conjunto ao que hoje é executado pela gestão, poderia ser uma poderosa união de forças que traria uma valorização patrimonial sem igual para Milreu.

É importante mencionar o histórico de investigações e trabalhos no sítio, em especial aqueles envolvendo o Instituto Arqueológico Alemão nos anos 1970, que recrutou a população de Estoi para as escavações e, segundo pontuado pelas pessoas, trouxe um sentimento de orgulho nelas. Apesar de não se ter dados sobre o método empregado ou se utilizou ou não elementos da arqueologia comunitária contemporânea, este trabalho executado pelo arqueólogo Theodor Hauschild, é exemplo de como o diálogo e participação popular são benéficos para a arqueologia.

Dentre as propostas a serem trabalhadas, a mais crucial é compreender as nuances da ideia da falta de informação e traçar planos junto a população para diminuir essa percepção. Segundo a bibliografia, a comunidade pode trazer soluções de grande impacto ao atuar em frentes como educação, comunicação e *merchandising*.

Também é preciso trabalhar melhor o conceito de engajamento, visto que este atua diretamente nas expectativas que ambas as partes têm. O caso de Hauschild por exemplo, precisa ser melhor aprofundado, visto que mesmo com a população participando ativamente dos trabalhos no início das escavações, este engajamento não se tornou perene, afastando aos poucos as pessoas das dinâmicas arqueológicas.

O resgate da memória das escavações e de outras oralidades locais podem também trazer enriquecimento ao valor patrimonial e cultural da aldeia e de Milreu. Com ações similares ao produzido pelo projeto da Partilha Alternativa ou mesmo com a criação de um museu de memórias, produção de eventos com temáticas culturais locais ou mesmo abordar lendas e contos sob um aspecto folclórico em encenações de peças, apresentações musicais, rodas de discussão mais informais e outras atividades executadas pela comunidade no sítio, poderiam trazer maior engajamento.

Outras medidas que podem ser criadas envolvem a gestão dos próprios recursos arqueológicos que parecem ter sido retirados da posse de Estoi e cedida ao Estado que,

segundo os moradores, poderiam estar na aldeia e não em museus como o de Lisboa, por exemplo.

Também há um grande interesse por novas escavações e prospecções. A população poderia ser convidada a fazer parte de um projeto mais complexo atuando também na facilitação do acesso a alguns espaços que hoje, há grande resistência por parte dos seus proprietários. Poderiam ser propostos métodos menos invasivos como por exemplo, o uso de prospecção remota, como o GPR, para amenizar essas preocupações e incentivar as pessoas a conhecerem novas tecnologias de trabalho.

Por fim, é importante mencionar algumas ponderações. Inicialmente pela apuração do inquérito em si que, apesar de complementados com entrevistas individuais, demanda ressalvas e potencialmente uma nova calibragem da amostra em caso de replicação. Alguns grupos ficarem abaixo da expectativa amostral e questionamentos adicionais podem ser necessários.

Quaisquer que sejam as ações adotadas, para aplicar métodos de envolvimento com a comunidade, será preciso um trabalho mais aprofundado com a população. Os direcionamentos dados pelas pessoas foram numerosos e a análise sob o ponto de vista da participação social, pública e individual, trouxe muita diversidade mas também a necessidade de maior detalhamento e compreensão.

Também há questões sociais e políticas em Estoi como a separação das freguesias de Conceição e Estoi e o aumento da imigração estrangeira, que poderão demandar análises mais detalhadas sobre como esses eventos podem impactar na percepção e participação das pessoas.

O plano de execução, que pode começar a ser elaborado a partir dos dados aqui discutidos, precisarão ser avaliados junto à comunidade e potencialmente ser suportados por agentes gerenciais competentes, dada característica administrativa. Não distante, disso, o diálogo entre as partes precisará ser franco e perene para elaboração dos melhores, factíveis e pertinentes projetos de integração comunitária com a arqueologia.

9. Bibliografia

1. **ASSIS, Marluce Maria Araújo; VILLA, Tereza Cristina Scatena.** O controle social e a democratização da informação: um processo em construção. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2003, 11: 376-382.
2. **BARTH, Marina Amanda.** Arqueologia: ação comunitária ou ciência acadêmica. 2013.
3. **BELL, Daniel.** The coming of post-industrial society. In: *Social Stratification, Class, Race, and Gender in Sociological Perspective, Second Edition*. Routledge, 2019, p. 805-817.
4. **BERNARDES, João Pedro.** O peristilo da villa romana de Milreu: novas interpretações. *Promontoria, Revista do Departamento de História, Arqueologia e Patrimônio da Universidade do Algarve*, 2006, 4: 127-160.
5. **BONACCHI, Chiara.** Understanding the public experience of archaeology in the UK and Italy: a call for a ‘sociological movement’ in public Archaeology. *European Journal of Post-Classical Archaeologies*, 2014, 4: 377-400.
6. **BRODIE, Ellie, et al.** Pathways through participation. London: NCVO, Involve, IVR, 2011.
7. **CALADO, Manuel.** Arqueologia pública em Portugal: balanço de um século. 2013. PhD Thesis. Faculdade de Belas Artes. CIEBA.
8. **CARLOS, Laura Neves.** Manifestação cultural-alterações ao longo do tempo: estudo de caso-Festa da Pinha. 2013. Tese de Mestrado apresentada à Universidade do Algarve.
9. **Carta Geológica de Portugal.** Folha 53-A Faro. Departamento de Geologia. Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação. Coordenação T.A. Cunha. 2007.
10. **Carta Militar de Portugal.** Serviço Cartográfico do Exército. Moncarapacho (Olhão). Série M888. Folha 607. Edição 2-S CEP - 1980. Escala 1/25000. 1980. ISSN 972-764-636-0.
11. **CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger.** The concept of information. 2003.
12. **CENTRO PAROQUIAL DE ESTOI.** Disponível em: <https://www.centroparochial-estoi.pt>. Acesso em: 20-06-2024.

13. **CHEN, Peter Pin-Shan.** The entity-relationship model—toward a unified view of data. *ACM transactions on database systems (TODS)*, 1976, 1.1: 9-36.
14. **COLLINS, Rob, et al.** Community Archaeology on Hadrian's Wall 2019–2022. Oxbow Books, 2023.
15. **Conselho da Europa.** A Convenção de Faro: património cultural, um caminho para o futuro. Direção-Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura, Portugal, 2021. Disponível em: [URL do documento]. Acesso em: 20-06-2024.
16. **CUMMING, Geoff.** The new statistics: Why and how. *Psychological science*, 2014, 25.1: 7-29.
17. **DataReportal.** Facebook Users, Stats, Data & Trends. 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/essential-facebook-stats>. Acesso em: 06-06-2024.
18. **DE LIMA, Isabel Pires.** Cabecinha romana de Milreu. *Metamorfoses-Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros*, 2019, 16.3: 100-102.
19. **Decreto-Lei n.º 78/2023, de 4 de setembro.** Diário da República, 1.ª série, n.º 171 (2023). Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/78-2023-221225699>.
20. **Denworth, Lydia.** The significant problem of p values: Standard scientific methods are under fire. 2019. Will anything change? *Scientific American*. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/the-significant-problem-of-p-values/> Acesso em 4 de Setembro de 2024.
21. **Despacho nº 12073/2023.** Diário da República, nº 224/2023, Série II de 2023-11-21. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/12073-2023-224872729>. Acesso em: 11-05-2024.
22. **Diocese do Algarve.** Paróquia de Estói. Disponível em: <https://turismo.diocese-algarve.pt/vigararias/item/201-paroquia-de-estoi>. Acesso em: 27-05-2024.
23. **Direção-Geral da Educação.** Guia rápido para a aplicação da nova ortografia. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Acordo_Ortografico/documento_s/guia_rapido_para_aplicacao_nova_ortografia_0.pdf. Acesso em: 20-06-2024.
24. **Direção-Geral do Património Cultural.** Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, 2024. Disponível em:

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/projetos/divulgacao/dims-dia-internacional-do-s-monumentos-e-sitios/>. Acesso em: 06-05-2024.

25. **Direção-Geral do Patrimônio Cultural**. Palácio de Estoi com os seus jardins, fontes e estatuária. Disponível em: <https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=74002>.

Acesso em: 27-05-2024.

26. **DÜMCKE, Cornelia; GNEDOVSKY, Mikhail**. The social and economic value of cultural heritage: literature review. *EENC paper*, 2013, 1: 101-114.

27. **Eurostat**. NACE Rev. 2. 2014. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/3859598/5902521/KS-RA-07-015-EN.PDF/pdf/dd5443f5-b886-40e4-920d-9df03590ff91?t=1414781457000>. Acesso em:

01-03-2014.

28. **FLORIDA, Richard**. The rise of the creative class. New York: Basic books, 2002.

29. **FRANCISCO, José Paulo**. Arqueologia Participativa. *Participação: Partilhando a Responsabilidade*, 2016, 124.

30. **GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm**. Discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research. Routledge, 2017.

31. **GOMES, Jaqueline, et al**. Arqueologia comunitária na reserva Amanã: história, alteridade e patrimônio arqueológico. *Amazônica-Revista de Antropologia*, 2014, 6.2: 385-417.

32. **GONÇALVES, A.; COSTA, João; MARTINS, Patrícia**. O Algarve: A interpretação do seu património Arqueológico. *Revista dos Algarves*, 2005, 13: 14-20.

33. **GOOGLE**. Google Earth website. <http://earth.google.com/>, 2024.

34. **GROAG, Edmund; STEIN, Arthur**. Prosopographia imperii Romani: saec. I. II. III. 1933.

35. **GIGERENZER, Gerd, et al**. The empire of chance: How probability changed science and everyday life. Cambridge University Press, 1990.

36. **HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix**. Milreu. Ruínas, Roteiros da Arqueologia Portuguesa. Lisboa: DGPC, 2002.

37. **HODDER, Ian**. Ethics and archaeology: The attempt at Çatalhöyük. *Near Eastern Archaeology*, 2002, 65.3: 174-181.

38. **INSTITUTO DE GESTÃO FINANCEIRA E EQUIPAMENTOS DA JUSTIÇA.** Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD). Disponível em: <https://igfej.justica.gov.pt/Sobre-o-IGFEJ/Regulamento-Geral-de-Protecao-de-Dados-RGPD>. Acesso em: 20-06-2024.
39. **Instituto da Água.** Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos. Disponível em: <https://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.4&uh=M&sa=M12%20-%20CAMPINA%20DE%20FARO>. Acesso em: 07-04-2023.
40. **Instituto nacional de estatística.** Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE.
41. **KNOTT, Eleanor, et al.** Interviews in the social sciences. *Nature Reviews Methods Primers*, 2022, 2.1: 73.
42. **LANCHA, Janine; DE OLIVEIRA, Cristina Fernandes.** Corpus dos mosaicos romanos de Portugal: Corpus des mosaïques romaines du Portugal. Conventus pacensis. Algarve Este. II. 2. Universidade do Algarve, 2013.
43. **KREMER, Maria de Jesús Duran.** Contribuição para o estudo de alguns mosaicos romanos da Gallaecia e da Lusitania. In: *Actas do V Congreso Internacional de Estudios Galegos: Universidade de Tréveris 8-11 de outubro de 1997*. Edicións do Castro, 1999. p. 509-519.
44. **KUMAR, Ankit.** OBSERVATION METHOD. *International Journal of Scientific Research*, 2022, 13: 1-14.
45. **LEAL, Bruno.** A Igreja no Algarve nos séculos XVII e XVIII. In: *O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história*. 1999.
46. **Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro.** Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Patrimônio Cultural. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-cultural/legislacao/>. Acesso em: 20-06-2024.
47. **MACEDO, Marta Lacasta, et al.** A VILLA Romana de Milreu (Estoi). s.d.
48. **MACHADO, Igor José de Renó.** Imigração em Portugal. *Estudos avançados*, 2006, 20: 119-135.
49. **MALOBIA, Patrícia.** Estoi, identidade e transformação. Câmara Municipal, 2009.
50. **MARTIN, James; ODELL, James J.** Object-oriented methods. Prentice Hall PTR, 1994.

51. **MATSUDA, Akira.** The concept of ‘the public’ and the aims of public archaeology. *Papers from the Institute of Archaeology*, 2004, 15.
52. **MESQUITA, José Carlos Vilhena.** O Palácio de Estoi: uma visão do passado numa perspectiva de futuro. In: *5º Congresso do Algarve 1988*. Raca Club de Silves, 1988. p. 331-336.
53. **MOSER, Stephanie, et al.** Transforming archaeology through practice: strategies for collaborative archaeology and the Community Archaeology Project at Quseir, Egypt. *World Archaeology*, 2002, 34.2: 220-248.
54. **MOSHENSKA, Gabriel.** Key concepts in public archaeology. UCL Press, 2017.
55. **OLIVEIRA, Ataíde.** Monografia de Estoi. Faro: Algarve em Foco, 1989. p. 89.
56. **OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves.** Business model generation: a handbook for visionaries, game changers, and challengers. John Wiley & Sons, 2010.
57. **Patrimônio cultural, MIRÓBRIGA NA ROTA DE TRAIL.** 2024. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/2024/03/mirobriga-na-rotade-trail/>. Acesso em: 18-06-2024.
58. **PESTANA.** Pousada Estoi. Disponível em: <https://www.pousadas.pt/en/hotel/pousada-estoi>. Acesso em: 20-06-2024.
59. **PINTO, Jim Constâncio.** Análise histórica e plano diretor de restauro da Quinta do Palácio de Estoi, Faro. 2021. PhD Thesis.
60. **Porto Editora.** Lenda do Almocreve de Estói na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$lenda-do-almocreve-de-estoi](https://www.infopedia.pt/$lenda-do-almocreve-de-estoi). Acesso em: 30-05-2024.
61. **QUIRINO, Carla; MARTINS, Andrea; DINIZ, Mariana.** Arqueologia pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo. *Arqueologia em Portugal. 2023-estado da questão*, 2023, 1993-2012.
62. **QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita.** Rota Literária de Estoi. 2024. Disponível em: <https://rotaliterariadoalgarve.pt/>. Acesso em: 20-06-2024.
63. **RIBEIRO, Conceição; SILVA, Luís.** Imigrantes no Algarve: quase um quarto dos residentes são estrangeiros. SIC NOTÍCIAS. 09 de Março de 2024. País. Disponível em:

<https://sicnoticias.pt/pais/2024-03-09-Imigrantes-no-Algarve-quase-um-quarto-dos-residentes-sao-estrangeiros-8b7b87ff>. Acesso em: 20-06-2024.

64. **RIPANTI, Francesco.** Unforgettable Encounters: Understanding Participation in Italian Community Archaeology. Archaeopress Publishing Ltd, 2022.
65. **SANTOS, Rui Miguel Terremoto dos.** Estói: paisagem e património no meio rural. 2008. Master's Thesis. Universidade de Évora.
66. **SERRA, Miguel; PORFÍRIO, Eduardo.** Dez anos do projeto Outeiro do Circo 2008-2018 (Beja, Portugal: Um imenso povoado fortificado da Idade do Bronze. 2020.
67. **SILVA, Fabíola Andréa.** Arqueologia e etnoarqueologia na aldeia Lalima e na terra indígena Kayabi: reflexões sobre arqueologia comunitária e gestão do património arqueológico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2009, 19: 205-219.
68. **SIMPSON, Faye.** Community archaeology under scrutiny. *Conservation and management of archaeological sites*, 2008, 10.1: 3-16.
69. **SIPA.** Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14292. Acesso em: 20-06-2024.
70. **TULLY, Gemma.** Community archaeology: general methods and standards of practice. *Public archaeology*, 2007, 6.3: 155-187.
71. **TULLY, Gemma.** Ten years on: The community archaeology project Quseir, Egypt. *Treballs d'arqueologia*, 2009, 15: 0063-78.
72. **TEICHNER, Felix.** Uma nova interpretação da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippes. *O arqueólogo português*, 2001, Série IV, 19: 187-198.
73. **TEICHNER, Felix; CERVANTES, Yolanta Peña.** Archäologisches zur Herstellung von Olivenöl und Wein im römischen Hispanien. *Bonner Jahrbücher*, 2010, 375-458.
74. **WIELEWSKI, Kalinca.** Anteprojecto de arquitetura paisagista do percurso de visita acessível para as Ruínas da Villa Romana de Milreu, Estoi (Faro). 2022. PhD Thesis.

Anexos

ANEXO 1 - Questões relativas ao inquérito online

Parte 1 - Perfil

Qual a sua idade?

- 65 ou mais
- 50-65
- 40-50
- 30-40
- 20-30
- 20 anos ou menos

Qual seu gênero?

- Feminino
- Masculino
- Outros

Reside atualmente em Portugal?

- Sim
- Não

Em qual cidade reside atualmente?

- Campo Aberto

Qual a sua nacionalidade?

- Campo Aberto

Com o quê trabalha?

- Campo Aberto

O que costuma fazer nas horas vagas?

- Ler livros, jornais ou revistas
- Praticar esportes
- Assistir televisão

Assistir Netflix ou outros canais digitais

Ouvir Música

Ir ao cinema

Tocar um instrumento musical

Jogar videogame

Passear com os amigos

Ler uma banda desenhada

Parques e trilhas

Cozinhar

Ir ao teatro e/ou espetáculos de dança

Assistir concertos e shows

Outros

Costuma frequentar eventos em sua freguesia/cidade?

Frequentemente

Muitas Vezes

Algumas Vezes

Poucas Vezes

Raramente

Onde costuma se informar dos eventos culturais em sua freguesia?

Cartazes pelas ruas

Whats App

Familiares e amigos

Facebook e Instagram

Pesquisa no Google

Sites de Notícias

Rádio e Televisão

Vizinhos

Outro (especifique)

Costuma visitar museus e monumentos históricos em Portugal?

Frequentemente

Muitas Vezes

Algumas Vezes

Poucas Vezes

Raramente

Já ouviu falar das Ruínas Romanas de Milreu?

Sim

Não

Parte 2 - Sobre as Ruínas de Milreu

Já visitou alguma vez as ruínas de Milreu?

Sim

Não

O que mais chamou-lhe a atenção ali?

Campo Aberto

Como avalia sua visita ao espaço ?

Nota de 1 até 10

Se tivesse que melhorar algo no sítio, o que melhoraria?

Campo Aberto

Quais atividades culturais gratuitas o motivaria a visitar mais Milreu?

Peças de teatro

Apresentações de Fado

Espetáculos musicais

Dança

Festejos locais

Leitura de Poesias

Yoga e Meditação nas áreas verdes

Atividade física ao ar livre

Oficinas, cursos e aulas no espaço

Exposição de artes

Outro (especifique)

Se pudesse ser arqueólogo por um dia, o que gostaria de fazer em Milreu?

Escavar novos espaços

Estudar a arquitetura de Milreu

Ter contato com materiais cerâmicos, metais e outros artefatos

Saber mais da história do espaço

Aplicar ideias de preservação nos locais de risco

Estudar contextos funerários

Outro (especifique)

Costuma ouvir sobre descobertas arqueológicas no sítio de Milreu?

Frequentemente

Muitas Vezes

Algumas Vezes

Poucas Vezes

Raramente

Nenhuma vez

Acha suficiente as informações que recebe?

Sim

Não

**Tem alguma história pessoal com o sítio? Poderia contá-la um pouco aqui?
Pode ser qualquer informação, situação ou até mesmo uma história ou lenda que
tenha ouvido falar sobre as ruínas?**

Campo Aberto

Parte 3 - Opcional - Caso a pessoa não tenha visitado Milreu

O que lhe impede de visitar as ruínas de Milreu?

Muito longe

Poucos autocarros disponíveis

Preço muito elevado

Não tive oportunidade ainda
Não tenho interesse
Não tive tempo
Falta acessibilidade para mim como rampas
Outro (especifique)

Parte 4- Relação com Patrimônio e Arqueologia

**Já visitaste algum sítio arqueológico em algum lugar no mundo? Qual foi?
E por que esse local lhe chamou a atenção?**

Campo Aberto

**Na sua opinião, quais são os canais de comunicação mais eficazes para
compartilhar informações sobre descobertas arqueológicas e projetos em
andamento?**

Mídias sociais
Eventos locais
Jornais/revistas locais
Outro (especifique)

**Acredita que exista algo em específico que a arqueologia possa fazer mais
pelos patrimônios em Portugal? O quê, por exemplo?**

ANEXO 2 - Sumarização das entrevistas individuais

Entrevista - Morador de Estoi / Ex-morador

- Nome: L.B.
- Psicólogo Clínico, 62 anos
- Nasceu em Estoi - Bica Do Meio - indicou que a aldeia tem 3 bicas definidas
- Com 25 anos, casou e foi viver em Faro - 10 anos viveu em Sta Bárbara mas mantém muita interação social em Estoi

- O que mais gosta das pessoas e património - percebe que Estoi e si, têm um orgulho imenso - não é fácil encontrar uma aldeia com esse valor histórico e arquitetónico;
- Recordou a história que em meados do século XIX pensava-se que Milreu era Ossoyba - Isso torna todos muitos orgulhosos;
- Contou uma história do bispo que sai de Silves para Faro e que este queria que Estoi participasse das procissões de lá - não foi aceito - já havia um orgulho imenso
- Considera "Aldeia de estoi cultura e património" por si só
- Criou a página para divulgar a cultura e o património da aldeia
- Contou uma história 200 anos - Sao Brás conseguiu independência de Faro e Estoi nunca teve essa ambição e Faro acabou virando um sumidouro
- Para si, tudo verte à Faro (obs do pesquisador: em dissonância à Estoi)
- Mencionou um Projeto de melhoria das aldeias em um projetos há 13 anos;
- O que não me agrada são os abandonos das freguesias (frente Estoi)
- Para si, a união das freguesias foi para economizar - (Estoi e Conceição) são muito diferentes - uma gênese ligada a agricultura, outra tem raízes culturais mais intensas (obs do investigador: não mencionou qual é qual)
- Encabeça uma comunidade para tentar ter independência de Estoi da união de freguesias;
- Mantiveram as sedes mas deixou a aldeia mais fragilizada, esqueceram, perderam tradições culturais - Festa do Imigrante em Agosto por exemplo, mesclou-se com a Feira do Cavalo (para si, a percepção das gestões é que tinha festas demais em Estoi)
- Festejavam o São João - Deixaram somente o de Faro;
- Mudou muito a população - após 25 de Abril (refugiados de África - não usa o termo retornados) - Alentejanos vem para cá - Europa do leste, Ásia (Índia, Nepal - chegaram para apanha da fruta, foram explorados por intermediários).
- É contrário às políticas anti-imigratórias (obs do investigador: o tema é tratado por uma ala de direita na política Portugal e no debate contemporâneo - isso aplica-se em vários lugares na Europa que teve um aumento grande de imigrações e refúgio de pessoas que se encontravam em situação de conflito)
- Sua relação com o sítio - cresceu visitando o sítio quando criança - avô foi funcionário público e "guarda de Milreu";
- Vinha para as ruínas com as irmãs mais velhas - As "pedras" disponíveis ali eram utilizadas / cobiçadas para um jogo que costumavam brincar (quadrinhos);
- Ao domingo descia (a rua da aldeia) para tomar um café,, namorar, conversar tudo dentro das ruínas - não era como era hoje (cercado e musealizado)
- O caminho de entrada era outro nas ruínas
- Viu as escavações em um verão - tinha uma casa pre-fabricada na praia
- Conviveu com as pessoas nas escavações

- Viu os esqueletos do período visigótico (obs do pesquisador: a intervenção mencionada nesses casos, aparentam ser as realizadas pela equipa da Era Arqueologia com o objetivo de construir o Centro Interpretativo);
 - Na sua visão, "As Ruínas eram nossas" - isso vem a mudar ao vedar, colocar um guarda e uma entrada - "Passou a ser de alguém";
 - Não se passa o mesmo com o Palácio - tem se mantido aberto (obs do pesquisador: o entrevistado aparenta estar mencionando os jardins do palácio e não o palácio em si)
 - Mesmo com o hotel, o Palácio consegue condicionar as visitas
 - Parte baixa do palácio (obs: refere-se ao jardim) é aberta - é da (responsabilidade) junta de freguesias;
 - Questionou: "Por que o museu de Faro é do município de Faro e as ruínas romanas não são do município?"
 - Para melhorar o engajamento, talvez uma melhor ligação entre uma gestão do património com o município - (fica mais) dinâmica - começar com os miúdos
 - Sobre a Localização questiona "será que é um problema?" Mas quando há vontade (talvez não seja)
 - Tem uma publicação sobre Milreu - é escritor
 - Seu livro conta a história dos fenícios e tenta fazer uma visita guiada em Milreu;
 - Teve apoio técnico de um professor a UALG - pediu um prefácio mas não foi realizado.
 - Considera que fez todo o trabalho sozinho - sua visão é que proatividade não é "bem aceita"
 - Participa dos eventos do Divam e os acha válido e relevante
 - O que mais chama a atenção:: que consideram o tipo de vida, pensamento, culturais - diferentes das nossas - mesmo encontrando resquícios
 - Teria interesse em participar de trabalhos arqueológicos - Percebeu que uma série de colunas são das Ruínas e questiona, por que estão abandonadas? - Para si, deveria estar ali no local original ou em algum museu
 - Percebe falta de manutenção, chove (e é prejudicial). Entende que é difícil manter mas deveria ser o ideal - todas as partes deviam ser devidamente limpas - percursos bem definidos e melhor identificados;
 - Entende que precisa de investimento
 - O património é importante para gente de Estoi - se manter a ligação e começar na escola primária - depende dos responsáveis da escola e das ruínas e autoridades.
 - Questiona: "Alguma vez houve uma comunicação?- E gratuito? Venham!" (obs do pesquisador: não parece saber que a entrada é gratuita)
 - Em um dia de evento (lançamento do livro), não avisaram que tinha espaço limitado - entende ser um problema de comunicação
 - Nesse caso, quando foi divulgado sem essas informações;
 - Acredita que é uma elite que vai ao DIVAM - comunicação vai apenas na universidade e a divulgação bem limitada

Entrevista - Morador de Estoi

- F.S.
- Advogada, 59 anos
- Vive em Estoi com a família - nasceu Lisboa
- 27 anos em outubro
- Gosta imensa de Estoi o marido é de Conceição (obs do pesquisador: atualmente a freguesia se chama União das freguesias de Conceição e Estoi e consolida as duas aldeias, Estoi e Conceição. A união das freguesias ocorreu em 2012 em todo o país e tinha como objetivo realizar uma otimização administrativa na região), a família é de Lisboa - saíram de Lisboa para ter qualidade vida - tinham uma casa de família para reconstruir e ter o escritório - a filha sempre estudou em Faro e agora estuda em Lisboa - faz doutoramento sem estar a trabalhar;
- Acredita que é sempre preciso aproveitar oportunidades
- Hoje tem um modo de vida que não gostaria que fosse de outra forma
- Acredita que distância de Conceição é imensa - tem se tornado mais agradável, há casos a recuperar mas as coisas tem ficado melhor - o Algarve melhorou muito porque mal havia um supermercado - a autoestrada somente ia até meio do caminho
- 2000 percebeu um "boom" (mudança e moradia)
- Hoje já faz tudo por Estoi (e Faro)
- A comunidade mudou bastante também - Eram novas pessoas. Muitos estrangeiros de diversas nacionalidades - há ingleses que não se integram tanto;
- Gosta da pacatez da aldeia e do tempo "aqui de baixo" (obs do pesquisador: Algarve / Sul de Portugal) - mesmo no frio não é comparável - sossego e sobretudo gosta da casa
- São (família) muitos caseiros
- Frequenta pouco os eventos na aldeia - acredita que o COVID pode ter impactado a dinâmica;
- Não frequenta eventos de santos, feira do cavalo. - uma vez ou outra ia
- Problema geral na aldeia (obs do pesquisador: potencialmente de Milreu): Falta de divulgação - acham que *internet* é suficiente - se calhar valia a pena - para tudo na aldeia
- Uma vez, viu do festival da água - Viu uma faixa na ponte
- Sobre convidar para as ruínas e seus eventos: como puxar a comunidade senão ir até à porta?
- Sobre convidar para as ruínas e seus eventos: "Lá embaixo custa a chegar" (sobre a posição geográfica comparada à aldeia);
- Sobre convidar para as ruínas e seus eventos: Temos que falar quase que diretamente com as pessoas para divulgar algo
- Pessoas são um bocadinho desconfiadas - é preciso ser credíveis para chegar - é capaz de participar e até contar histórias das ruínas
- Tinha uma cliente que viveu na casa rural;

- Antigamente não havia o centro de interpretação e só entrava nas ruínas
- Interesse sobre história despertou tarde, 25 anos em renovar e se preocupar com o patrimônio;
- Nas ruínas, entende que há coisas que foram melhoradas - suave preocupação crescente
 - Sabe que o palácio (de Estoi) era de qualquer maneira (obs do pesquisador: gerido e cuidado - atualmente está sob iniciativa privada e funciona como um hotel)
 - Sobre o sítio, a percepção é que está um pouco melhor - não podemos achar que é possível fazer tudo de uma hora p outra
 - Com relação ao sítio e aos investimentos, tanto o mundo quanto o país estão em crise e é comum cortar custos - "não criemos ilusões"
 - Acredita ser positiva e realista
 - Antigamente, conhecia a aldeia mas nunca tinha ouvida falar das ruínas - nunca veio a passeio - conhecia o palácio de Estoi somente
 - Considera um Hobbie a História para toda família (visitar o museu - e fazer férias culturais)
 - Quase teve licenciatura em História mas processo de Bolonha tirou os créditos - vida ficou complicada e como era só um hobby não podia sobrepor às demais coisas - o trabalho dificultou muito (obs do pesquisador: impacto sobre o tempo)
 - Terminaram nos descobrimentos os estudos
 - Gosta de civilizações antigas
 - Começou com a universidade aberta à distância - adquiriram a bibliografia e depois iam fazer os exames em Silves
 - Tentou retomar mas apresentou dificuldades de memória e cansaço - era muita coisa;
 - Conforme estudavam, iam explorando o Algarve e desbravando nos sítios para ver (o que aprendiam mas na prática)
 - "Anta não sei qual das quantas... "
 - A filha ia junto e pode ter se interessado pelo que faz atualmente
 - Tentavam ver tudo. Acreditam que o Milreu é um exemplar único
 - Do que mais lhe chama a atenção é o templo pois gosta de religiões - queria estudar história das religiões
 - Tem formação católica mas não religiosa - não é adepta de seitas - todas, no ponto positivo (há muitas negativas), nas sua opinião "enriqueceram todos mesmo aqueles que dizem que não"
 - Gosta de conhecer a entender obras que não seria possível
 - Gosta de conhecer religião seria como conhecer mitologia grega, romano
 - Para si, "tudo tem uma razão"
 - Visitas guiadas têm essa valia e teria esse interesse, mas como cidadãos comuns não faz parte do dia a dia;
 - Gosta muito dos mosaicos nas ruínas de Milreu

- As lulas (nos mosaicos) considera raras - "acha piada (obs do pesquisador: legal)"
 - Não conseguiria dizer o que poderia ser feito mais ou menos nas ruínas
 - O que poderia ser feito em termos de arqueologia: mais escavações - e gerar entrosamento para a comunidade participar;
 - Não consegue dizer tecnicamente muito o que precisaria ser feito;
 - Tentaram participar mais das dinâmicas de estudo do sítio mas não conseguiram - não aceitam as pessoas (obs do pesquisador: entusiastas e não acadêmicos - não está claro "quem não aceita", aparentando ser a direção do algarve ou mesmo a gestão do sítio de Milreu)
 - Gosta de lidar com documentos antigos - causou "problemas" (obs do pesquisador: detalhes omitidos)
 - Acredita que esses entraves afastam a comunidade
 - Na sua visão: "estendo a mão e não tem resposta"- gera frustração
 - Foi falado com um responsável - alguém da direção regional - aparentam sempre complicar e não estamos disponíveis
 - Já houve workshops mas não é fácil participar;
 - (o sítio) Pode ter mais valor que um espetáculo cultural
 - Nenhum dos eventos chamou a atenção
 - Entende que o distanciamento da comunidade -> Esse distanciamento pode ser um "bocado de tudo" - há uma parte que não está desperta ou se está, precisava de um "empurrãozinho". Na sua visão, as entidades gostam sempre de deixar algumas pessoas às margens e dificultam o envolvimento delas;
 - Mas percebeu que mudou nos últimos 10-15 anos
 - "Se calhar as coisas estão diferentes"
 - Na sua visão e sobre o passado de Milreu e outros patrimônios milenares, está sempre espantada, onde quer que chegue - (sempre se questiona) como era essa gente naquela época com poucos recursos? - Isso é avassalador - fica deslumbrada
 - Acredita que dentro arqueologia "temos muito por fazer" - muita escavação por fazer
 - Entende que é preciso dinheiro para isso.
 - Destacou um caso que conhece onde no nível de Alentejo tentaram seguir mas não havia dinheiro
 - Atualmente está a fazer um curso online sobre rota da seda;
 - Acredita que alguma entidade (obs: governamental) que deve interagir e a universidade
 - Costuma frequentar as aulas de verão sobre património algarvio

Entrevista - Morador de Estoi / Ex-morador

- P.M.
- É de Estoi. nascido e criado (tem 29 anos) - atualmente vive em Faro
- Tem bastante relação com o avô. Tem muito interesse com fósseis e como é que ali ia parar.
- Ia na ribeira a busca de materiais, ia sempre por perto.
- A mãe trabalhou nas ruínas de Milreu. As pessoas vinham do Estado Novo e não tinham muito conhecimento (Obs do investigador: entende que é por esse motivo que não havia arqueólogos capacitados).
- Conta que o Avô encontrou uma espada - não sabe se é de bronze
- Sabe de túneis - que eram lendas e para si são verdade e acredita que há coisas por descobrir;
- Quando teve o confinamento (Covid) - não quis ficar em casa e ia na natureza e olhar os fósseis por conta própria.
- Não tinha nada por fazer, mas encontrou peças e materiais - encontrou de um seres - quando encontrou um comentário de uma universidade e o que tinha
- Para si, em Estoi há muita coisa.
- Procurou ouro em São Miguel - uma coisa leva a outra - sem querer acaba estudar por geologia;
- Entende que ensino pode ser chato mas quando faz na pratica - diretor do museu de faro entrou em contato (com os cientistas)
- Fez o trabalho com o amigo e tem muito a visão aguçada - juntou os fósseis de Estoi - comprou um detector de metal;
- E no final, suas buscas chegaram em Milreu
- Acredita que o país não cuida do patrimônio - teve alguns problemas pessoais com algumas administrações nesse trabalho (obs do pesquisador: detalhes omitidos)
- Para si, há uma ligação (física) entre Milreu e Palácio de Estoi - um quarto principal - olharam a geometria - como falam-se de túneis antigos, entende que é uma realidade.
- Suas percepções: quem desenhou as ruínas de Milreu? Tende a crer e com o amigo nas transições religiosas. Viu referências de pagãos no Palácio de Estoi.
- No templo entende que há um símbolo que tem essas referências (pagãos)
- Olharam GPS para estudar Palácio e Milreu.
- Descobriram material que consideram importante e no final percebem que isso sempre vai para Coimbra, Faro.
- E o sonho era ter um museu em Estoi
- Mencionou o roubo de duas preguiças do palácio que estava no mercado negro
- Acredita que os alemães não descobriram muita coisa;
- Fez uma caminhada em direção a São Brás de Alportel junto à ribeira (rio Seco) em direção a serra do Malhão - sabe de pedreiras - o que ajudou foi o olhar "virgem" de quem olha pela primeira vez - acredita que barcos iam até as ruínas (obs do

investigador: constantemente chamou a si mesmo e ao amigo de não-letrados e ignorantes)

- Entende que o Algarve é um dos mais virgens do mundo em termos de estudos- mistura de muitos povos
- Acredita que descobriu "pedras" de povos até primitivos ainda.
- Viveu por 16 anos em Estoi e depois foi para Faro.
- Gosta do palácio e dos mistérios a serem desvendados.
- Comenta que a parte da paleontologia foi descoberto lá no palácio de estoi - (acredita que) encontrou um dente de crocodilo
- Na aldeia, lembra das bicas onde as águas corriam. Gostam dos túneis.
- O que não gosta: Foi se habituando - tudo que se passa ali todo mundo sabe - difícil gerir os projetos com o amigo - pessoas desacreditaram ele;
- Entende que aldeia é uma aldeia de bruxas - comentou de peregrinações, as pessoas iam buscar curas;
- Entende que a oralidade do passado está se perdendo - "falar com os velhotes já resolveria muito"
- Gosta muito da aldeia e mantém as tradições
- Gosta da festa da pinha. Comenta que para ir, tem que ir uma semana antes para enfeitar o trator. São 3 dias muito interesse.
- Sobre as mudanças na aldeia, entende que as pessoas mais velhas estão a morrer, pessoas novas a sair, entrando muitas pessoas de fora - nas suas palavras: "está a transformar um dormitório" - Perdeu coisas (atrativos) para os jovens. Ja nao ha mais.
- A junta de freguesia não ajudou - havia outros interesses culturais. As pessoas da aldeia não estão na presidência da aldeia.
- Sobre o seu trabalho em Faro - após os 18 anos quis criar novos ares e atualmente trabalha em Faro. Mas por ele, viveria em Estoi, mas no momento nao da/
- É formado em hipnoterapia (obs do pesquisador: formação não considerada acadêmica - pseudocientífica) - trabalha com terapia holística - gosta de fazer meditação com caminhada.
- Acredita que em Estoi, perde-se muito da cultura.
- Lembra do sitio já musealizado.
- Sente que milreu ou o Palacio é seu? - Sua resposta: "não dá para sentir isso. Em toda escola foi apenas 1 vez para Milreu. Está ali um espaço que dá para fazer algo mais. Por que não fazem apresentações?"
- Na época dos fosseis, por que não fazem coisas mais didáticas?
- Acredita que as tecnologias podem ajudar nesse processo educacional
- Questiona: "Quem mora e quem está a estudar?"
- "Velhotes nas aldeias e contam muitas histórias. Ouvir mais as pessoas - isso está se perdendo demais."
- Conhece pessoas de Estoi que estudam na UALG e nenhuma delas apareceu para estudar coisas da aldeia (incluindo Milreu)
- Para mudar, entende que é preciso ter interesse por gosto. Se o ensino não muda, nada acontece.

- "Inspirar as crianças para elas pesquisar, estudar mais. Na prática não é nada daquilo e há um universo para descobrir e pensamos que está tudo descoberto. Acreditam que tudo já está descoberto"
- Entende que faltam oportunidades para reverter esse cenário.
- Acredita que milreu devia ter um ponto estratégico (obs do pesquisador: não informou todos os aspectos)
- Para si, nunca chegou informações de arqueologia ou mesmo do Divam - comentou que soube do evento no dia 18 de Abril por meio de uma postagem no facebook que não foi da gestão;
- Sua visão: "Largamos pessoas no abismo do intelecto - Tem que ter a parte da epopéia, do misticismo, que desperta interesse."
- Sobre o palácio, a percepção também é ruim: O palacio está todo privado, colocam móveis do IKEA em um lugar do século XIX, não me parece muito certo, nem sei o que é isso"

Entrevista - Trabalhador em Estoi

Observação: Não autorizou divulgação dos dados pessoais

- Os hóspedes costumam visitar as ruínas;
- Há um museu interno com peças e artefatos arqueológicos das ruínas de Milreu;
- O Hotel cobra pela visita das pessoas no espaço, incluindo moradores de Estoi. Após a entrevista, o pesquisador foi autorizado a visitar o museu dentro do palácio.
- Importante mencionar que em frente ao Palácio de Estoi há um Jardim. Os Jardins do Palácio são abertos para todo o público - diferente do Palácio em si. A gestão dos jardins é da câmara e conta com areas verdes, estátuas que remetem ao período do romantismo, tem grutas de calcário e uma fonte principal. O acesso do palácio para o jardim é restrito.
- Nome, idade, ocupação - Idade omitida - Função omitida
- Vives em Estoi? - Localidade omitida
- O que mais gosta? - Oasis no meio do Algarve - Aldeia povo pequeno mas meses e Julho e Agosto e confusão no Algarve inteiro, nao se sente o burburinho, trafego. So quem tem viaturas consegue transitar
- Não há nada que nao goste mas poderias ter melhores infraestruturra. Em termos de acesso, por exemplo.
- Estamos em uma colina, mas acessibilidade em termos de sinalética, para chegar
- Google maps, teve dificuldades para chegar aqui. Na nacional 2 (rodovia)
- Caminho acessível para quem vem de Faro, mas por vezes aas placas estão escondidas
- Acessibilidade

- Hóspedes mencionam a degradação dos jardins do palácio - fizeram uma intervenção mas ainda há uma região (nas casas de banho) que estão quebradas e partidas.

- Estou é conhecido pelo palácio, jardins e Milreu. Recebem muitos visitantes e o palácio em si é uma área pública. Antigamente tinha o portal aberto para o jardim, mas depois do covid, concordaram em manter fechado

- Fazem muitos eventos no jardim mas fica fechado ao público.

- O principal é o palácio de Estou - é o que traz vida à aldeia. Se bem que é uma aldeia dinâmica. Teremos a festa da pinha dia 2 de Maio e em Setembro a Festa do cavalo.

- Na primavera fazem anualmente uma feira de jardinagem.

- Sabe dizer se os turistas participam? O que eles dizem? Participam e comunicam.

- Tem hóspedes que vem somente para eventos? Mais para a feira da jardinagem.

- No verão há mais turistas mas durante o ano inteiro tem muitos portugueses. Mas essencialmente espanhóis, franceses, ingleses, holandeses, americanos, .. asiáticos não são muitos mas tem bastante.

- Costuma frequentar os eventos na sua freguesia, aldeia? Também costuma ir na feira do cavalo. Faz questão de ir em uma noite.

- Conhece Milreu? Ainda não foi. Mas tem agendado com a equipa para ir lá.

- Os turistas costumam visitar? O que eles dizem? Não todos. Um terço (ou menos) mas depende do mercado. Durante o inverno são mais do que verão. Por exemplo, aqueles que vêm dos EUA e Canadá têm mais curiosidade. Os europeus é raro a não ser que tenham interesse

- Quem vem para visitar o palácio na grande maioria vai para Milreu

- Hóspedes vão mais para Faro ou ficam em Estou? É mais para ver a Região

- Estou e o palácio / hotel, está no centro do Algarve.

- São 4 hotéis no Algarve, Sagres, Vila Real de Santo António e Tavira.

- Tem coleções de Milreu, consegue dizer algo delas? Estão catalogadas.

- Parceria com o museu de Faro, mas como o museu não fica próximo, sugeriu colocar aqui os artefatos. Os visitantes visitam os locais.

- Uma peça que é muito dar e sempre fazem a visita.

- O palácio é aberto ao público. A coleção também. Um local bastante concorrido - Tem filas enormes no verão.

- Cobra ingresso - 3 euros - Não tem nenhum desconto.

- Os hóspedes perderiam o usufruto do palácio se tornasse o espaço liberado para todos

- Os turistas comentam algo da coleção? O que normalmente eles falam? Não está a recordar de nenhum Feedback. Alguns tomam atenção - mas são poucos que vão ler e se interessam. Por norma é uma vista global

- Não tem noção o quanto é valioso.

- Sobre o palácio - Estão a fazer renovações, lascas de marcas de porta na parede, detalhes
- Problemas de reparação
- Muitos adoram a recepção mas o fato de ser capela causa revolta
- Logística - espaço pequeno para muito movimento
- Gostam mais da arquitetura. Estrangeiros que não tem muito da arquitetura. É diferente e é o único palácio deste género no Algarve. Este é visitável.
- Sobre o jardim - Gostam da tranquilidade, pacífico. Tem uma vista deslumbrante.
 - Por do sol é magnífico
 - Temos um pouco de contato com a natureza.
 - Mencionou problemas nos jardins do Palácio com a limpeza.
 - Muitas das esculturas tinham sido pintados nos jardins.
 - Não sabe dizer de quanto tempo para cá. Foge ao controle
 - Sobre Milreu - Quem visitou gostou. Nunca houve nenhum comentário.
 - Verão, já comentaram que não há sombra no espaço
 - Um dos fatores que avisa, é que vai a pé, pois há uma altura sem passeio. O estacionamento é limitado.
- O hotel pede que o pessoal não vá em situações bem pontuais.
- Arqueologia - O que a administração do sítio pode fazer para beneficiar a comunidade e consequentemente o hotel? - Não sabe responder. Desconhece essencialmente o trabalho.
 - O que a arqueologia pode fazer para cativar mais as pessoas? - Sabe que tem as mãos atadas. Sabe que tem vários locais na serra do caldeirão que está para descobrir. Quando foi feito o trabalho para abrir a pousada. Encontraram alguns vestígios arqueológicos, mas tiveram que alterar o projeto e não tocar nas fundações - vestígios romanos, possivelmente embaixo na zona do palácio.
 - Parar uma operação para fazer pesquisas - cancelar tudo para fazer escavações? Obras embargadas para escavações? Não pensa ser bom - há determinadas áreas que conseguem trabalhar, mas devem ser zonas privadas. Talvez tentar entrar em acordo com particulares - win win para ambas as partes - pois nunca sabe o que poderia sair das escavações.
 - O Palácio ficou abandonado por duas décadas - aproximadamente 87 passou a ser da câmara, 2009 foi aberto como pousada.

Entrevista - Dr. António Medeiros - Profissional de Milreu e Morador de Estoi

Nome, idade, ocupação

António Medeiros, 52, Técnico superior história e variante em arqueologia
 Continua fazendo o mesmo cargo quando na direção - como coordenador

Quanto tempo vive ou trabalha em Estoi?

20 anos - antes morava em Faro

Como é viver em Estoi?

Tem características muito próprias, rural - tem o lado agradável de se viver junto ao campo.

Esposa natural de Estoi.

O que mais gosta?

Tem dois lados muito agradáveis-vos - centro histórico em vias formais. Preservado, casas de algumas famílias importantes têm carac caratês

Tem o lado do campo - tem propriedades agrícolas de arrobas e azeite.

O que menos gosta na aldeia?

Como as pessoas se conhecem, têm a tendência de se meterem na vida das pessoas.

Não é mal

Costuma frequentar os eventos na sua freguesia, aldeia? Algum em específico?

Cavalo e pinha - normalmente só vê a chegada.

Costuma ir na feira do cavalo. Charolas no início do ano.

A comunidade mudou muito nos últimos anos? Como você percebeu as mudanças na comunidade ao longo dos anos? Tem alguma mudança que mais lhe chama a atenção?

Havia associação cultural - jograis de Antônio - tinha atividades desportivas e corridas - deixou um pouco de acontecer.

Grupo folclórico de Estoi que talvez não esteja ativo. Havia atuações e também havia grupo de teatro.

As coisas ficaram diferentes nos últimos anos. Abordeira próximo que só tem 3 ou 4 grupos de charolas (aldeia branca e outras 3)

Um restaurante tinha os jogos.

Mudou muito nos últimos 10 anos.

Pessoas à frente, os novos não pegam muito.

Junção de freguesias deve ter causado a mudança. A rua era ativa, com festa dos santos populares com mesa na rua para dar sardinhas assadas.

Praticamente já morreu grande número das pessoas na rua em que mora. Não há criança. Muitos estrangeiros comprando as casas: italianos, franceses a preços exorbitantes.

Casas arrendadas e fechadas. Desabitadas, Problemas de infiltração. Algumas pessoas migraram para a Argentina na década de 50 / 60 e não se sabe quem são os herdeiros.

Percebe muitas pessoas da "Ásia" e muitas pessoas numa única casa.

Não deve ter influenciado na dinâmica da aldeia - mencionou a feira mensal de mercado e nota-se cada vez menos feirantes mas esse grupo da Ásia tem certa dinâmica.

Sobre Milreu

Primeiro contato com Milreu foi em Coimbra no curso - estudou em Coimbra.

Quando chegou em Estoi em 96 foi o primeiro sítio que visitou. Entrada era por cima do complexo, um pequeno casebre - uma senhora entrava

Não havia vedação e nem centro de interpretação.

Histórias da Infância: Conte-me sobre suas lembranças de infância na região. Algum local específico, como as ruínas de Milreu, desempenhou um papel importante?

Veio com os colegas para conhecer o sítio e o mais emblemático era o templo.

Hoje entende que precisa de obras de intervenção.

Já resolveram a sinalética.

Hoje potencialmente o maior problema seria a conservação.

Gosta muito do conjunto do sítio. Ele vale por si, pars urbana, rústica, portuária, as vias, o templo, tem todos os elementos arquitetônicos de uma Villa e razoavelmente bem conservado. Monumento vale por um todo

Para o time de Milreu

Quais os maiores desafios hoje no trabalho em Milreu?

Manutenção do espaço - aquisição de serviços (tem que haver) para realizar o trabalho - manutenção dos mosaicos com equipas especializadas. Viu-se agora que com as chuvas a vegetação cresceu muito rápido, pelo menos no percurso da sinalética, que tenham o acesso. Como o sítio é bem úmido, faz com que a vegetação cresça.

Como é o Público?

Depende muito do público, há especialistas que têm visto. Mas há um pessoal que não mostra interesse. Chegam autocarros com público que não seria bom.

Utilizam apenas a casa de banho.

Como considera o preço?

Preço acessível - bem barato.

A informação está no site mas estará na entrada.

O que acha do Divam? É válido? O que tem mais valido a pena?

Em termos de divulgação e difusão nacionais era benéfico. O monumento acabava por ficar conhecido a nível nacional. Música, cinema,.. bom para a aldeia e para divulgação e do espaço.

Há pesquisa arqueológica ali?

Solicitações que chegam por parte do doutoramento - Évora

Em termos de investigação, está no museu de Faro - não está estudado.

Muitas vezes não convém colocar estruturas descobertas - manutenção e dispendioso - o que está visto já explica muita coisa

Coisas foram enterradas novamente para preservação - deixado para o futuro quando há novas técnicas.

Há Novos espaços a serem explorados pela arqueologia?

Veiga
Todo o terreno circundante está no subsolo - presente na planta do Estácio da

Como enxergar a comunidade e o sítio?

Distanciamento - Haschild pessoas participavam da escavação. Muitas pessoas encontravam moedas e as levavam para casa.

Há alguma relação com alguns intelectuais como (informação suprimida)

Não sabe os motivos, mas os interesses não outros

Muita gente de Estoi não conhece as ruínas.

Tem conseguido fazer atividades com algumas escolas. Teve o Arqueólogo por um dia e algumas escolas já vieram fazer.

O que pensa da acessibilidade?

Tem uma certa dificuldade - Uber e táxi. Carros alugados. Estrangeiros sobretudo. Agências de viagens tem alguns roteiros da Nacional 2.

E sobre o Palácio de Estoi?

Foi falado com comunicação. Mas ainda sem muita informação - tem matéria das ruínas.

O que pensa da Musealização? Pode ter afastado as pessoas?

Cogitou a hipótese da musealização para o distanciamento.

Se tivesse que integrar mais a comunidade com o sítio, o que teria de ideias?

Apresentação de PowerPoint na junta de freguesia - palestra - falar com a comunidade sobre o que está previsto em termos de projetos futuros.

Achas que a universidade e os estudantes de arqueologia poderiam ajudar mais nas pesquisas?

João Pedro é especialista e sempre traz a turma para fazer pesquisa.

Depende dos interesses dos alunos

A professora Sônia (arquitetura e paisagismo) traz os alunos.

Tem muitas áreas de investigação que poderia ter.

Sobre o período romano - não há muitos Ninguém se propôs a fazer doutoramento sobre o espaço.

Por que será? - contou exemplo dos estudos dos mármores em Saragoça que inclui Milreu que tem mármores diferentes do império mas ninguém se propôs a fazer (um pouco o Teichner). Não há um trabalho conjunto sobre o monumento.

Tese de Milreu de Teicher. Temos materiais para estudar.

Entrevista - Realizou atividade em Milreu

- Os escavadores do antigo arqueólogo, o alemão, Hauschild, eram pessoas da comunidade. Para o trabalho executado em Estoi, só encontrou essas 4 pessoas da entrevista

- As pessoas falam de Estoi com muita proximidade, super a vontade

- É um assunto deles (dos moradores), por isso não ficaram acanhados

- Usava a página que a Partilha Cultural criou para trocar ideia com as pessoas;

- Sabe que no passado usavam as crianças usavam as "pedras arqueológicas" para brincarem

- Mudou para Portugal com 40 anos, fez arquitetura e depois trabalhou com publicidade e depois fez roteiros para documentários

- Ficou trabalhando com programação cultural desde então - inicialmente em Lisboa
- Quando surgiu o projeto novas criações para o Divam dentro de Milreu, veio a ideia de trazer as pessoas que moravam na casa rural que existe dentro do sítio;
- Considera-se documentarista;
- É brasileira, vive em Tavira, 2006 mudou-se para Algarve;
- Criou a associação cultural (Partilha Cultural) e trabalhou com a região de Tavira no Algarve - próximo à Faro e Estoi;
- Como experiência conta que já fez uma peça do Fernando Pessoa no Brasil;
- Viu que o personagem Álvaro de Campos do Pessoa, nasceu em Tavira;
- Quando se mudou para Tavira, ficou sabendo disso (sobre Álvaro de Campos) - Em Tavira há uma biblioteca e restaurante chamados Álvares de Campos;
- Criou o festival Álvares de Campos com as comunidades de Tavira - 15 de Outubro até 30 de Novembro - para dar tempo dos estudantes participarem
- Também expõe trabalho dos alunos e está no calendário escolar de Tavira - Câmara Municipal não deu muito apoio no começo
- Festival é feito com muita gente da cidade;
- Gosta muito de história;
- Recebeu um projeto de fazer 6 vídeos com música com artistas locais e com poemas do Fernando Pessoa - do Algarve como um todo;
- DGArtes deu apoio um ano - dá pouco apoio para amadores, apesar de ser profissional
- Direção Regional de Cultural, lançou um concurso da Nova Criação e veio a ideia do vídeo

Quando foi fazer o vídeo,

- Não conhecia a comunidade de Estoi.
- Começou perguntando na regional por indicações;
- A primeira pessoa foi o antigo presidente da câmara - ele quem foi indicando as pessoas que moravam lá na casa rural no complexo de Milreu. - ele era menino
- A senhora indicou uma pessoa para participar que participou das escavações
- Chegou a falar com o arqueólogo dos anos 70 com o Hauschild (por carta);
- Leu tudo sobre ele e sobre as pessoas que trabalharam ali
- Sobre o trabalho em Milreu, a casa foi ficando e o arqueólogo ia escavando na direção da casa. Foi comprada a casa e ele continuou escavando.
- Sentiu falta de saber quando era somente uma casa (rural) - como era a vida das pessoas ali?
- Já conhecia Milreu antes de fazer o trabalho/vídeo. Quando Faro foi Capital da Cultura, tinha acabado de fazer duas exposições e foi indicada como assistente. Conhecia muito pouco Faro, morava em Lisboa. Quando o professor António

Lamas foi responsável pelo evento, virou assistente e conheceu Milreu e a direção Geral de Cultural - que havia feito um site sobre todos os patrimônios e teatros construídos. Nem o Teatro de Faro existia nesta época - Então como o Algarve se virava para cultura? Transformava igrejas, praças e locais públicos para espaços de eventos culturais de forma alternativa.

- Faro cultural usou esses espaços para divulgação - Algarve era um verdadeiro deserto cultural: tinha somente semanas das coisas tradicionais e eventualmente concertos que só aconteciam no verão para turismo vir. Isso foi aumentando;

- MACA - Movimento da Cultura do Algarve - isso surgiu recentemente - não é uma rede cultural e tem mais de 200 associações no Algarve inteiro e um fica sabendo um dos outros.

- Detalha que nas aldeias ou bairros, tudo gira em torno de pequenas associações culturais, pequenos grupos, que convivem famílias em torno de uma coisa gostas. Por exemplo, quem gosta de banda filarmônica, tem sua vida dentro da banda filarmônica: as pessoas se conhecem, se casam, giram em torno de um ponto de interesse e vivem sua vida em função daquilo: social, cultural - pouco cruzamento.

- No seu dia a dia, nunca faz uma reunião com todo mundo, a ideia é de pequenos grupos.

- Lembrou que em julho tem as competições entre as vilas;

- Quase todo artista português de música erudita ou popular, estavam em uma banda;

- (Em eventos em Milreu) , quando você cria um espaço cultural em um local não apropriado, você precisa mudar o seu evento. Aponta que não dá para exigir luzes, vibração sonora, deve fazer muito mal - o artista deve se adaptar. Na sua visão, já foi feito muita coisa, de dança, feito muita coisa.

- Não sabe o que em Estoi é feito em termos de arte. Não sabe nem se tem banda filarmônica - não sabe se tem escola de música ou dança. Quando as crianças querem fazer algo, provavelmente devem ir para fora.

- (Em eventos em Milreu) tem que tomar muito cuidado com as vibrações sonoras e esfarelado - talvez numa casa com paredes grossas - precisam ser coisas bem suaves.

- O que mais chamou atenção no espaço foi a noção de quem viveu naquela casa rural. Quando fizeram a torre de vigia, era na época de muito assalto. Colocavam gado e carneiro lá dentro. O que chamou atenção é que descobrem por baixo da casa coisas que existiam antes. Construídas por cima.

- Entende que isso ocorre em todos os lugares, em Tavira perto do castelo de Tavira, por exemplo, percebe camadas em que o morro não existia.

- Mora perto do que seria Balsa e acompanha as pesquisas arqueológicas de Balsa.

- Não chega muita informação arqueológica - começou com os livros que lá vendem - depois foi falando com várias pessoas em Lisboa e onde buscou muitas das fotos.

- Quando chega ali (em Milreu) e vai visitar, viu primeiro o centro de interpretação - acha muito importante. Mas não se lembra de ter ficado com impressão ruim ou má interpretação em Milreu.
- Não sabe opinar sobre a questão do sítio estar cercado ou não como um fator dificultador para o trabalho.
- Ficou com pena quando tiraram o documentário que produziu das exposições em Milreu;
- Lembrou sobre o castelo de São Jorge onde sabe que o pessoal da vizinhança não teria que pagar - não sabe se é pago ou não para locais irem para Milreu.
- Talvez divulgar que é de graça em papelotes ajudaria a aumentar as visitas;
- Sente falta ter guias que possam acompanhar as visitas com as pessoas.

Entrevista - Profissional de Milreu

Nome, idade, ocupação

(Suprimido), (Suprimido), (Suprimido)

Tem alguma formação? Estudou algo?

(Suprimido)

Quanto tempo trabalha em Estoi?

(Suprimido).

Nasceu em Estoi mesmo?

(Suprimido)

O que menos gosta na aldeia?

Não tem muito contato com as pessoas. Tem experiências boas e ruins. Na junta de freguesia teve muita cordialidade para fazer um evento, em outra situação, em uma loja, não teve muita recepção.

Já falou com um senhor, muito simpático

Sempre convida as pessoas

Sobre as pessoas, sabe que há gente que foi há muitos anos para Milreu e gente que nunca conheceu

Tentou ir na pousada, para deixar para os hóspedes um convite. Mas só aconteceu um caso.

Conversa muito com os visitantes.

Sempre sugere visitar o palácio.

Sobre Milreu:

O que você melhoraria em Milreu?

Percepção, apesar de tudo, estavam estagnadas e agora há novos projetos que garantem uma melhoria.

Melhoria na casa rural.

Para o time de Milreu:

Quais os maiores desafios hoje no trabalho em Milreu?

Tipo de visitantes - Ter muitos visitantes não é muito bom. Há visitantes que não tem interesse. Param porque veem no guia, não se interessam, não tem consciência patrimonial - pisam em tudo, pulam tudo.

Há reclamações com relação ao preço, pessoas que utilizam apenas a casa de banho ou depositar o lixo.

Falta cercar o percurso e mais vigilância;

Alguns visitantes vêm com guias turísticos. Hoje faz visita guiada para associações sem fins e escolas;

Algumas pessoas muito educadas fazem a visita;

O preço de 2 euros não é geral, Algumas pessoas pagam metade ou não pagam como, estudantes das escolas, residentes, antigo combatentes, pessoas com mobilidade - Isso está no site do património. Não está disponível na entrada (tem a ver com as manutenções previstas no sítio).

Alguns do moradores de Estoi não devem saber que é gratuito;

O que acha do Divam? É válido? O que tem mais valido a pena?

O projeto acabou, mas com a mudança será outra com outro nome. Consegue oferecer um leque variável, um com mais adesão que os outros. Nem que fosse 1 de cada atividade artística. Tinham criações de propósitos nas ruínas e outras não.

Permitiam 100 pessoas por evento.

Tem valido a pena. Traz pessoas de volta para o sítio.

Para fazer o preenchimento da agenda nos eventos, dependia da atividade.

A proatividade é mais da Direção do que o contrário.

Não houve parcerias formais com a junta de freguesia para actividades - só informais;

Com relação a comunicação e divulgação, já pediram para imprimir cartazes.

Com relação a comunicação e divulgação, as divulgações ficam na página da direção regional ou atualmente na página do Património Cultural I.P., assim como nas redes sociais desses órgãos, notas de empresa, newsletters e mala direta;

Sempre envia informações para o Património Cultural I.P..

Sobre o acesso às ruínas:

Tem bons acessos - é visível da autoestrada. Em termos de localização. Tem estacionamento fora, interno.

Há acesso de autocarro.

Em termos de mobilidade seria fácil para as pessoas de Estoi.

Número de visitantes

Está ok. Há muitos guias que referenciam Milreu. Muitos param porque está próximo.

Como acha que a comunidade enxerga o sítio? Como ela pode ser afetada positivamente?

É afetada de forma positiva. Acabam por trazer visitantes em Estoi, nos supermercados, cafés e restaurantes. Não é só por isso. Há fatores econômicos pois há muitos estrangeiros a circular pela aldeia;

O público varia ao longo do ano - durante a semana a maioria é estrangeiro (cultura do Algarve), há momentos, como Páscoa que houve a presença de muitos portugueses. A forma como o turismo é no Algarve e portanto, segue o ritmo do turismo do Algarve

Ocorre algum trabalho de pesquisa fora do proposto pela universidade?

Como são divulgados?

Não têm conhecimento de nada recentemente.

Achas que a universidade e os estudantes de arqueologia poderiam ajudar mais nas pesquisas?

Não têm conhecimento .

Mas deve despertar interesses de outras áreas.

Dia 18 de Abril de 2024, vai ter evento para ver o pôr do Sol. "É muito bonito" - bate uma atmosfera diferente do normal. Vai ter uma visita guiada ao pôr do Sol.

Há proatividade por parte de algumas pessoas?

Não tem conhecimento.

Se tivesse que integrar mais a comunidade (dar o sentimento de dono) com o sítio, o que teria de ideias?

Não sabe. Talvez lanche, comer, nas ruínas - mas não é permitido.

Tentar convidar as associações e empresas locais - ao invés das pessoas - ao invés das pessoas. De forma que pudessem transmitir a informação

Em Milreu, o que gosta mais?

Fascínio por todas as ruínas. Sempre tentou arranjar na área de arqueologia, pelas "pedras", cerâmicas, informação.

Faz o que é certo e o que o coração diz.

Serviços que darão frutos no futuro.

Entrevista - Ex-morador de Estoi e Trabalhador em Estoi

- M.J., 85
- Dona de um Estabelecimento Comercial
- Nasceu em Tavira - Santa Catarina (aldeia) Vida inteira (muitos anos, marido daqui, viúva) - 42 sozinha a cuidar de tudo - graças a Deus nunca precisou mais
- Gosta de Estoi - "Temos que gostar de Estoi"
- Acredito que a aldeia tem "uma junta que não faz nada"
- Pior quando junta - tem esperança de separar após as eleições legislativas;
- Foi para Milreu há muitos anos, antes de "fechar" (contexto: musealizar, cercar o espaço);

- Foi uma vez e ver as ruínas e para si, já está visto (foi 1 vez ou 2 vezes).- logo quando "arranjaram" (obs do pesquisador: restauraram) a parte de cima e nunca mais foi;
- Está ocupada o dia inteiro - final de semana vai ao campo e não consegue visitar os eventos
- Pessoas de Estoi não vão muito para Milreu
- Percebe que a cidade tem muita gente de fora (estrangeiros)
- Sobre as pessoas não irem à Milreu, comentou: "Vão para lá para fazer o quê? Gostam de bailes"
- Muita gente de fora, muito turismo, muito por causa da pousada (obs do pesquisador: Palácio de Estoi)

Entrevista - Morador de Estoi e Trabalhador em Estoi

- I.M., 92
- Considera a aldeia de Estoi muito pacata, muito "comunicada";
- Tem muito gente, de fora, brasileiros, ingleses, Alemanha, austrália - Muita "gente do leste";
- Lembra da á que água corria na rua, tinha GNR, bombeiros e hoje não há mais nada disso;
- Daquela época, só um estabelecimento, um barbeiro. Não tem mais;
- Considera que há roubos na cidade - segundo ela, "pessoas do leste"
- Afirmou que há 20 pessoas que vivem em uma única casa;
- Acredita que as eleições que vão dar a separação (das juntas) - obs do pesquisador:Acredita-se que com esta resposta, a união das freguesias tem causado os problemas anteriores na visão da moradora;
- Acredita que com o tempo tem que separar as freguesias (novamente)
- Para ela, o Algarve era um encanto e não é mais, muita mudança de pessoas, clima ... da vida;
- Já trabalhou nas escavações (de Milreu) - com o alemão (Hauschild)
- Não tem interesse aos eventos em Milreu;
- Mais de 30 anos que não vai mais;
- Acredita que há "poucas plantas", não melhoram
- Considera-se muito católica
- Entende que as coisas estão a melhorar
- Nas suas palavras: "Deus é grande, vai mudar o mundo"
- Canta na igreja

Obs do pesquisador: sobre esta entrevista em específico, a senhora foi muito cordial, ofereceu uma laranja de seu estoque para o pesquisador. Ao final, convidou o pesquisador para ir à missa no outro dia.

ANEXO 3 - Construção da oralidade entre Milreu e Estoi

Nota-se tanto nos inquéritos online quanto nas entrevistas individuais, uma série de elementos de oralidade histórica, seja de eventos do passado, percepções culturais ou mesmo lendas e contos populares que podem trazer mais informação sobre os aspectos da mentalidade local. É válido pontuar que enquanto os inquéritos online traziam uma questão específica e obrigatória sobre histórias que a pessoa tenha vivido ou ouvido em Milreu, no caso da entrevista, as respostas surgiram de forma espontânea, com situações bem específicas.

Apesar de algumas das histórias não terem validade científica e serem apenas lendas populares, têm a capacidade de enriquecer o folclore local e a identidade de sua população.

Método de coleta

Para todos os casos, serão observados adicionalmente elementos de oralidade histórica. A relevância da oralidade histórica articula a memória individual com a história coletiva e a maneira pela qual as narrativas orais interagem com e complementam as fontes escritas tradicionais. Portanto, não é meramente uma técnica de coleta de dados, mas uma abordagem profunda que valoriza a subjetividade e as experiências vividas dos indivíduos. Isso é fundamental para uma compreensão mais completa dos eventos históricos, permitindo que nuances, sentimentos e perspectivas pessoais sejam integrados à narrativa histórica geral (Severino, 2016).

A opção por considerar a oralidade não apenas converge com objetivos propostos por Moser et al. assim como também garante desestruturar uma visão estática do que se tem do passado, tratando os eventos históricos como vivos e impregnados pela subjetividade de quem narra e de quem ouve. Essa abordagem ajuda a capturar a dimensão humana dos eventos históricos, frequentemente perdida nas representações mais técnicas e objetivas da historiografia tradicional.

Como analisado anteriormente, a comunidade de Estoi tem tradições que remontam a estruturas diversas oriunda de diversos elementos de histórias, lendas e componentes da sua fé que são traduzidos em suas tradições e símbolos presentes no cotidiano da aldeia.

Desta forma, para elaboração deste levantamento, foram analisados e consolidados os elementos de oralidade, em especial aquelas relacionadas à Milreu, detalhando como a população enxerga determinadas histórias e como estas afetam suas rotinas.

Oralidades

Jogos de Infância

Algumas pessoas compartilham memórias de infância brincando nas ruínas, explorando o local ou participando de eventos educativos durante a escola. Também são resgatados momentos antes da musealização do espaço onde é mencionado um jogo realizado com as "pedras" de Milreu. Composto com partes dos mosaicos, das colunas e de outros elementos do espaço, as crianças costumam colecionar as pequenas parcelas dos materiais que encontravam e disputar em jogos que as utilizavam. Apesar de representar alguns problemas quanto à consciência patrimonial das crianças na época, ilustra um pouco como o patrimônio estava integrado na vida cotidiana e nas tradições desde cedo.

Escavações arqueológicas e relação artefatos

Muitas das pessoas mencionaram conhecer pessoas que tenham participado das escavações realizadas pelo Instituto Arqueológico Alemão. Durante a observação na aldeia, foi possível comprovar o dado ao verificar que algumas pessoas chegaram a conhecer Hauschild e trabalhar com ele durante as escavações.

Há menções sobre como as escavações afetam a percepção local das ruínas, com algumas pessoas crescendo ao redor das ruínas e observando o local em diversos estados de escavação e conservação ao longo dos anos.

Também existem relatos de pessoas que dentro e fora do âmbito das escavações, tiveram contato com os artefatos das ruínas - um entrevistado alegou que seu avô encontrou uma espada na região de Milreu. Alguns mencionaram que chegaram a recolher esses itens e manter em casa.

Também percebe-se uma grande preocupação com relação a manter esses achados em museus como os de Faro e Lisboa, retirando do seu espaço original ou mesmo de Estoi.

A relevância e percepção dos problemas de Estoi

Outros relatos abordam o papel de Estoi como um local que agrega valor histórico e cultural para as pessoas que moram ou visitam a região. Há uma preocupação geral com alguns temas como preservação da aldeia, perda da identidade histórica, descaso com monumentos e segurança.

Algumas pessoas mencionaram que a junção das freguesias de Estoi e Conceição é um dos fatores que limitou o acesso da aldeia para recursos financeiros que pudessem trazer mais investimentos e melhorias operacionais como a presença mais eficiente da GNR.

Também foram citados problemas com imigrantes como uma das razões dos problemas. Enquanto há uma percepção de que, nos termos dos moradores, "ingleses" adquirem moradias para temporadas de veraneio ou aluguel, há o que comumente chamam de "pessoas do leste", que arrendam espaços para viverem nas casas que antes pertenciam a alguém conhecido. Na visão dos mesmos, podem ocorrer ações que causam insegurança no local.

Não houve menção direta a outras nacionalidades como a brasileira, a francesa ou as oriundas da África como angolana ou moçambicana.

No que tange às ruínas, estas são vistas como parte integrante da herança cultural de Estoi porém distante das estratégias de gestão da aldeia e conseqüentemente de sua população.

Festa da Pinha

A festa da pinha também é comumente citada nas entrevistas, seguida da feira do cavalo. É possível perceber que alguns estabelecimentos trazem fotos e elementos que remetem aos festejos locais.

Origens pagãs

Sob esse ângulo, desde o uso do fogo nas festividades até a forma como os recursos hídricos são tratados, são elementos culturais que são mencionados por alguns dos entrevistados como características de um paganismo local pouco aparente na atualidade e que segundo a mentalidade de algumas pessoas, seria algo presente no passado e que se perdeu.

Não é possível perceber a origem desta percepção, o que se sabe é que tanto Ataíde (1914) quanto algumas bibliografias mais recentes mencionam tais relações com elementos mais pagãos, em alguns casos, relacionando-os com a Festa da Pinha.

A Moura Encantada

Também amparado pelos textos de Ataíde (1914), parte da população comentou as lendas relacionadas com a Moura Encantada. A lenda da Moura Encantada descrita em uma placa a poucos metros das ruínas de Milreu torna-se uma presença recorrente e marcante nos relatos sobre o sítio. Enquanto muitas pessoas reconhecem a figura da Moura Encantada como parte integrante do folclore local, associando-a frequentemente a um suposto palácio escondido nas proximidades das ruínas, parte parece considerar uma narrativa que realça o mistério e a profundidade histórica do local.

A lenda conta a história de José Coimbra, um almocreve do Algarve, que encontrou uma moura encantada nas ruínas de Milreu. Esta lhe ofereceu um palácio de ouro em troca de quebrar o encanto sobre ela e seus irmãos transformados em animais. Apesar de inicialmente aceitar, José desistiu e, ao tentar vender o ouro recebido, ficou cego, mas foi posteriormente perdoado e teve sua visão restaurada pela moura após um arrependimento sincero (Porto Editora, s.d.).

Túneis de Milreu

É comum a menção de diversos túneis em Milreu e Estoi. Os trabalhos em Milreu não mencionam os túneis e não há evidências que apontem para a existência deles.

Sabe-se que existiam canais para transporte de água de um ponto a outro em Estoi, motivo que pode ter motivado tal ímpeto popular mas não há nenhum documento

publicado que tenha explorado a fundo a origem ou composição destes elementos arquitetônicos com detalhe.

Alguns relatos orais acreditam que há túneis conectando passagens secretas entre o Palácio de Estoi e Milreu e até à cidade de Faro, como rota de fuga em caso de ataques ao palácio ou conectando elementos mais míticos.

ANEXO 4 - Observações não sistemáticas

Avaliação do cenário português para avaliação do patrimônio material e imaterial

Além de uma revisão bibliográfica dentro das ações executadas, foi observado no período de 1 de Janeiro a 30 de Junho de 2024 as ações culturais divulgadas nas redes sociais a fim de observar a participação da população. Foram consideradas tanto as postagens do Patrimônio Cultural I.P. quanto das câmaras municipais de Lisboa, Faro e Coimbra.

Notou-se que muitas das publicações referentes ao patrimônio material e eventos realizados dentro desses espaços, são divulgados pelas páginas do Patrimônio Cultural I.P., sendo que aos eventos relacionadas ao patrimônio imaterial como marchas populares, festas (em grande parte com celebração à santidades católicas) e eventos musicais e culturais, são comunicadas pelas câmaras municipais.

O patrimônio imaterial também é celebrado em postagens do Patrimônio Cultural I.P. porém com pouca incidência.

O *Call to Action* (CTA) das postagens em sua grande maioria, incentiva a participação dos eventos, sem uma chamada específica para colaboração e construção dos eventos. Não há um canal direto para a população poder se voluntariar aos projetos culturais.

No caso do Patrimônio Cultural I.P., foi notado no período analisado a participação de alguns concursos, como de fotografia em 8 de Junho de 2024, um curso de formação de marketing digital em 28 de Maio de 2024 e submissão para bolsas de investigação científica do Instituto arqueológico alemão em 24 de Abril de 2024. Porém ainda distante do envolvimento da população na elaboração de projetos mais elaborados. Em todos os casos, as postagens do órgão levam à página oficial que, dentro de seus links, possui a opção de voluntariado, porém até a data final da observação, não

continha nenhuma informação, apenas os dizeres "em breve" com a opção de subscrição de uma *newsletter*.

É possível perceber que as postagens envolvendo festas da câmara têm maior interação e sugerem maior participação da população, sobretudo nas tomadas de decisão. Isso aplica-se por exemplo à festa da Pinha de Estoi e das marchas populares de Lisboa e Coimbra, que aparentam demandar muito trabalho da população, gozam de certa autonomia mas que dependem do incentivo e viabilização do poder público para que ocorram - denota-se certa dependência.

Observações relativas a comunidade de Estoi

A fim de compreender as dinâmicas dentro de Estoi e justificar algumas das situações apontadas nos inquéritos, foram realizadas diversas observações não sistemáticas dentro da aldeia de Estoi.

As mesmas foram realizadas em 4 momentos: em visitas à aldeia nos dias 23 de Fevereiro de 2023, 02 de Março de 2024, 02 de Abril de 2024 e 18 de Abril de 2024, onde também ocorreu o evento nas ruínas relacionado ao dia Internacional dos Monumentos e Sítios, promovido pelo Patrimônio Cultural I.P. e organizado pela administração de Milreu (Direção-Geral do Patrimônio Cultural, 2024). Nessa ocasião em específico, foi realizada uma visita guiada durante o pôr do Sol, mediada pelo arqueólogo responsável e contou com um grupo misto de pessoas e idades

Visita à aldeia

A observação contou com uma série de acompanhamento de conversas e interações diretas pontuais que ocorreram em alguns estabelecimentos locais como lojas, restaurantes, mercados, praças e cafés.

No início, o pesquisador adotou uma postura passiva e anotou as dinâmicas das interações que ocorriam em diversos espaços da aldeia. Nesse sentido percebeu-se que:

- Os transeuntes eram compostos em sua maioria por moradores e trabalhadores, além da presença de pessoas que comportavam-se como turistas.

- Os potenciais turistas, aparentavam ser de outros países, pois conversavam em idiomas diversos como inglês, alemão, francês e outros idiomas não identificados. Não foi possível identificar a nacionalidade dos mesmos.
- Nos dias observados, dos turistas que visitaram Milreu ou que transitavam pelas proximidades, não foi possível notar uma preferência de locomoção, sendo notadas duas: uso de carro ou caminhadas a pé.
- Dentro da aldeia, foi percebida a utilização grande das escadarias da rua da Barroca para locomoção a pé, por alguns dos turistas.
- Também foram observadas a utilização das ruas de São José e Pé da Cruz, dada proximidade com a pousada do Palácio de Estoi.
- Mesmo aqueles turistas que aparentavam ser idosos, caminhavam utilizando a rua de Faro para acessar a região onde estão as ruínas de Milreu.
- A rua de Faro se mostrou a mais movimentada pois é um dos acessos da rodovia N2 e da autoestrada A22.
- Nos dias visitados, havia uma grande movimentação veicular na rua de Olhão, rua do Cemitério, rua da Escola e rua João de Deus.
- O acesso dos transeuntes foi mais percebido nas imediações do largo Ossonoba e do largo da Liberdade, onde ocorreram as principais observações com interação.
- Houve menção frequente sobre idas ao municípios de Olhão e Faro.
- Forte utilização de smartphones e redes sociais, sendo o *facebook* a única rede social ou site mencionado por diversas pessoas;
- Percebeu-se comentários com relação aos eventos do período (eleições legislativas portuguesas, Festa da Pinha e 25 de Abril).
- Em alguns estabelecimentos comerciais, há fotografias da Festa da Pinha coladas nas paredes.
- Os moradores falam mais de temas do cotidiano local e sobre outras pessoas de convívio próximo, sem menção por exemplo a eventos de escalas globais.
- Houve menção ao Palácio de Estoi e situações com pessoas que trabalhavam no espaço, à igreja matriz e missas e citações envolvendo o mercado de Estoi..
- Exceto esses três locais, nenhuma menção espontânea ao sítio de Milreu ou a outros pontos históricos e culturais de Estoi foi feita.

Em alguns casos, o pesquisador abordou as pessoas diretamente em grupo ou sozinhas.

Quando o pesquisador mencionou ser da Universidade do Algarve e estar estudando sobre Milreu. Observou-se que:

- De maneira geral, as pessoas consideram que Milreu é afastado do centro da aldeia e acreditam estar longe das dinâmicas da aldeia;
- Apresentaram interesse pela formação do pesquisador - não realizaram nenhum apontamento pessoal sobre ele;
- Algumas pessoas consideraram que nunca visitaram Milreu - sem apresentar um motivo;
- Questionaram se o pesquisador conhecia algumas pessoas que fazem parte da aldeia e estão relacionadas com Estoí;
- Fizeram elogios sobre a importância histórica apesar de demonstrarem um distanciamento pessoal, seja por não irem mais ou porque o espaço mudou muito desde que eram mais jovens.

Quando citou o projeto realizado na aldeia sobre a relação delas com o patrimônio, as pessoas foram mais detalhistas:

- Deram recomendação para falar com pessoas específicas - em especial o antigo presidente da câmara e também com o arqueólogo responsável por Milreu;
- Fizeram menção aos trabalhos realizados pelo Instituto Arqueológico Alemão e do arqueólogo responsável na época, Theodor Hauschild - alguns mencionaram que o conheceram;
- Comentaram que muitos moradores ajudaram nas escavações durante a época;
- Afirmam que sabem que muito material arqueológico foi para o município de Faro e não foi estudado. Algumas das pessoas acreditam que o próprio sítio mantém muitos desses materiais alojados em caixas;
- Para alguns, o deslocamento desses materiais para Faro tiraram a identidade da aldeia;
- Também consideravam que antigamente, antes da musealização, o espaço era do cotidiano das pessoas e hoje não é mais;
- Aos que já foram, visitaram uma vez e já era o suficiente - não havia o que ver ali;

- Frequentam os eventos em Estoi - grande destaque para a festa da pinha - mas não frequentam os de Milreu;
- Os motivos mencionados por não frequentarem os eventos em Milreu têm relação com a distância e pelo fato dos eventos não conversarem com as mesmas;
- Entendem que há espaços no sítio que não estão bem cuidados;
- Há pessoas no grupo que nunca visitaram Milreu. No caso, as pessoas indicaram que não tinham interesse;
- Mencionam Ossonoba como sendo a *villa* de Milreu;
- Acreditam que as pessoas foram afastadas do sítio mas não souberam detalhar mais as razões;

Espontaneamente percebeu-se que as pessoas direcionaram a interação para outros temas mais gerais:

- Reforçam que Estoi está abandonada há 2 anos com fontes que estão secas e jardins pouco cuidados;
- Mencionaram frequente ao fato das freguesias de Conceição e Estoi serem apenas uma assim como os desafios administrativos;
- Não sabem dizer se o motivo do abandono tem relação com a junção das freguesias em 2012, mas entendem, na percepção deles, que muitos dos investimentos aparentam ir para Conceição e não para Estoi;
- Exceto para os casos já percebidos com o caso dos donos dos estabelecimentos comerciais, espontaneamente citaram o ofício ou onde trabalharam no passado;
- Mencionaram histórias sobre o Hotel Casa de Estoi e pelo fato de entenderem ser genovês - também mencionaram outras benfeitorias que acreditam ter sido feita no passado por estrangeiros em toda aldeia;
- Algumas das pessoas convidaram o pesquisador para ir para missa ou para a Festa da Pinha que estava por acontecer;
- Mencionaram eventos como as eleições legislativas portuguesas (10 de Março de 2024), a Festa da Pinha (que ocorre todo o dia 2 de Maio), a Festa da Pinha das crianças (25 de Abril) e Revolução dos Cravos (25 de Abril) - Não houve menção à Feira do Cavalo (anualmente em meados de Setembro).

Nenhuma demonstrou animosidade na aproximação. Apenas 1 pessoa recusou-se a continuar a conversa conforme a conversa evoluiu e abandonou o grupo durante a interação. Esta mesma pessoa nunca havia visitado Milreu e era morador e comerciante local.

Dentre todas as pessoas abordadas nas interações, 4 pessoas eram donas de estabelecimentos comerciais, 1 pessoa trabalhava em um hotel próximo, 1 pessoa já havia trabalhado no Palácio de Estoi, 1 teve relação com junta da freguesia no passado e 2 pessoas não informaram seus ofícios.

O uso das interações ajudou a estabelecer um contato inicial que pareceu remover algumas barreiras para conversas mais profundas na segunda interação, permitindo evolução na receptividade e engajamento. Há uma progressão do nível de detalhe nas respostas dos participantes à medida que o pesquisador se torna mais conhecido entre eles durante as interações e desta forma, as conversas mais críticas também passam a ser mais frequentes.

Visita guiada às Ruínas

O evento "Ruínas ao Occasus Solis" realizado em 18 de Abril de 2024 contou com a presença de aproximadamente 30 pessoas de várias idades. Dentro do Dia Internacional dos Monumentos, as atividades iniciaram-se às 19:30 e terminaram por volta das 21:30. Durante o evento, através de uma abordagem não sistemática, observou-se que:

- Aproximadamente 6 pessoas não tinham visitado o sítio até aquele dia.
- Exceto o pesquisador que estava junto ao grupo, não havia estrangeiros.
- O sítio de Milreu está visivelmente passando por reformulações.

Devido a mudança da responsabilidade e transferência física de alguns dos recursos humanos para Milreu, os profissionais foram alocados dentro do Centro de Interpretação, inviabilizando o acesso ao espaço pelo público. Durante o evento foi mencionada essa situação assim como um ação de conservação ainda em construção que pode alterar as dinâmicas de visitação no futuro. Não foi identificado incômodos expressivos por parte dos visitantes.

- Havia uma visitante com baixa visão. Nesse caso em específico, a visitante fez uma visita acompanhada de seu cônjuge uma hora antes da visita guiada. Ambos eram idosos, chegaram de carro e apresentavam algum nível de limitação de

locomoção e utilizavam bastões de caminhada para realizar a visitação. Os dois foram os primeiros a chegar e os últimos a deixarem o local pois estavam engajados em interagir com os profissionais do espaço e com outros participantes.

- Foram identificados 2 professores e 1 estudante da Universidade do Algarve que se apresentaram desta forma - seus cursos e formações não foram definidos.

- A estudante da Universidade do Algarve era de Estoi e estava realizando uma filmagem e coleta de imagens para um projeto na casa - até ter iniciado dias antes da visitação seu projeto nunca havia visitado as ruínas de Milreu.

- Muitas pessoas eram das redondezas, incluindo Faro e Estoi.

- Ao final, expressaram grande satisfação geral por parte dos participantes.

- As pessoas permaneceram engajadas durante toda a visitação mesmo após anoitecer.

- Durante o período noturno, as pessoas utilizaram as lanternas disponibilizadas pela administração de Milreu ou mesmo as presentes em seus dispositivos móveis. Não houve mudança no ritmo da visita.

- A visita à casa rural (espaço fechado dentro do complexo além da recepção e centro de interpretação) foi realizada no período com baixa luminosidade.

- Apesar da divulgação constatar que o limite de pessoas para o evento era de 100 pessoas, a percepção da administração é que o grupo era grande.

- O evento contava com uma lista de inscrição, porém acredita-se que houve participantes adicionais ao registrado.

- Apesar de poucas perguntas, houve algumas direcionadas aos elementos arquitetônicos, aos sepultamentos do local e do espaço fora do complexo, na região do laranjal.

- O evento foi divulgado nas redes sociais e páginas da *internet* do Patrimônio Cultural I.P.. A imagem do evento foi compartilhada em um grupo da comunidade de Estoi no Facebook. Não é possível determinar o funil de conversão entre divulgação e participação uma vez que não foi percebida nenhuma pesquisa estruturada com os participantes.

- Foram mencionados convites diretos para algumas pessoas mas não foi mencionado nenhum outro canal de comunicação do evento - não foram identificados cartazes ou panfletagem do evento em Estoi.

- Não é possível determinar se os participantes foram impactados pela postagem nas redes sociais, por alguma campanha online, por convite direto ou indireto (participante a participante) - carece de dados.

Insights e correlações

O evento "Ruínas ao Occasus Solis" permite levantar algumas hipóteses que coincidem com o inquérito online e entrevistas.

Em suma, a participação de pessoas de várias faixas etárias, incluindo crianças, jovens, adultos e idosos, destaca uma abordagem inclusiva ao patrimônio cultural com curiosidade sobre o passado. Tais interesses pelo passado também estiveram presentes em diversas respostas e demonstram uma oportunidade ratificada por esta observação

Tais pontos também podem ser observados com o envolvimento de professores e estudantes da Universidade do Algarve no dia, incluindo um projeto de filmagem por uma estudante local, potencialmente indicando uma oportunidade a ser melhor testada para integrar mais atividades educacionais e projetos de pesquisa em eventos futuros.

A presença e o engajamento de um casal idoso com limitações de mobilidade, também enfatizam a importância da acessibilidade em eventos patrimoniais no espaço, do qual permite que todos os segmentos da população participem e se envolvam.

Por fim, um ponto de atenção que potencialmente pode ser explorado é com relação a divulgação do evento. Sugere-se que a estratégia de marketing pode não considerar expectativas locais e levanta oportunidades de avaliação quanto a centralização das comunicações no Patrimônio Cultural I.P..

Como supõem as metodologias envolvendo os elementos *merchandising* da Arqueologia Comunitária, é possível reavaliar se as estratégias de comunicação e divulgação aplicadas em Milreu estão em linha com as demandas da comunidade local.

Comparação entre as observações

Nas observações feitas em Estoi e no evento "Ruínas ao Occasus Solis" em Milreu, nota-se que ambas as situações mostraram um engajamento da comunidade com o patrimônio cultural, envolvendo diversas faixas etárias. No entanto, as interações diárias em Estoi abrangeram uma variedade de temas diversos locais e trouxeram mais informações sobre a comunidade em si. Por outro lado, o evento trouxe à tona a atenção

a temas específicos como acessibilidade e divulgação. Novas observações podem ser necessárias para identificar novos temas ou mesmo estabelecer novas similaridades e discrepâncias. Nota-se contudo que a observação como método complementar trouxe mais contextos e ratificações aos resultados apresentados nos inquéritos online e nas entrevistas individuais.